

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**CARLOS HENRIQUE NERES DOS SANTOS**

**SOB A LUZ DOS INFAMES - ANTICLERICALISMO NAS IMAGENS  
DO JORNAL *A LANTERNA* - *FOLHA ANTICLERICAL DE COMBATE*  
(SÃO PAULO, 1909-1916)**

**FRANCA**

**2019**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**CARLOS HENRIQUE NERES DOS SANTOS**

**SOB A LUZ DOS INFAMES - ANTICLERICALISMO NAS IMAGENS DO  
JORNAL *A LANTERNA* - *FOLHA ANTICLERICAL DE COMBATE*  
(SÃO PAULO, 1909-1916)**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) – Unesp/Franca, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.**

**Linha de pesquisa: História e Cultura Social.**

**Orientadora: Profa. Dra. Valéria dos Santos Guimarães**

**FRANCA**

**2019**

S237s Santos, Carlos Henrique Neres dos  
Sob a luz dos infames : anticlericalismo nas imagens do  
jorna A Lanterna - folha anticlerical e de combate (São  
Paulo, 1909-1916) / Carlos Henrique Neres dos Santos. --  
Franca, 2019  
115 p. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista  
(Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais,  
Franca  
Orientadora: Valéria dos Santos Guimarães

1. História Cultural. 2. História do Brasil. 3. Imprensa.

I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo  
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

**CARLOS HENRIQUE NERES DOS SANTOS**

**SOB A LUZ DOS INFAMES - ANTICLERICALISMO NAS IMAGENS DO  
JORNAL A LANTERNA - FOLHA ANTICLERICAL DE COMBATE  
(SÃO PAULO, 1909-1916)**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) – Unesp/Franca, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.**

**Linha de pesquisa: História e Cultura Social.**

**Orientadora: Profa. Dra. Valéria dos Santos Guimarães**

**BANCA EXAMINADORA**

**Orientadora:\_\_\_\_\_**

**Profa. Dra. Valéria dos Santos Guimarães (Unesp/Franca)**

**Membro Titular:\_\_\_\_\_**

**Prof. Dr. José Adriano Fenerick (Unesp/Franca)**

**Membro Titular:\_\_\_\_\_**

**Profa. Dra.**

**Franca, 02 de outubro de 2019**



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento concedido durante o Mestrado sem o qual essa pesquisa não teria sido realizada. Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento concedido à esta pesquisa no nível de Iniciação Científica e que viabilizou a confecção do projeto utilizado para o ingresso na Pós-Graduação.

À minha orientadora, Valéria dos Santos Guimarães, pelos cinco anos de orientação. Por ter acreditado, lá em 2014, em um jovem aspirante à pesquisador e ter dedicado seu tempo, seu esforço e sua atenção a cada etapa de desenvolvimento desta pesquisa. Sem o seu auxílio nada disso seria possível, professora Valéria, muito obrigado. Aos meus colegas de orientação, em especial ao Bruno Guaraldo e Isadora Mutarelli, com vocês compartilhei os desafios da academia e obtive ajudas valorosas.

Às pesquisadoras Márcia Regina Naxara e Isabel Lustosa por gentilmente aceitarem participar do exame de qualificação. A leitura cuidadosa que fizeram e as contribuições dadas foram de muita valia para o aprimoramento do trabalho. Ao professor José Adriano Fenerick por gentilmente aceitar compor a mesa para a defesa de mestrado.

À todas as pessoas com quem tive o prazer de conviver durante todos esses anos de Unesp. Aos meus camaradas de movimento estudantil, resistir é sempre preciso. Ao meu amigo Bruno Soares pelas longas tardes de preparação para o processo seletivo do mestrado e pelos anos de francês, nos reencontraremos em breve, parceiro. Aos meus amigos da Moradia Estudantil, sobretudo àqueles do Sacro Império do Primeiro andar, guerreiros com quem vivi e aprendi intensamente durante dois anos.

Aos meus amigos do Clã e, especialmente, à minha família da Só Monstrão, com vocês desfrutei dos melhores anos da minha vida, momentos que jamais serão esquecidos. A gratidão que levo por vocês é eterna. Luís, Gabriel, Meiri, Jaque, Bizu e a todos que lá passaram, muito obrigado. À menina Natasha, a mais grata surpresa com que Franca nos presenteou aos 45 do segundo tempo. Eu não poderia ter deixado a orientação, o movimento estudantil e a pessoa que mais amo na vida em mãos melhores que as suas, menina, obrigado por tudo.

À minha namorada Monique, pessoa que me incentivou a ingressar na Pós e a primeira a acreditar que eu seria capaz de trilhar esse caminho. Obrigado, meu raio de luz, por todo o amor, carinho, cuidado e compreensão. Por todos os momentos que eu esmoreci e você estava

ao meu lado para me inspirar dizendo o quanto acreditava no meu potencial, até mais do que eu. Dedicarei cada dia da minha vida a retribuir tudo o que você fez e faz por mim, te amo.

À minha família de Araras, Darci, Daniel, Marias, Dito, Dora, Geraldo, Dani e todos os outros que me acolheram tão carinhosamente. À Mariane e ao Paulinho, obrigado por toparem todos os rolês, o mundo é pequeno demais para nós, pessoal, estamos apenas começando.

Aos meus amigos de Caraguatatuba, em especial à Paloma, Roger (menção honrosa à Dal), Renan, Priscila, Robson, Elô, Débora e William. Mais do que amigos, vocês são minha família, obrigado por todos os momentos felizes que me proporcionam, estar com vocês é sempre um prazer.

Aos meus familiares pelo apoio e confiança. Se cheguei até aqui, foi porque tenho uma família maravilhosa que sempre me deu todo o suporte quando precisei. Aos meus primos por todas as resenhas, vocês são demais. Ao meu irmão, Eduardo, à minha cunhada, Cintia, ao maior presente que a vida nos deu, minha afilhada Maria Clara, tem muito de Tiradentes nessa dissertação, amo vocês. À minha vó, Raimunda e ao meu avô, Brito. Não sei nem como dizer o quanto sou grato a vocês por terem me ajudado prontamente em todos os momentos que precisei. Quando eu crescer, quero ser como vocês. À minha mãe, Sandra. Agradeço por ter me feito o homem que sou e a ter confiado nas minhas escolhas mesmo quando seu coração dizia para não me deixar ir. Obrigado por tudo, mãe.

Por fim, agradeço a todos que se foram e que lá de cima olham por mim, em especial à tia Leninha e ao meu pai, Orlando. Pai, você colocou meu nome de Carlos Henrique pois dizia que era nome de doutor e seu filho seria doutor. Então, mais um passo foi dado, chegarei lá.

SANTOS, Carlos Henrique Neres dos. *Sob a luz dos infames: anticlericalismo nas imagens do jornal A Lanterna – folha anticlerical e de combate (São Paulo, 1909-1916)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca-SP, 2019.

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a função que as caricaturas desempenharam dentro da estratégia de combate ao clericalismo do jornal paulista *A Lanterna – folha anticlerical e de combate*, durante sua segunda fase, dos anos de 1909 a 1916. O intuito do exame será demonstrar como o periódico se utilizou de denúncias às contradições entre doutrina e prática cristã para, através das representações, tentar questionar a mentalidade clerical vigente na sociedade de então, com base em ideais libertários tal como a laicização do Estado. Este trabalho se orienta pela abordagem teórica ligada à história da leitura, em que a história da imprensa é compreendida como um campo de interesse onde se cruzam os âmbitos da produção, difusão e recepção dos impressos, na acepção de Robert Darnton, e os sentidos que tomam as ideias e imaginários por eles difundidos bem como suas articulações socioculturais. A abordagem metodológica consistirá em recolher e compilar imagens; organizá-las e classificá-las de acordo com critérios previamente estabelecidos, de preferência, sugeridos pela fonte; e por fim, fazer a análise e divulgação dos resultados. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. A pesquisa é um desdobramento do projeto IC/FAPESP “Sob a luz dos infames: anticlericalismo nas representações iconográficas do jornal *A Lanterna – folha anticlerical e de combate (1909-1916)*”.

**Palavras-chave:** História Cultural; História da Imprensa do Brasil; Anticlericalismo.

SANTOS, Carlos Henrique Neres dos. *In the light of the infamous: anticlericalism in the images of the newspaper A Lanterna - folha anticlerical e de combate (São Paulo, 1909-1916)*. Dissertation (Master's Degree in History) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca-SP/Brazil, 2019.

## ABSTRACT

This research aims to comprehend the function that caricatures fulfilled inside the strategy of combat against clericalism by the paulista newspaper *A Lanterna – folha anticlerical e de combate*, during its second phase, from 1909 to 1916. The purpose of this exam will be to demonstrate how the journal made use of denounces of the contradictions between Christian doctrine and practice in order to, through the representations, attempt to question the clerical mentality of society in that time, based on libertarian ideas such as laicization of the State. This work is oriented by the theoretical approach linked to the history of reading, in which the history of the press is comprehended as a field of interest where the ambits of production, diffusion and reception of the printed material crisscross, in Robert Darnton's thinking, and the senses that ideas and imaginary diffused by him take, as well as its sociocultural articulations. The methodological approach will consist in collecting and compiling images; organizing and sorting them according to previously established criteria, preferably suggested by the source; and lastly, make the analysis and publishing of the results. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001. The project is an outspread of the IC/FAPESP research: Under the light of the infamous: anticlericalism in the iconographical representations of the journal *A Lanterna – folha anticlerical e de combate (1909-1916)*.

**Keywords:** Cultural history; History of the Brazilian Press; Anticlericalism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                       |     |
|-----------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 – Entre dois ladrões.....                                    | 20  |
| Figura 2 – Capa da primeira edição do jornal <i>A Lanterna</i> .....  | 35  |
| Figura 3 – Óculos contra a luz da <i>Lanterna</i> .....               | 58  |
| Figura 4 – As luzes do progresso.....                                 | 62  |
| Figura 5 – Os instrumentos de dominação.....                          | 62  |
| Figura 6 – <i>Les Corbeaux</i> .....                                  | 72  |
| Figura 7 – <i>El Motin</i> .....                                      | 72  |
| Figura 8 – Método de Ensino clerical.....                             | 73  |
| Figura 9 – Uma partida que deveria durar para sempre.....             | 74  |
| Figura 10 – A escola clerical.....                                    | 77  |
| Figura 11 – Símbolos, <i>Martin Fierro</i> .....                      | 78  |
| Figura 12 – <i>L'Asino</i> .....                                      | 78  |
| Figura 13 – A Escola clerical.....                                    | 79  |
| Figura 14 – <i>Revista Liberal</i> .....                              | 79  |
| Figura 15 – O que produzem os colégios clericais.....                 | 79  |
| Figura 16 – Os ensinamentos da Igreja (segundo o Padre Ravaioli)..... | 85  |
| Figura 17 – O ensino da abstinência... na quaresma.....               | 86  |
| Figura 18 – O ensino da pobreza... dos outros.....                    | 86  |
| Figura 19 – A menor Idalina.....                                      | 88  |
| Figura 20 – Edição extraordinária, <i>A Lanterna</i> .....            | 90  |
| Figura 21 – A nova terra de Canaã.....                                | 91  |
| Figura 22 – O trabalho da polícia no Caso Idalina.....                | 93  |
| Figura 23 – Atrativos da vocação.....                                 | 95  |
| Figura 24 – Missionários.....                                         | 95  |
| Figura 25 – Retirada.....                                             | 96  |
| Figura 26 – O jejum.....                                              | 96  |
| Figura 27 – A divisão do trabalho.....                                | 97  |
| Figura 28 – A carestia da vida.....                                   | 100 |
| Figura 29 – Preceitos divinos.....                                    | 101 |
| Figura 30 – Planos futuros.....                                       | 102 |
| Figura 31 – O fardo.....                                              | 102 |
| Figura 32 – Como eles roubam o povo.....                              | 102 |

|                                                   |            |
|---------------------------------------------------|------------|
| <b>Figura 33 – A equidade social.....</b>         | <b>103</b> |
| <b>Figura 34 – A luz do livre pensamento.....</b> | <b>109</b> |
| <b>Figura 35 – União do proletariado.....</b>     | <b>109</b> |
| <b>Figura 36 – Fogueira purificadora.....</b>     | <b>110</b> |
| <b>Figura 37 – Ideal libertário.....</b>          | <b>111</b> |
| <b>Figura 38 – A força reprimida.....</b>         | <b>112</b> |
| <b>Figura 39 – Cains modernos.....</b>            | <b>113</b> |
| <b>Figura 40 – As faces da guerra.....</b>        | <b>114</b> |
| <b>Figura 41 – Entre dois ladrões.....</b>        | <b>116</b> |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                           |                |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                    | <b>11</b>      |
| <br><b>CAPÍTULO 1 – ECOS DE BARCELONA: O FUZILAMENTO DE FRANCISCO<br/>FERRER E A REFUNDAÇÃO DO JORNAL A LANTERNA.....</b> | <br><b>20</b>  |
| 1.1. <i>Caminhos cruzados: Benjamim Mota, Edgard Leuenroth e a imprensa operária.....</i>                                 | 23             |
| 1.2. <i>A segunda fase da Lanterna (1909-1916) .....</i>                                                                  | 31             |
| 1.3. <i>Imprensa, humor e imagem na belle époque paulistana .....</i>                                                     | 38             |
| <br><b>CAPÍTULO 2 – ANTICLERICAL, DE COMBATE E COSMOPOLITA.....</b>                                                       | <br><b>55</b>  |
| 2.1. <i>O anticlericalismo na Primeira República.....</i>                                                                 | 55             |
| 2.2. <i>Os impressos anticlericais (e anarquistas) numa perspectiva transnacional.....</i>                                | 67             |
| 2.3. <i>As imagens da Lanterna integradas a um circuito de comunicação.....</i>                                           | 71             |
| 2.3.1. <i>Pelo legado de Ferrer: as críticas ao ensino religioso.....</i>                                                 | 77             |
| <br><b>CAPÍTULO 3 – “O PADRE: EIS O INIMIGO!” .....</b>                                                                   | <br><b>82</b>  |
| 3.1. <i>O caso Idalina e as denúncias à luxúria clerical.....</i>                                                         | 87             |
| 3.2. <i>O clero, o capitalismo e a campanha contra a carestia da vida.....</i>                                            | 100            |
| 3.3. <i>“De porta da Europa”: A Lanterna diário e a Primeira Guerra Mundial.....</i>                                      | 106            |
| <br><b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                      | <br><b>117</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>                                                                                   | <b>120</b>     |
| <b>ANEXOS .....</b>                                                                                                       | <b>126</b>     |

## INTRODUÇÃO

A transição do século XIX para o século XX foi um período de profundas transformações no mundo, com mudanças em todas as esferas da sociedade. Seja no âmbito cultural, social, político, econômico ou em qualquer outro, os impactos da chamada II Revolução Científico-tecnológica se fizeram presentes, tanto no que tange às novas tecnologias que foram criadas a ritmo alucinante, quanto à expansão dos mercados europeus, que passaram a abranger praticamente todos os cantos do globo. No Brasil, “a sociedade senhorial do Império, letárgica e entravada, mal pode resistir à avidez de riquezas e progresso infinitos prometida pela nova ordem internacional”, cedendo lugar a uma nova fase coroada com a Proclamação da República e aos anseios por modernização e progresso.<sup>1</sup>

De acordo com a historiografia, a imprensa tornou-se a catalisadora desse novo momento. Acompanhando o avanço do capitalismo e se modernizando conforme iam surgindo novas técnicas de produção, os impressos chegavam a um número de leitores cada vez maior, multiplicando seus exemplares, títulos e segmentos numa velocidade alucinante.<sup>2</sup> Em seu livro seminal sobre a história da imprensa no Brasil, Nelson Werneck Sodré sintetizou essa virada na imprensa brasileira da seguinte maneira:

A passagem do século, assim, assinala, no Brasil, a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. Se é assim afetado o plano da produção, o da circulação também o é, alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores.<sup>3</sup>

A Belle Époque brasileira trouxe consigo um anseio por sofisticação, requinte e hábitos que estivessem ao compasso do que de melhor ocorresse nos centros culturais europeus, sobretudo franceses. Não tardou para que o aprimoramento da imprensa possibilitasse a disseminação das ilustrações nas folhas periódicas, seguido do *boom* das revistas ilustradas. Na esteira dos traços de Agostini, Fleuiss, Rafael Bordalo Pinheiro, dentre outros pioneiros, desenhistas como Voltolino, J. Carlos, Raul Pederneiras e K. Lixto, para citar apenas alguns, marcaram época com suas gravuras cada vez mais requintadas e que

---

<sup>1</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 44.

<sup>2</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª Ed., Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999, p. 5.

<sup>3</sup> Ibid, p. 275.



captavam os conflitos, as contradições e as transformações que borbulhavam na sociedade do período.

Ao longo da história, as imagens desempenharam funções muito importantes em variados momentos. Seja na antiguidade, na Idade Média ou contemporânea, em eventos como a reforma protestante, a revolução francesa ou no recente massacre do *Charlie Hebdo*, sejam essas imagens gráficas, óticas, mentais ou verbais<sup>4</sup>, quer utilizadas para devoção ou combate, elas “constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosas e política de culturas passadas”, conforme afirma Peter Burke<sup>5</sup> em seu manual sobre as possibilidades de utilização das imagens como fonte para a história.

Ao focalizar o olhar na imprensa paulista, percebe-se a força que essas imagens exerceram não apenas para ditar modismos como também para contestar o *status quo* vigente, por meio das diversas folhas operárias e, sobretudo, anarquistas que se expandiram durante o início do século. Em relação à inserção dessas representações em meio ao contexto da imprensa operária brasileira, com ênfase em uma análise detalhada das imagens enquanto ferramentas repletas de particularidades e premissas próprias, são pouquíssimas as pesquisas que se dedicaram a esse recorte específico.

É tal lacuna que o presente trabalho<sup>6</sup> tem a intenção de preencher, ao apresentar elementos que possibilitem uma maior compreensão quanto à utilização desse recurso gráfico nos jornais libertários da Primeira República e sua importância na história da imprensa brasileira e na história do trabalho e dos trabalhadores anarquistas como um todo, tomando como referência uma abordagem transnacional de observação.<sup>7</sup> A imagem se configura como fonte legítima para o historiador, com uma tradição bem sedimentada na historiografia que valoriza seu uso como documento. No campo da história cultural, privilegiaremos as contribuições legadas desde a Escola dos Annales, desdobradas pelos Estudos Culturais

---

<sup>4</sup> COSTA, Alexandre. *A invisibilidade da imagem*. São Paulo: PUC-SP, Tese de Doutorado, 2011, p. 18.

<sup>5</sup> BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004, p. 17.

<sup>6</sup> Esta pesquisa é oriunda das experiências adquiridas no projeto *Leitura de jornais: compilação iconográfica dirigida. Pesquisa em fontes primárias*, coordenado pela Profa. Dra. Valéria dos Santos Guimarães, onde foi iniciado o trabalho de pesquisa e levantamento iconográfico, organização em base de dados digital, amparado por leitura metodológica e teórica e subsidiado por bolsa de Iniciação Científica (CNPq-PIBIC). Durante o desenvolvimento desta investigação ocorreu o primeiro contato com a fonte aqui trabalhada e, devido ao fato da pesquisa já estar voltada às imagens, ainda que o tema fosse outro, chamou atenção a maneira como as representações eram empregadas nas edições de *A Lanterna*, despertando curiosidade que culminou em uma série de questionamentos, estimulando assim a elaboração do projeto de pesquisa acerca do tema específico. A primeira incursão pelo tema deu-se na Iniciação Científica com apoio de bolsa FAPESP que resultou no projeto de mestrado.

<sup>7</sup> Este projeto foi desenvolvido no Laboratório de Estudos Avançados e Internacionais em História – LEIAH, sediado na UNESP, campus de Franca.

ingleses e pela chamada Nova História Cultural, em que a iconografia é considerada como importante elemento para recuperar representações de determinados fenômenos. Tais contribuições nos serão igualmente úteis por encerrarem métodos de utilização e tratos das fontes visuais, encaradas, nesta perspectiva, como “código estruturado, que exige interpretações de seus consumidores, analfabetos ou não”.<sup>8</sup>

Ao iniciar o trabalho com fontes visuais, pretendeu-se tomar contato com as propostas metodológicas clássicas sobre o tema, que são imprescindíveis, mas que ainda, por vezes, privilegiavam o estudo da arte canônica. Para isso, o primeiro autor observado foi Erwin Panofsky, não só por ser consagrado pela historiografia como referência na área, mas pela utilidade e importância de seus conceitos para a análise de imagens. Com o desenvolvimento da pesquisa, a abordagem teórica-metodológica foi aprofundada com as contribuições valorosas que Ernst Gombrich e Carlo Ginzburg, entre outros, deram aos estudos de Panofsky. Tais leituras mostraram-se incontornáveis para o desdobramento da análise e sua atualização com as discussões historiográficas, sobretudo aquelas de fins do século XX, que passam a legitimar o exame de objetos antes menosprezados ou pouco explorados por serem considerados sem valor estético, estando fora do cânone, portanto.

Ginzburg pensou tal discussão metodológica a partir das contribuições geridas no seio do Warburg Institute e seus seguidores. O autor, em sua obra *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e História*<sup>9</sup>, se propôs a analisar, sobretudo na introdução, como se desenvolveram as discussões acerca do problema de método na utilização dos testemunhos figurativos como fontes históricas.<sup>10</sup> De acordo com ele, Aby Warburg abriu caminho para que uma história da imagem do ponto de vista da teoria da cultura pudesse ser feita, “em nome de uma história da arte com um alcance mais amplo e dilatado do que a história acadêmica tradicional”, que pudesse recusar qualquer leitura “impressionista” ou estetizante das obras de arte.<sup>11</sup> O objetivo da pesquisa de Warburg seria duplo, por um lado seria preciso considerar as obras de arte à luz dos testemunhos históricos, por outro “a própria obra de arte e as figurações de modo geral deveriam ser interpretadas como uma fonte *sui generis* para a reconstrução histórica”:<sup>12</sup>

<sup>8</sup> SILVA, Marcos. *A construção do saber histórico – Historiadores e imagens*. Revista de História. São Paulo: USP, nº 125-126, 1992, p. 131,

<sup>9</sup> GINZBURG, C. “De A. Warburg a E. H. Gombrich. Notas sobre um problema de método”. In.: *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

<sup>10</sup> Ibid., p. 42.

<sup>11</sup> Ibid., p. 56.

<sup>12</sup> Ibid.

Eliminemos imediatamente um possível equívoco: nessa perspectiva, a avaliação propriamente estética estava, de fato, ausente [...]. Seus interesses mais verdadeiros estavam em outra parte. Num plano geral de método, o discurso é diferente. É inquestionável – pelo menos deveria ser – que esclarecer as alusões veladas numa pintura (se as há), indicar as evocações de um texto literário (se existem), indagar onde for possível a existência de clientes que a encomendaram, suas posições sociais, eventualmente seus gostos artísticos, ajudam a compreensão e ainda facilitam a avaliação acurada de uma obra de arte [...]. Mas, se esse trabalho preliminar de interpretação e decifração ajuda o espectador a colocar-se de modo adequado diante de uma pintura, é certo que ele não coincide com a avaliação propriamente estética. Uma pintura pode ser significativa para o historiador, por testemunhar determinadas relações culturais, importante para o estudioso iconográfico e, ao mesmo tempo, irrelevante do ponto de vista estético.<sup>13</sup>

Enquanto Aby Warburg, nos estudos sobre a sociedade florentina do século XV, buscou romper com a história da arte que privilegiava a estética em detrimento dos demais componentes de uma obra, em prol de uma teoria interdisciplinar da cultura, seus sucessores, diante da insuficiência de dados fornecidos pelos testemunhos figurativos, tiveram que se reconciliar com os dados estilísticos. O esforço em criar uma metodologia para utilização das fontes visuais como objetos privilegiados de análise, embora não fosse o objetivo principal de Warburg (que considerava determinante, por exemplo, a escolha de temas e a ligação entre forma e conteúdo), norteou os chamados “warburguanos”. Dentre eles, Ginzburg destaca Erwin Panofsky, que fez parte do que o autor denominou primeira geração dos warburguanos, e Ernst Gombrich, diretor do Instituto entre os anos de 1959 e 1976, membro da chamada segunda geração.<sup>14</sup>

Erwin Panofsky, ao propor pesquisas históricas que utilizassem as fontes figurativas como objeto central de análise e apresentar um método sistematizado que servisse como base para tais investigações, permitiu que avanços importantes fossem dados na área. Embora não tenha solucionado a questão sobre como aliar a análise dos dados figurativos aos estilísticos das fontes visuais, seu método de descrição iconográfica mostrou-se imprescindível para quem pretende trabalhar com estudo de imagens. Por iconografia, Panofsky compreende “o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma”<sup>15</sup>

O sufixo “grafia” vem do verbo grego *graphein*, “escreve”, implica um método de proceder puramente descritivo, ou até mesmo estatístico. A iconografia é, portanto, a descrição e classificação das imagens, assim como a etnografia é a descrição e classificação das raças humanas [...]. Ao fazer este trabalho, a iconografia é de auxílio incalculável para o estabelecimento de datas, origens e, às vezes,

<sup>13</sup> Ibid., p. 57.

<sup>14</sup> Ibid., p. 41.

<sup>15</sup> PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 47.

autenticidade; e fornece as bases necessárias para quaisquer interpretações ulteriores. Entretanto, ela não tenta elaborar a interpretação sozinha. Coleta e classifica a evidência, mas não se considera obrigada ou capacitada a investigar a gênese e significação dessa evidência: a interação entre os diversos “tipos”; a influência das ideias filosóficas, teológicas e políticas; os propósitos e inclinações individuais dos artistas e patronos; a correlação entre os conceitos inteligíveis e a forma visível que assume em cada caso específico.<sup>16</sup>

O método iconográfico de Panofsky evidencia a articulação entre contexto e conteúdo da obra, pois pressupõe familiaridade com temas e conceitos específicos, ou seja, uma carga cultural, adquirida pela experiência prática, que o observador precisa ter para entender a mensagem de acordo com as referências culturais utilizadas pelo autor. Panofsky sugere ainda uma leitura iconológica das imagens, que teria por intuito apreender o sentido último inerente à obra, sua essência, a “atitude de fundo em relação ao mundo”. Seria nessa camada da análise que a interpretação estética entraria, pois até os traços formais seriam expressões da concepção de mundo contida na obra.

Após entender os autores clássicos, a metodologia utilizada na pesquisa passou a abranger também as atualizações feitas ao método panofskyano, dentre as quais Gombrich mostrou-se fundamental. O autor foi além dos temas clássicos e definiu o trabalho do Instituto Warburg como esforço a fim de “descobrir que papel a imagem pode representar nos escaninhos de nossa mente”, através do estudo de símbolos num contexto circunscrito.<sup>17</sup> Gombrich se debruçou sobre a arte não canônica, como os cartuns e as caricaturas, para defender que a arte tem uma história, “que as várias manifestações artísticas não são expressões sem relações entre si, mas anéis de uma tradição”.<sup>18</sup> Ao fazer isso, ele recoloca no centro das preocupações a necessidade de conciliar dados iconográficos e dados estilísticos, argumentando que, assim como é possível extrair das figuras informações históricas, a historicização dos estilos significa um ganho também nesse sentido, pois reconstrói “vínculos e relações de dependências ou contraposição que unem entre si cada uma das obras de arte”.<sup>19</sup>

A partir daí esta pesquisa buscou dar atenção especial à identificação de quais eram os tipos de recursos gráficos empregados na página do jornal, devido à necessidade de se entender as características de cada estilo (charge, cartum, caricatura) e historicizá-lo. O intuito era de identificar a qual tradição cada estilo é pertencente, os elementos que o compõem, procurando, desta forma, evitar redundâncias na apreciação iconográfica e extrair o máximo

<sup>16</sup> Ibid., p. 53.

<sup>17</sup> GOMBRICH, E. H. “O arsenal do cartunista” In.: *Meditações sobre um cavaleiro de pau*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 127.

<sup>18</sup> GINZBURG, C. “De A. Warburg a E. H. Gombrich. Notas sobre um problema de método”. In.: *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 86.

<sup>19</sup> Ibid., p. 87.

de informações possíveis da própria fonte visual. Gombrich, ao analisar as figuras de linguagem disponíveis no arsenal do cartunista<sup>20</sup>, destacou as características básicas desses recursos gráficos e, como não poderia deixar de fazer, as origens e diálogos de cada estilo.

Datando o cartum como herdeiro da arte simbólica da Idade Média, o autor atribuiu a grande renovação do recurso à capacidade de materialização, de “traduzir os conceitos e símbolos abreviados de nosso discurso político para tais situações metafóricas”.<sup>21</sup> O cartum coleta as metáforas do discurso, utiliza o poder de condensação da sátira e, não necessariamente, do humor, e transmite uma mensagem, muitas vezes complexa, de forma clara e resumida.<sup>22</sup> A charge, por sua vez, se utiliza dos mesmos subsídios para colocar foco sobre algum acontecimento atual, em que, possivelmente, somente as pessoas contemporâneas ao ocorrido serão capazes de entender o assunto da imagem tratada. A caricatura, por seu turno, foi o grande avanço técnico que, segundo Gombrich, ampliou as possibilidades das representações gráficas. De acordo com ele, a caricatura serve como divisor de águas entre o cartum moderno e o antigo, que “proporcionou ao artista os meios de transformar uma equiparação intelectual numa fusão e assim dotou o cartunista de uma das armas mais eficientes de seu arsenal”.<sup>23</sup>

*A Lanterna – folha anticlerical e de combate*, serviu de fonte privilegiada para várias pesquisas, nenhuma, no entanto, se debruçou sobre as imagens como objeto central de análise. Wlaumir Doniseti de Souza,<sup>24</sup> ao investigar as disputas ideológicas em torno do imigrante, concentrou-se nas iniciativas do Estado, da Religião e do movimento anarquista que, segundo ele, visava atrair o novo segmento que se formava na sociedade. Ele utilizou o jornal para tratar do Caso Idalina, menina que desapareceu enquanto morava no Orfelinato de Artes e Ofícios Cristóvão Colombo, na cidade de São Paulo. A primeira denúncia sobre o caso foi feita pelo jornal operário *La Battaglia*, de Oreste Ristori, que acusou o líder da Pastoral do imigrante scalabriniana, o padre Fausto Consoni, de ser o responsável pelo desaparecimento da criança. Entretanto, sendo Ristori um imigrante, sujeito a deportação, coube a Edgard Leuenroth e *A Lanterna* tomar a frente na guerra travada contra a Igreja e o Estado na busca por desvendar o sumiço da criança, processo que foi arquivado sem resolução.

Esse foi, sem dúvida, o caso de maior repercussão na história da *Lanterna*, que rendeu

<sup>20</sup> GOMBRICH, E. H. “O arsenal do cartunista” In.: *Meditações sobre um cavaleiro de pau*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 127-142.

<sup>21</sup> Ibid., p. 130.

<sup>22</sup> Ibid., p. 131.

<sup>23</sup> Ibid., p. 134.

<sup>24</sup> SOUZA, Wlaumir Doniseti de. *Anarquismo, estado e pastoral do imigrante: das disputas ideológicas pelo imigrante aos limites da ordem: o caso Idalina*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

destaque em diversas edições. Ao estudá-lo, embora Souza dê ênfase ao papel que as imagens exerceram como elemento de propaganda e disseminação da denúncia, ele não se dedicou a analisá-las, contudo. O autor se concentrou nos manifestos e textos noticiados pelo jornal tratando sobre o assunto, fazendo contraponto com as matérias da *Gazeta do Povo*, que defendia o Clero e atacava o discurso anarquista.

De outro modo, Marisa Fernandes, em sua dissertação intitulada *Sob os focos d'A Lanterna: a mulher na imprensa anticlerical de 1909 a 1916*, trabalhou também as imagens para demonstrar os discursos sobre as mulheres que eram produzidos pela imprensa anarquista, optando por utilizar o periódico como fonte justamente por sua preponderância no que se refere a esse tipo de imprensa e pelo rico material iconográfico que o jornal publicou. Todavia, a investigação de Fernandes concentrou-se muito mais no texto, onde os discursos estavam colocados de forma mais detalhada (tendo, inclusive, levantado um *corpus* de mais de 700 artigos) do que propriamente nas imagens, utilizando-as, na maioria das vezes, apenas como apoio aos textos.

Entre os trabalhos que utilizaram *A Lanterna* como fonte estão a dissertação de Fernando Antonio Peres<sup>25</sup> – que investigou as iniciativas educacionais dos libertários em São Paulo e as estratégias de aproximação desses grupos com os demais atores sociais – e a dissertação de Walter da Silva Oliveira,<sup>26</sup> que buscou entender a maneira como o discurso anticlerical e anarquista se difundiu através das narrativas do periódico em questão, traçando um panorama sobre o contexto dos libertários, da imprensa e da cidade de São Paulo no início do século XX. O autor atribuiu um capítulo também para demonstrar como eram feitas as representações de gênero nas páginas do jornal. Andrade<sup>27</sup> observou a questão das sociabilidades como elemento chave nas propagandas anarquistas ao fazer um estudo de caso d'*A Lanterna*, com o ensejo de entender como essas redes atuavam e a maneira pela qual as ideologias e utopias desses grupos eram expressas por meio delas.

É necessário citar também o trabalho de fôlego feito por Caroline Poletto, que partindo dos pressupostos da história transnacional buscou demonstrar como as publicações, chamadas por ela como “alternativas”, estavam em contato constante umas com as outras, “estabelecendo laços de solidariedade, possibilitando a ampla circulação de artefatos culturais

<sup>25</sup> PERES, Fernando Antonio. *Estratégias de aproximação: um outro olhar sobre a educação anarquista em São Paulo na Primeira República*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2004.

<sup>26</sup> OLIVEIRA, Walter da Silva. *Narrativas à luz d'A Lanterna: anticlericalismo, anarquismo e representações*. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 2008.

<sup>27</sup> ANDRADE, Carlos Eduardo Frankiw de. *Blasfemos e sonhadores: ideologia, utopia e sociabilidades nas campanhas anarquistas em "A Lanterna" (1909-1916)*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2009.

e, conseqüentemente, a constituição de um imaginário combativo e próprio. Para isso, a autora analisou diversos elementos da “arte de protesto” (poesias, imagens e contos etc.), onde *A Lanterna* foi utilizada como uma das fontes devido ao seu riquíssimo material.

Portanto, o objetivo desta pesquisa foi fazer um estudo iconográfico aprofundado sobre as imagens que eram publicadas no jornal. Ao se debruçar sobre elas e o lugar que ocupavam em meio às estratégias de ação do periódico, o presente estudo almeja dar contribuições à História da Imprensa, entendendo que as figuras ali divulgadas tinham um papel central na economia do jornal e no diálogo internacionalista com os circuitos de comunicação anarquista. As gravuras exerciam tanto um caráter de denúncia às contradições do Clero como um papel pedagógico, no intento de questionar o que julgavam ser (sob a óptica dos editores) a atrasada mentalidade cristã presente nas camadas populares paulistanas, em benefício de um novo projeto de sociedade pautado nos ideais revolucionários dos libertários.

A dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro chama-se “Ecos de Barcelona”, em referência às colunas “Ecos & Notas” e “Pequenos Ecos”, que eram utilizadas para divulgar notícias e acusações contra o clero enviadas por correspondentes de toda parte do Brasil e de alguns outros países, sobretudo da Itália. A escolha desse título foi porque o primeiro capítulo se inicia com um evento ocorrido na Europa e que influencia diretamente na retomada do jornal *A Lanterna* para iniciar sua segunda fase. O item 1.1. apresenta a trajetória de Benjamim Mota e Edgard Leuenroth pela imprensa operária até se unirem para refundar a folha anticlerical. O item 1.2. apresenta *A Lanterna*, sua materialidade, composição e ideologia. O item 1.3. faz uma revisão historiográfica sobre a formação da imprensa paulistana, humorística, satírica, e o cenário geral da São Paulo na *Belle Époque*.

No Capítulo 2, “Anticlerical, de Combate e Cosmopolita”, a escolha do título foi no intuito de trazer o subtítulo da *Lanterna* (anticlerical e de combate) para apresentar a questão do anticlericalismo no Brasil e na São Paulo da *Belle Époque*. A inclusão do termo “cosmopolita” teve por finalidade introduzir a discussão sobre as articulações transnacionais dos periódicos (e da cultura) anarquistas e da forma como a *Lanterna* estava integrada a essa lógica, em especial no que se refere às ligações com os italianos, espanhóis e portugueses (por serem os países de onde saíram grandes massas de imigrantes para se instalar na cidade de São Paulo).

No item 2.2 serão analisadas as diferenças e similaridades existentes entre o “internacionalismo” anarquista e a europeização que atingia a sociedade brasileira (e paulistana, em especial) no início da República. O item 2.3 aborda como as imagens da

*Lanterna* participavam desse circuito de comunicação transnacional e foi dada uma atenção especial para tentar identificar de onde saíram as imagens que eram publicadas no jornal, se eram feitas por caricaturistas especialmente para *A Lanterna* (como Voltolino fazia em algumas ocasiões) ou se foram clichês retirados de outros jornais brasileiros ou estrangeiros.

O título do Capítulo 3, “O Padre, eis o Inimigo!”, é uma frase de efeito que apareceu em diversos números da *Lanterna*, geralmente inserida em negrito ao final da coluna “Rol dos Culpados” (coluna essa que revezava com a “Ecos & Notas” para fazer as denúncias contra casos crimes e abusos supostamente cometidos pelo clero). O capítulo foi dividido em três partes de modo a contemplar, da maneira mais adequada possível, os conjuntos de imagens que mais se destacaram ao longo da segunda fase da *Lanterna*. Observou-se que o periódico fez parte de três grandes campanhas que obtiveram grande apelo social. É em torno dessas campanhas e das imagens que foram publicadas nelas que os itens foram construídos.

O primeiro item se refere ao Caso Idalina, campanha que rendeu inúmeras gravuras sobre a questão da luxúria clerical, ou seja, o modo como clérigos, de acordo com o jornal, possuíam um incontrolável apetite sexual que os levava a cometer abusos contra mulheres e crianças e fazia com que estes representassem um risco à sociedade. No item 3.2 foram explorados os conjuntos de imagens que pautam o modo como o clero estava intimamente ligado ao capitalismo e ambos eram os causadores da exploração e das dificuldades vividas pelos trabalhadores do período. A Campanha contra a carestia da vida, iniciada pela *Lanterna* nos anos que antecederam o início da Primeira Guerra Mundial, foi utilizada para articular as imagens do jornal com a realidade social da cidade de São Paulo no período em que o anarquismo representou uma força significativa nas mobilizações e lutas em defesa dos trabalhadores.

O título do item 3.3, “De porta da Europa”, foi retirado da coluna da *Lanterna*, de mesmo nome, escrita por Neno Vasco nos anos em que ele esteve morando em Portugal e que trazia notícias das agitações e conflitos que estavam ocorrendo na Europa e que culminaram na eclosão da Primeira Guerra Mundial. Neste item será abordado o conjunto de imagens que se relacionavam com o conflito bélico e será tratado o período do apogeu da *Lanterna*, quando foi feito o esforço no sentido de que o semanário se tornasse um diário. Será abordada também a crise que se instalou no jornal e em toda a sociedade como consequência da guerra, mergulhando *A Lanterna* num profundo colapso financeiro que se mostrou irreversível, levando ao fim da segunda fase do jornal. A queda no aparecimento das imagens e os hiatos nas publicações dos números foram utilizados como argumento para mostrar como a conjuntura, tanto externa como interna, afetou o periódico.



## CAPÍTULO 01

Figura 1 – Entre dois ladrões



**Fonte:** *A Lanterna*, n. 290, São Paulo, 22/07/1916, p. 3.

Legenda: - Qual é a vossa última vontade, irmão?

- Que vos mantenhais onde estais, um de cada lado.

- Porque, irmão?

- Porque quero morrer como Jesus: entre dois ladrões.

“Ladrões”, “infames”, “tiranos”, “raça maldita de insaciáveis Torquemadas”, “monstro clerical”, são alguns dos adjetivos e expressões utilizadas pela *Lanterna*, um “singelo” periódico anticlerical paulistano, do início do século XX, para fazer referência aos membros do clero e, sobretudo, da Igreja Católica. E se espantará quem pensa que o repertório de

ataques para por aí. Entretanto, numa parcela considerável dos casos, tais ofensas eram acompanhadas por cartuns, charges e caricaturas (como é possível notar na Figura 1 – Anexo I) que atribuíram pitadas de sátira com tamanha perspicácia que, talvez, e disso não se pode duvidar, tenham arrancado risos até mesmo daqueles que eram alvo dos ataques.

Todavia, é prudente destacar que, embora complementares, conteúdo textual e arte gráfica<sup>28</sup> são recursos linguísticos que possuem características inerentes a cada um, providos de singularidades que os diferenciam e, ao mesmo tempo, os enriquece quando utilizados de maneira articulada. Observando novamente a Figura 1 e tomando-a como exemplo, alguns questionamentos importantes saltam aos olhos. Sendo *A Lanterna* uma folha anticlerical e tendo ela feito largo uso das gravuras em suas páginas, qual papel essas representações visuais desempenhavam no combate ao clericalismo? Quais eram os elementos que compunham tais imagens, que tipo de crítica era feita por meio delas e como elas estavam articuladas em relação aos textos que eram publicados nas respectivas edições? Como o jornal se situava no cenário do periodismo impresso, seja em sua vertente satírica, então tradicional no Brasil, seja no contexto da imprensa operária paulista, cujas conexões transnacionais são consequência da vocação internacionalista dos órgãos libertários? De que modo a retórica política das caricaturas contestava o *status quo* vigente?

São esses alguns dos questionamentos que essa investigação pretenderá responder, de modo a elucidar a participação que essas imagens tiveram na economia do jornal paulistano e as contribuições possíveis à história da imprensa.

## **CAPÍTULO 1 – ECOS DE BARCELONA: O FUZILAMENTO DE FRANCISCO FERRER E A REFUNDAÇÃO DO JORNAL *A LANTERNA***

Era quarta-feira, dia 13 de outubro de 1909, no período da tarde, quando o frade alemão Dom Miguel Kruse e outro clérigo – seu amigo – entraram em um automóvel, partiram da abadia de São Bento, onde moravam, e atravessaram as ruas do centro cidade de São Paulo com destino à Confeitaria Castelões, localizada na Praça Antônio Prado, na Sé.<sup>29</sup> De acordo com um testemunho, os dois homens, ao chegarem, ocuparam uma mesa ao lado

<sup>28</sup> E por arte gráfica esta pesquisa se refere aos recursos visuais, tais como charges, cartuns e caricaturas.

<sup>29</sup> A confeitaria, bem como outros selecionados bares e cafés espalhados pelo centro da capital paulista, era um dos novos espaços de lazer e sociabilidade, típicos da modernidade, onde intelectuais, boêmios e demais personalidades da vida urbana utilizavam para se reunir, conversar sobre os assuntos em voga, beber e aproveitar da companhia das *demi-mondaines* que ocupavam tais estabelecimentos. Ver: MUTARELLI, Isadora. *O Furão – um jornal da boemia paulistana (1910-1925)*. Dissertação de Mestrado. Franca, SP: Universidade Estadual Paulista, 2018, p. 62-64.

de meretrizes e puseram-se a beber, em regozijo às notícias que vinham da Europa sobre um acontecimento ocorrido na Catalunha.<sup>30</sup>

Horas antes, pela madrugada, dentro dos fossos da Fortaleza de Montjuic, em Barcelona, o exército espanhol cumpria as ordens do presidente do Conselho de Ministros, Antonio Maura, e executava Francisco Ferrer y Guardia, pedagogo espanhol condenado à pena de morte pela acusação de ser o mentor intelectual da revolta popular ocorrida em Barcelona, entre julho e agosto de 1909, conhecida como “Semana Trágica”.<sup>31</sup>

A alegria que teria sido demonstrada por Kruse, ao ser informado sobre a morte de Ferrer, contrastava com a tristeza e indignação que afligia diversos outros indivíduos em várias partes do mundo. O educador espanhol, fundador da Escola Moderna, era um eminente anarquista, reconhecido por sua luta contra o clero e seus métodos educacionais. Já o frade alemão havia fundado, em 1908, a primeira faculdade de filosofia do Brasil, nas dependências do Colégio de São Bento, colégio esse que Kruse, em parceria com monges beneditinos, também foi um dos fundadores e onde estudaram nomes proeminentes da sociedade paulistana. Seu lema era trabalhar o intelecto e a moral dos alunos com base nos preceitos cristãos, exatamente o tipo de instrução que Ferrer dedicou sua vida a combater.

Naquele mesmo dia, pelas redondezas da Confeitaria Castelões e por ruas do bairro do Brás, então o principal bairro operário da cidade, um grupo de indivíduos ativos na imprensa paulistana se reuniu a fim de organizar uma reação, fazendo uma homenagem à memória do educador e estimulando uma contraofensiva à concepção religiosa (e, nesse caso, beneditina) de educação que, para eles, ameaçava o livre pensar e o progresso científico. Como resultado, no dia 17 de outubro de 1909, a partir do Largo da Sé, nº 5, no centro da cidade de São Paulo, começava a distribuição da tiragem que marcava a volta, após cinco anos sem ser publicado, do jornal *A Lanterna – folha anticlerical e de combate*, agora em sua segunda fase.

---

<sup>30</sup> *A Lanterna – folha anticlerical e de combate*, n. 2, São Paulo, 23 de outubro de 1909, p. 1.

<sup>31</sup> Em 1909 uma série de revoltas populares eclodiram na Espanha reivindicando o fim da guerra no Marrocos, que havia feito inúmeras vítimas sendo, em sua maioria, jovens e operários. O mais violento desses atos ocorreu em Barcelona, entre os dias 26 de julho e 2 de agosto, após o chamado para uma greve geral e a notícia que centenas de reservistas catalães haviam sido vítimas em uma ação militar malsucedida. Ao saber do ocorrido, parte da população se rebelou contra a monarquia, a burguesia e a Igreja espanhola, saqueando e ateando fogo em diversas edificações que representavam esses poderes, sobretudo o religioso, símbolo do autoritarismo inquisitorial. A repressão do governo foi forte e imediata, ao prender milhares de pessoas e decretar cinco penas de morte para os acusados de serem os artífices do levante, dentre os quais estava Francisco Ferrer. Para mais informações, ver: ULLMAN, Joan Connelly. *La semana trágica*. Barcelona: Editora Ariel, 1972; GALLO, Sílvio. *Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna*. Pro-Posições, v. 24, n. 2, 2013, p. 241-251, mai/ago. 2013; POLLETO, Caroline. *Por uma história transnacional da imprensa anarquista e anticlerical: a repercussão do caso Ferrer pelas páginas subversivas argentinas, brasileiras e espanholas (1909-1916)*. Oficina do Historiador, suplemento especial, Porto Alegre, 27 a 29/05/2014, p. 128-146.

### 1.1 Caminhos cruzados: Benjamim Mota, Edgard Leuenroth e a imprensa operária

A comoção do periódico paulistano com o ocorrido no outro lado do Atlântico se deu por vários motivos, a começar pela própria trajetória de seu fundador.<sup>32</sup> *A Lanterna* foi fundada no dia 07 de março de 1901, por Benjamim Mota, com o objetivo de ser porta-voz daqueles que desejavam “desvendar todas as patifarias clericais e trabalhar pela emancipação da consciência humana”.<sup>33</sup> Mota nasceu em 1870, na cidade de Rio Claro, interior do estado de São Paulo, local onde seu pai, Alfredo Silveira da Mota, exerceu os cargos de magistrado, deputado e vereador.<sup>34</sup> Oriundo de uma família com histórico de formação jurídica e atuação em cargos públicos, Benjamim foi neto do conselheiro José Ignacio Silveira da Motta, senador do Império e catedrático da Faculdade de Direito de São Paulo;<sup>35</sup> foi sobrinho de Arthur Silveira da Motta, também senador, almirante na Guerra do Paraguai e além membro da Academia Brasileira de Letras; e teve como primo o escritor romântico Álvares de Azevedo.<sup>36</sup>

Benjamim Mota foi para São Paulo ainda na infância, quando seu pai se filiou ao Partido Liberal e se mudou com a família para a capital, buscando ter uma atuação política mais enérgica.<sup>37</sup> Na cidade, Benjamim teve toda sua formação educacional, tornou-se advogado e ainda jovem iniciou sua atuação na imprensa, passando por jornais como *O Paiz*, *A Vanguarda*, *O Rebate*, *O amigo do povo*, *Avanti*, *A Lanterna* dentre outros.<sup>38</sup> Como boa parte de seus familiares, desde cedo esteve envolvido com a política e a atuação militante. Declarou-se inicialmente como “republicano independente”,<sup>39</sup> mas passou a enxergar no Estado e na República que estava sendo construída apenas autoritarismo, exploração e subjugação dos trabalhadores, convertendo-se ao socialismo libertário antes da virada do século.<sup>40</sup> Para ele, existiam dois tipos de socialismos: o socialismo que certo grupo de anarquistas via como autoritário, reformista, de viés marxista, que reconhecia a legitimidade do Estado e acreditava na luta eleitoral como ferramenta para a revolução,<sup>41</sup> e o socialismo

<sup>32</sup> BRITO, Rose Dayanne Santos de. *No rastro de Benjamin Mota: a defesa das leis sociais e direitos políticos na primeira república (1901-1904)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas. Programa de Pós-Graduação em Direito. Florianópolis – SC, 2016, p. 50.

<sup>33</sup> *A Lanterna – folha anticlerical e de combate*, n. 1, São Paulo, 17 de outubro de 1909, p. 1.

<sup>34</sup> BRITO. Loc. Cit.

<sup>35</sup> Ibid., p. 50.

<sup>36</sup> Ibid., p. 52.

<sup>37</sup> Ibid., p. 53.

<sup>38</sup> Ibid., p. 77.

<sup>39</sup> Ibid., p. 82.

<sup>40</sup> Ibid., p. 96.

<sup>41</sup> *O Rebate*, São Paulo, 24 de junho de 1898, p. 1.

libertário, revolucionário, que seria sinônimo de anarquismo, conforme Mota define em seu livro, *Rebeldias*:

Os socialistas libertários combatendo o Estado, mostram ter compreendido que os povos devem retomar a corrente que levou os homens no século XIX a organizar a sociedade nas bases da livre iniciativa do indivíduo e da livre federação dos interessados, e, como a história nos mostra que toda a civilização prospera no comunismo e decai no período do Estado, a sociedade futura, não deve ser outra senão o Comunismo Anarquista.<sup>42</sup>

A adesão de Mota ao anarquismo ou, como ele se referia, ao socialismo libertário, em idos de 1898, enquanto era editor do jornal *O Rebate*, rendeu-lhe problemas. Ao publicar um manifesto no jornal onde afirmava ser, a partir daquele momento, contrário aos ideais republicanos, por serem eles incompatíveis “com a sociedade nova, que, nós socialistas desejamos para o bem comum da humanidade”,<sup>43</sup> e ao ratificar esse posicionamento em uma nota publicada no jornal *Commercio de São Paulo*, quando afirmou que a linha editorial d’*O Rebate* passava de folha republicana para anarquista, Mota deixou o proprietário do periódico, seu amigo João da Cruz Soares, profundamente insatisfeito, culminando em seu afastamento do cargo logo na edição seguinte ao ocorrido, limitando sua atuação apenas à condição de colaborador.<sup>44</sup>

Em 1901, Mota decide então criar sua própria folha, onde pudesse reunir seu desejo de lutar por mudanças sociais e pelos menos favorecidos (proveniente da atuação como advogado), que servisse como órgão de resistência e combate à sociedade exploradora (que, segundo ele, tinha na estrutura clerical a origem de suas mazelas) e atuasse como veículo de propaganda dos ideais libertários, ainda que de maneira contida e até certo ponto velada, para não desagradar as diferentes correntes do corpo colaborador que, deixando suas preferências políticas de lado, se aglutinariam em torno da bandeira do anticlericalismo. Dessa iniciativa nasceu o jornal *A Lanterna – folha anticlerical e de combate*.

Durante a primeira fase, *A Lanterna* publicou 59 números de maneira inconstante, sendo 8 edições entre março e junho de 1901, apenas um suplemento publicado em dezembro de 1902 (período em que Mota trabalhou ativamente no jornal *O Amigo do Povo*), 35 edições publicadas no segundo semestre de 1903 e outras 16 no primeiro bimestre de 1904 quando o jornal, por motivos financeiros e por divergências do corpo editorial, parou de circular. Após

<sup>42</sup> MOTA, Benjamim. *Rebeldias*. São Paulo: Typographia Brasil, 1898, p. 77.

<sup>43</sup> *O Rebate*, São Paulo, 1º de janeiro de 1898, p. 1.

<sup>44</sup> BRITO, Rose Dayanne Santos de. *No rastro de Benjamin Mota: a defesa das leis sociais e direitos políticos na primeira república (1901-1904)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas. Programa de Pós-Graduação em Direito. Florianópolis – SC, 2016, p. 95-99.

isso, Mota passou a colaborar com diversas folhas operárias que circulavam em São Paulo e concentravam-se, sobretudo, no bairro do Brás.

Outrora um conjunto de chácaras, a partir do final do século XIX o Brás foi se transformando no principal bairro operário de São Paulo. Tornou-se a porta de entrada dos imigrantes que desembarcavam na ferrovia São Paulo Railway e eram levados à hospedaria, ali instalada, para recepcioná-los antes que fossem encaminhados às fazendas de café do interior ou às fábricas da capital.<sup>45</sup> Neste período, sob a égide do sanitarismo, São Paulo passou a ser dividida entre a colina central, destinada ao centro comercial, administrativo e financeiro da “capital do café”, e os bairros operários, áreas menos valorizadas onde se concentravam fábricas, vilas, loteamentos e moradias populares, contrastando a paisagem de beleza e modernidade do centro com as chaminés, cortiços e insalubridade dos bairros afastados.<sup>46</sup>

O centro e os bairros nobres davam as costas à aglomeração industrial e operária que crescia ao longo do cinturão ferroviário nas várzeas do Tietê e do Tamanduateí – Lapa, Barra Funda, Bom Retiro, Pari, Belém, Mooca, Ipiranga -, com suas vilas e cortiços abrigando a população imigrante, tendo seu próprio centro no Brás. Resumia um cronista: “pode-se dizer que São Paulo e Brás são duas cidades perfeitamente distintas”.<sup>47</sup>

Devido ao papel desempenhado pelo Brás como principal núcleo de concentração operária e imigrante no início do século XX, foi a partir do bairro que a produção cultural destinada ao proletariado começou a ser disseminada. Cabe ressaltar a importância que a imprensa operária adquiriu na Primeira República, como dispositivo de defesa e organização dos trabalhadores, sobretudo a imprensa anarquista, que utilizava os jornais, o teatro, o cinema, as festas e comícios como espaços de convivência e propaganda de seus ideais, compondo aquilo que Francisco Foot Hardman chamou de *cultura de resistência*:

Essa produção cultural, materializada na atividade da imprensa de propaganda anarquista, representa o que chamarei de *cultura de resistência*, dado seu papel aglutinador buscando manter a integridade ideológica e vivencial do operariado emergente, contra o sistema político dominante e em prol da chamada “emancipação social”. Se existiu uma “política libertária” (oposta à política institucional, vista em seu conjunto como burguesa), esta constituiu basicamente nessas atividades de

<sup>45</sup> DE PAULA, Amir El Hakim. *Os operários pedem passagem! A geografia do operário na cidade de São Paulo (1900-1917)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 2005, p. 36-37.

<sup>46</sup> CAMPOS, Candido Malta. “Trezentos anos em trinta: a remodelação de São Paulo sob a Primeira República” In.: CAMPOS, Candido Malta; GAMA, Lúcia Helena; SACCHETTA, Vladimir. (Orgs.). *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais*. São Paulo: Editora Senac, 2004, p.72-73.

<sup>47</sup> Ibid., p. 73.

propaganda: quero dizer que estão imbricados de forma global o sentido cultural e o sentido político da prática anarquista.<sup>48</sup>

Hardman entende que essa “cultura de resistência” libertária, calcada principalmente nas atividades de propaganda da imprensa, embora não possa ser vista como representação da cultura operária como um todo, já que o anarquismo não era a “expressão máxima e acabada da classe operária do período”<sup>49</sup>, constituiu-se como um repositório privilegiado de informações sobre uma parcela considerável do operariado brasileiro na virada do século XIX para o XX, ainda que muita coisa tenha sido perdida devido “às dificuldades inerentes à cobertura dos eventos por parte de uma imprensa operária nascente e pequena, além de passível de repressão”<sup>50</sup>.

A atuação dos grupos militantes, que se desdobravam na missão de disseminar seus ideais e mobilizar a classe trabalhadora para a revolução social, foi preponderante para a organização dessa cultura de resistência. Conforme dito anteriormente, no ano de 1902 Benjamim Mota publicou apenas um suplemento do jornal *A Lanterna*, no final do ano, pois tinha se dedicado a trabalhar em uma nova folha que acabara de ser criada: *O Amigo do Povo*. Segundo Edilene Toledo, “*O Amigo do Povo* foi o primeiro jornal anarquista em São Paulo, em língua portuguesa, a ter uma publicação regular”<sup>51</sup>, publicando 63 números em seus três anos de existência. Para a autora, foi em torno deste periódico que se formou o grande “grupo de afinidade” anarquista<sup>52</sup>, composto por personagens que atuavam ativamente em diversos outros jornais do período e ficaram reconhecidos pela historiografia como centrais para a história do anarquismo no Brasil. Dentre eles estavam, além de Mota, Neno Vasco, Oreste Ristori, Giulio Sorelli, Tobia Boni, Angelo Bandoni, Gigi Damiani, Maria de Oliveira, Matilde Magrassi, Elisabetta Valentini, Sorelina Giordani, além de diversas outras pessoas que atuavam como correspondentes.<sup>53</sup>

Ao criar esse jornal, os anarquistas brasileiros seguiam os passos habituais dos militantes de outros países, mas também visavam criar uma experiência de informação alternativa em meio à grande imprensa e, muitas vezes, explicitamente em oposição a ela. Os anarquistas atribuíam à educação a função de tornar possível o

<sup>48</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!: memória operária, cultura e literatura no Brasil*. 3ª Ed., São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 309.

<sup>49</sup> Ibid., p. 310.

<sup>50</sup> Ibid., p. 311.

<sup>51</sup> TOLEDO, Edilene. *Em torno do jornal O Amigo do Povo: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. CAD. AEL, N. 8/9, 1998, p. 102.

<sup>52</sup> Para Toledo, o grupo de afinidade consistia numa célula organizativa do anarquismo no Brasil. Sua formação teria se dado espontaneamente e tinha como princípio a cooperação voluntária entre grupos distintos, onde todos podiam entrar e sair sem obrigações ou sanções. Em: TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 46.

<sup>53</sup> Ibid., p. 101.

acesso a uma consciência revolucionária. Nesse esforço em favor da educação, a imprensa era o principal meio de expressão das ideias, pois era o único veículo de grande alcance. Abordavam as ideias centrais da tradição anarquista, mas certamente através de questões que eram centrais para o contexto daquele início de século no Brasil: a questão dos partidos, as leis, a república, o patriotismo, a polícia, a imigração, os costumes.<sup>54</sup>

De acordo com Maria Nazareth Ferreira, “na tentativa de semear o ideal anarquista, estes pioneiros cruzaram o solo brasileiro de ponta a ponta, implantando uma rede de comunicação que jamais existirá no país”<sup>55</sup>. Desta forma, Batalha conclui que “quando se fala em cultura operária nesse período subentende-se, primordialmente, a cultura militante produzida pelas sociedades operárias e pelas correntes políticas, com ênfase no anarquismo” e que tinha a imprensa como principal instrumento de propaganda e debate.<sup>56</sup>

A experiência de militância anarquista dos primeiros líderes foi de extrema valia, marcando a primeira fase da organização do movimento operário; a fundação de ligas e associações objetivava não somente a representação de interesses, mas também a oferta de atividades que agregassem os membros das diversas categorias. Nessas entidades era comum a existência de grupos de teatro, bibliotecas e centros de estudo. A constituição desse espírito de solidariedade era garantida pela manutenção de jornais que além de veicular as informações práticas, constituíam um espaço privilegiado de debate político, na medida em que abordavam as questões enfrentadas pelos trabalhadores no mundo industrial.<sup>57</sup>

Ao grupo do *Amigo do Povo* somou-se, em 1904, um jovem já atuante na imprensa paulistana e que havia acabado de ser convertido às ideias libertárias pelo poeta parnasiano Ricardo Gonçalves: Edgard Leuenroth. Nascido no dia 31 de outubro de 1881, na cidade de Mogi-Mirim, interior de São Paulo, Leuenroth mudou-se cedo para a capital do estado, devido ao falecimento do pai. Cresceu e foi alfabetizado no bairro do Brás, onde começou a trabalhar e a ter contato com as ideias socialistas que borbulhavam em meio aos imigrantes. Enquanto trabalhava nas oficinas da Companhia Industrial aprendeu o ofício de tipógrafo, iniciando assim uma das trajetórias mais ativas na história da imprensa brasileira.<sup>58</sup>

É necessário salientar o lugar de destaque que os trabalhadores gráficos exerceram no movimento operário, setor que geralmente era o mais intelectualizado, organizado, e que atuaram tanto na elaboração de um discurso próprio como na construção da identidade da

<sup>54</sup> Ibid. p. 101-102.

<sup>55</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil (1880-1920)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 104.

<sup>56</sup> BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000, p. 63-64.

<sup>57</sup> COLBEN, Ilka Stern. “Diversificação e segmentação dos impressos” In.: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 121.

<sup>58</sup> KHOURY, Yara Maria Aun. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária – imprensa, memória e militância anarcossindicalistas*. Tese de doutorado. São Paulo: Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1988.



camada militante operária.<sup>59</sup> Aos tipógrafos é atribuída a primeira greve realizada em São Paulo por trabalhadores assalariados urbanos, detonada em 1890 por funcionários do jornal *O Estado de São Paulo*, que passou um dia sem ser publicado.<sup>60</sup> Outro aspecto que corrobora a capacidade organizacional dos trabalhadores gráficos da cidade de São Paulo foi a atuação desempenhada pela União dos Trabalhadores Gráficos (UTG), organização fundada em 1904 e que tinha por premissa “organizar e defender o trabalho dos gráficos na capital paulista”.<sup>61</sup>

Foi neste contexto que, em 1904, a União dos Trabalhadores Gráficos (UTG) foi fundada em São Paulo com o objetivo de organizar e defender o trabalho dos gráficos na capital paulista. A partir da sua fundação a UTG tornou-se referência para as demais corporações de ofícios, pela combatividade que apresentava na luta por melhorias nas condições econômicas e sociais dos trabalhadores. Os anarquistas foram os principais envolvidos na primeira etapa da organização da instituição gráfica, mas o caráter intermitente apresentado nos primeiros anos, devido a ação policial, enfraqueceu o poder da instituição. Durante as grandes greves da segunda década do século XX, o círculo operário percebeu a necessidade de organização para reivindicar os seus principais anseios. Em 1919, a União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo foi refundada e suas atividades prosseguiram em caráter permanente.<sup>62</sup>

Edgard Leuenroth teve participação ativa nesses processos. Desempenhou diversas funções no processo editorial, como tipógrafo, articulista, arquivista, dentre outras, foi o responsável pela fundação do Centro Tipográfico de São Paulo, em 1903, transformado em União dos Trabalhadores Gráficos, em 1904, além de ter contribuído na fundação da Associação Paulista de Imprensa e dirigido o Sindicato dos Profissionais da Imprensa do Rio de Janeiro (torna-se federal em 1927). Ao longo de toda sua vida, Leuenroth organizou e arquivou um volume grande de documentos sobre a imprensa operária e sobre o anarquismo. Após sua morte, em 1968, essa documentação foi alvo de uma força-tarefa, liderada por intelectuais como Antônio Candido e Azis Simão, visando preservar o acervo da perseguição e censura dos militares até que fosse adquirido pela Universidade de Campinas, Unicamp, dando origem ao Arquivo Edgard Leuenroth.<sup>63</sup>

Leuenroth morrera em 1968, justamente o ano do AI-5, que fecharia o regime e instituiria o terror de Estado. Seu espólio, depositado num galpão no Brás e conhecido de Michael M. Hall e Paulo Sérgio Pinheiro, corria tanto perigo, e toda a

<sup>59</sup> COLBEN, Ilka Stern. “Diversificação e segmentação dos impressos” In.: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 121.

<sup>60</sup> VITORINO, Artur José Renda. *Processo de trabalho, sindicalismo e mudança técnica: o caso dos trabalhadores gráficos em São Paulo e no Rio de Janeiro, 1858-1912*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1995, p. 103.

<sup>61</sup> GUALBERTO, Edney dos Santos. *Vanguarda Sindical: União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo (1919-1935)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008, p. 3

<sup>62</sup> Idem.

<sup>63</sup> Ver em: < <https://www.ael.ifch.unicamp.br/edgard-leuenroth> >. Acesso em: 20/01/2019.

operação de resgate seria feita na clandestinidade [...]. A preocupação era tanta que se temia a possibilidade de um atentado a bomba contra o galpão. Assim que chegou à Unicamp o riquíssimo material – o mais importante do país – traram de microfilmar tudo, guardando uma cópia nos cofres do Citibank e depositando outra no mencionado Instituto em Amsterdam.<sup>64</sup>

Futuro editor da *Lanterna*, Leuenroth era uma figura assídua nas atividades da UTG, lutando para que a associação tivesse “uma atitude de completa neutralidade frente aos programas eleitorais e de doutrinas políticas ou religiosas”,<sup>65</sup> proposta que gerava rusgas e polêmicas com outros membros do grupo, sobretudo Lorenzo Monaco, que criticava um possível “aparelhamento” que os anarquistas estavam fazendo com a UTG.<sup>66</sup> Antes de se juntar aos libertários, Leuenroth já havia fundado dois jornais (*O Boi*, em 1897 e *Folha do Brás*, em 1899) e trabalhado em diversos outros. Sua atuação com os livres-pensadores teve início, de maneira definitiva, em 1905, quando colocou em circulação a folha *Terra Livre*, tendo Neno Vasco como diretor e a participação de vários outros membros do *Amigo do Povo*.<sup>67</sup> Foi através dessas redes políticas e intelectuais que ele conheceu Benjamim Mota, de quem se tornaria grande amigo e, posteriormente, sócio no jornal *A Lanterna*.<sup>68</sup>

Tanto Mota quanto Leuenroth haviam passado pelo republicanismo, o socialismo, e encontraram no anarquismo a ideologia que melhor abarcava suas ideias. Naquele momento, embora houvesse uma aproximação na atuação dos operários, esses se distinguiam através de diversas vertentes ideológicas decorrentes do socialismo e do anarquismo. Enquanto Mota se declarava apenas socialista libertário, Leuenroth se intitulava anarcossindicalista, corrente que pregava a “união sindical como forma mais eficiente de engajamento e luta, valorizando também a ação direta”.<sup>69</sup> Segundo Ferreira, o período que abarca o final do século XIX até meados de 1920 ficou marcado pela atuação do anarcossindicalismo, vertente na qual o operariado imigrante ocupou lugar central na organização das reivindicações proletária no

<sup>64</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. *Resgate de arquivos: o caso Edgard Leuenroth*. Em: <[https://www.ael.ifch.unicamp.br/pf-ael/public-files/pg\\_basica/arquivos/texto\\_professora\\_walnice\\_galvao.pdf](https://www.ael.ifch.unicamp.br/pf-ael/public-files/pg_basica/arquivos/texto_professora_walnice_galvao.pdf)>. Acesso em: 25/08/2019.

<sup>65</sup> VITORINO, Artur José Renda. *Processo de trabalho, sindicalismo e mudança técnica: o caso dos trabalhadores gráficos em São Paulo e no Rio de Janeiro, 1858-1912*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1995, p. 137-138.

<sup>66</sup> Idem.

<sup>67</sup> LOPREATO, Christina. *O (des) encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos de Edgard Leuenroth*. Verve, 15, 2009, p. 203.

<sup>68</sup> KHOURY, Yara Maria Aun. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária – imprensa, memória e militância anarcossindicalistas*. Tese de doutorado. São Paulo: Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1988, p. 38-39.

<sup>69</sup> COLBEN, Ilka Stern. “Diversificação e segmentação dos impressos” In.: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 122.

Brasil.<sup>70</sup> As vertentes sindicalistas tiveram grande apelo junto ao trabalhador, sendo responsáveis pela proliferação de entidades sindicais, agrupando os trabalhadores por categoria profissional e buscando informar a atuação de cada grupo por meio da criação de impressos, contribuindo assim para a disseminação das folhas operárias.<sup>71</sup>

Nas fileiras libertárias, Mota e Leuenroth conheceram o método educacional de Francisco Ferrer, denominado “pedagogia racional”, que consistia numa proposta pedagógica alicerçada nas ciências naturais mas sem perder de vista os problemas sociais, ou, como Gallo definiu:

Um processo educativo que eduque pela razão, para que cada ser humano seja capaz de raciocinar por si mesmo, conhecer o mundo e emitir seus próprios juízos de valor, sem seguir nenhum mestre, nenhum guia. Não se pense, porém, que ele defendia um racionalismo extremado. Para ele, o ser humano não é apenas razão, mas um composto de razão, vontade, desejo e afeto, e um processo pedagógico não pode negligenciar nenhum desses aspectos.<sup>72</sup>

A educação racionalista proposta por Ferrer, conforme já foi dito, possuía também um caráter profundamente anticlerical, contrário a qualquer iniciativa educacional religiosa pois, segundo ele, “na Espanha, assim como em todo lugar onde a Igreja detinha o controle de uma parte significativa da rede escolar, praticava-se, a seu ver, ‘uma pedagogia medieval, subjetiva e dogmática’”<sup>73</sup>. Inspirados nesse método e em sua aplicação na Escola Moderna (que funcionou entre os anos letivos de 1901-1902 e 1905-1906, quando foi fechada pelo governo espanhol), os livres-pensadores buscaram disseminar o modelo por todos os lugares onde a educação por eles classificada como “dogmática” predominasse. A cidade de São Paulo, que já havia sido palco de algumas iniciativas educacionais nesse sentido, como a Escola Libertária Germinal<sup>74</sup>, viu ser criada ali uma comissão de apoio à fundação de uma escola moderna, em que faziam parte, além de Mota e Leuenroth, vários outros membros do grupo libertário da capital, como Gigi Damiani, Oreste Ristori, Neno Vasco, dentre outros<sup>75</sup>.

<sup>70</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *Comunicação e resistência na imprensa proletária*. 1990. Tese de Doutorado. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1990, p. 12.

<sup>71</sup> Ibid.

<sup>72</sup> GALLO, Sílvio. *Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna*. Pro-Posições, v. 24, n. 2, 2013, p. 243-244.

<sup>73</sup> LUIZZETTO, Flávio. *Utopias anarquistas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 59.

<sup>74</sup> Fundada em 1902, no bairro do Bom Retiro, por Angelo Bandoni, funcionou até o ano de 1905, quando fechou as portas por problemas financeiros. Em: ROMANI, Carlo. *Da Biblioteca Popular à Escola Moderna. Breve história da ciência e educação libertária na América do Sul*. Educação Libertária, São Paulo, v. 1, p. 87-100, 2006.

<sup>75</sup> ROMANI, Carlo. *Da Biblioteca Popular à Escola Moderna. Breve história da ciência e educação libertária na América do Sul*. Educação Libertária, São Paulo, v. 1, 2006, p. 97.

Até que em 13 de outubro de 1909, após ser perseguido durante anos pelo clero e pelo governo espanhol, Ferrer foi julgado sumariamente e fuzilado, acusado de ser o mentor da *Semana Trágica*, embora o conselho de guerra não tenha apresentado provas o suficiente que atestassem sua culpa. A comoção anarquista atingiu todos os cantos por onde a ideologia estivesse presente.<sup>76</sup> Na França, na Itália, em Portugal, na Argentina e no Brasil houve reações enérgicas por parte dos anarquistas contra a condenação. Na Espanha, os partidos que faziam oposição ao governo de Antonio Maura se juntaram e exigiram a demissão do governante, que se consumou oito dias após a execução de Ferrer. Em São Paulo, os libertários se reuniram com membros de diversos grupos adeptos à ideia do ensino racionalista ou que eram contrários ao “clericalismo infame” e, quatro dias depois do assassinato, sob a bandeira do anticlericalismo, colocaram novamente em circulação o jornal *A Lanterna – folha anticlerical e de combate*.

## 1.2. A segunda fase da Lanterna (1909-1916)

Reaparece hoje *A Lanterna* para encetar novos e fortes combates contra o monstro clerical que, sorrateiramente, cada vez mais se infiltra na imensa extensão do território brasileiro.<sup>77</sup>

Com essa motivação e sob as bênçãos de seu fundador, Benjamim Mota, que *A Lanterna*, fechada em 1904 devido a divergências internas, como descrito no item anterior, reaparecia para dar início à sua segunda fase. Em um manifesto publicado na primeira página, Mota, que nesse momento dirigia o jornal *A Vanguarda*, declarava confiar a direção do jornal a “um grupo de decididos anticlericais” e se comprometia a ser um assíduo colaborador na nova empreitada.<sup>78</sup> Ao lado de Mota, o periódico passa a ser dirigido por Edgard Leuenroth, o periódico pretendia reunir todos aqueles grupos e indivíduos dispostos a “desvendar as patifarias clericais e trabalhar pela emancipação da consciência humana”<sup>79</sup>, contando com a colaboração de maçons, espíritas, livres-pensadores, além dos já conhecidos personagens da imprensa operária do período, como Neno Vasco, Oreste Ristori, Gigi Damiani, José Oiticica, Avelino Fóscolo, João Penteado, entre outros.

<sup>76</sup> Ibid.

<sup>77</sup> MOTA, Benjamim. “Aos amigos e conhecidos”. *A Lanterna*, n. 1, São Paulo, 17 de outubro de 1909, p. 1.

<sup>78</sup> Ibid.

<sup>79</sup> Ibid.

O primeiro número foi publicado excepcionalmente em um domingo, dia 17 de outubro de 1909, devido à urgência em mostrar uma reação imediata ao fuzilamento de Ferrer. Entretanto, *A Lanterna* era um hebdomadário que saía aos sábados, podendo ser adquirido tanto de maneira avulsa, custando em média 100 réis, como através de assinaturas semestrais ou anuais, por valores que variavam entre 6.000 e 10.000 réis, com planos tanto para o Brasil quanto para o exterior. Os exemplares eram encontrados, inicialmente, em dois pontos de vendas na Avenida Rangel Pestana, na Sé, em um Armazém de Secos e Molhados e em um salão de barbeiro, no Brás, no Salão Internacional, na Lapa e poderia ser adquirido também no Rio de Janeiro, onde era comercializado na Rua Tiradentes e na Rua do Ouvidor. Com o passar do tempo, expandiu-se a rede de distribuição do jornal, o que pode indicar ser um sinal de sua expansão. E em 1913, por exemplo, *A Lanterna* estava sendo vendida também na Bela Vista e na Rua 15 de novembro, assim como a venda no Rio de Janeiro já havia se espalhado por outros 13 locais do centro da cidade.

Além das vendas nos locais físicos, havia também a venda e a divulgação feita através dos militantes e correspondentes do jornal nas praças, nas fábricas, nas ruas, sobretudo nos bairros de maior concentração do operariado, assim como nas cidades do interior e de outros estados. Era comum o semanário publicar uma seção chamada “Nossos representantes”, para informar quais eram os indivíduos responsáveis pelo *A Lanterna* em outras cidades além de São Paulo. Frequentemente também eram as “excursões de propagandas” realizadas por colaboradores através das cidades que circundavam as linhas férreas, tais como a viagem de José Romero pela linha Mogiana em 1912<sup>80</sup>, de João Penteado por todo o interior do estado<sup>81</sup> e Abranches da Rocha pelas linhas Ituana e Sorocabana<sup>82</sup>, ambos em 1913, dentre outras. Durante essas viagens os representantes vendiam unidades avulsas do jornal, angariavam novos assinantes, cobravam aqueles que estavam em débito, ministravam palestras e coletavam denúncias de abusos do clero a serem averiguadas e publicadas posteriormente.

A localização da sede social do jornal e os lugares onde era vendido dizem um pouco sobre sua dinâmica e suas pretensões. *A Lanterna*, na primeira fase, fez parte do movimento de surgimento e organização da imprensa operária paulista em língua portuguesa, que contou com os esforços de vários outros jornais, como os próprios *O Boi* e *a Folha do Brás*, de Edgard Leuenroth. Contudo, foi a partir da criação do *Amigo do Povo*, em 1902, e da consolidação de um grupo substancial de operários ao seu redor, assim como com o

---

<sup>80</sup> *A Lanterna*, n. 165, São Paulo, 16 de novembro de 1912, p. 2.

<sup>81</sup> PENTEADO, João. “Impressões de viagem: notas de um peregrino em propaganda pelo interior do Estado”. *A Lanterna*, n. 172, São Paulo, 04 de janeiro de 1913, p. 2.

<sup>82</sup> *A Lanterna*, n. 196, São Paulo, 21 de junho de 1913, p. 4.

surgimento da *Terra Livre*, em 1905, já no contexto de efervescência política com as mobilizações e greves ocorridas entre 1905 e 1908, que a imprensa operária, em especial a libertária, ganhou corpo em São Paulo. Nesse sentido, ela deixa de ficar restrita aos bairros operários e amplia sua atuação por outros lugares da cidade, como mostra Khoury:

A partir da folha *Terra Livre*, iniciada em 1905, e da *Folha do Povo*, criada em 1908, a dimensão da luta do grupo libertário de São Paulo, amplia-se; estende-se do Brás para toda a cidade, juntamente com outros jornais, como *La Battaglia*, *La Barricata*, *Germinal*, a folha socialista *Avanti!*.<sup>83</sup>

Durante boa parte da segunda fase, *A Lanterna* estava sediada em uma localização privilegiada, situada no planalto do Largo da Sé, coração de São Paulo, região onde a cidade nasceu e onde localizava a região conhecida, desde o Império, como “triângulo”, encontro de três ruas: Direita, São Bento e Quinze de Novembro (antiga Rua da Imperatriz. Foi o local em que se estabeleceu o centro comercial, social e cultural durante a administração de Antônio da Silva Prado, conselheiro do Império e grande proprietário cafeicultor que foi prefeito da cidade entre 1899 e 1911, no início do período que ficou conhecido como a Belle Époque paulistana.<sup>84</sup> Segundo Heloísa Barbuy, as reformas urbanísticas realizadas na gestão Prado tinham por objetivo fazer com que o planalto do Triângulo cumprisse a função de “plataforma de observação”, símbolo do projeto de transformação de São Paulo em uma “cidade-exposição”, repleta de beleza e modernidade que não ficaria devendo nada a nenhuma metrópole europeia.<sup>85</sup>

Com o tempo, essa região foi concentrando também a atividade impressora da cidade. Diversas livrarias, redações de jornais e tipografias de prestígio atuaram ali, imprimindo inúmeros periódicos que logo eram vendidos por jornaleiros ou enviados aos locais de distribuição nas proximidades, como àqueles da Avenida Rangel Pestana, onde *A Lanterna* era comercializada. Foi nesse espaço que se concentraram também as principais manifestações, comícios e passeatas do operariado. De acordo com De Paula, a utilização das regiões centrais para tais atos “era uma das poucas maneiras desse operariado expressar sua existência (já que vivia confinado nos arrabaldes) e, ao ocupar esses logradouros, demonstrar

<sup>83</sup> KHOURY, Yara Maria Aun. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária – imprensa, memória e militância anarcossindicalistas*. Tese de doutorado. São Paulo: Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1988, p. 36.

<sup>84</sup> BRAGLIA, Nádia Christina. *Pauliceia de ontem: o viver urbano na Belle Époque paulistana*. Projeto História, n° 40, junho de 2010, p. 528.

<sup>85</sup> BARBUY, Heloísa. *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 75.

sua força”<sup>86</sup>. Ainda segundo ele, “ao tomar as ruas de assalto, esses militantes e operários incitavam todos a ocuparem os espaços que, construídos por eles, eram usufruídos pelos patrões”.<sup>87</sup>

No tocante aos aspectos físicos, o semanário era impresso no formato tabloide, modelo recorrente na imprensa operária brasileira por seu aspecto ligeiro e compacto, possuía quatro páginas, divididas geralmente em seis colunas, e empregava larga utilização de imagens, como era característico nesse tipo de formato. As informações sobre tiragem são escassas, o pouco que se sabe são dados apresentados pelo próprio jornal durante a primeira fase, que oscilou entre 26 mil (n. 9, novembro de 1901) a 6 mil exemplares (n. II, junho de 1903), números considerados altos para um periódico libertário.<sup>88</sup> Na segunda fase a prática de divulgação das tiragens não foi retomada.

Entretanto, algumas pistas sugerem que o alcance do jornal foi substancial, surpreendendo até mesmo seus editores. No artigo de fundo do segundo número, publicado no dia 23 de outubro de 1909, *A Lanterna* informou que a procura pela edição de reestrea foi tamanha que foi necessário imprimir uma segunda tiragem para tentar atender aos pedidos que chegavam, sendo publicada uma nota para explicação do ocorrido:

Excedeu a nossa expectativa o acolhimento que nos dispensou o povo desta capital e do interior. As nossas tiragens, apesar de aumentadas, foram insuficientes para atender a procura e nem a segunda edição que fizemos no domingo, bastou para satisfazer os pedidos.

Podemos afirmar que a nota do dia foi a reaparição d’*A Lanterna*, sofregamente procurada e lida em todo o Estado de S. Paulo.

Pode-se bem avaliar, daí, quanto desejo nutre o povo que pensa de ser livre da praga do clericalismo que vai alastrando insidiosamente por toda a parte. Há um veemente desejo de protestar; de guerrear a negra instituição e *A Lanterna* veio, portanto, como a bandeira de combate, arregimentar batalhadores para essa campanha!

À luta, servos do erro, soldados das trevas, inimigos do povo livre e amigos da tirania e do despotismo: nós pugnamos pela verdade, vós pela mentira; nós pretendemos a humanidade sem tiranos, vós sois os forjadores desses tiranos; nós queremos consciências iluminadas, vós pretendeis atrofiar os cérebros.

Ao povo, cujo apoio e aplauso nos servem de incentivo, hipotecamos nossos esforços. Queremos servi-lo com toda a dedicação.

Pedimos desculpas aos amigos que enviaram pedidos de exemplares e que não foram atendidos por estarem esgotadas as edições.

Para prevenir esse inconveniente duplicaremos a edição de hoje e as subsequentes.

<sup>86</sup> DE PAULA, Amir El Hakim. *Os operários pedem passagem! A geografia do operário na cidade de São Paulo (1900-1917)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 2005, p. 113.

<sup>87</sup> *Ibid.*, p. 114.

<sup>88</sup> PERES, Fernando Antônio. *Estratégias de aproximação: um outro olhar sobre a educação anarquista em São Paulo na Primeira República*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2004, p. 53.

A todos que nos enviaram saudações, quer pessoalmente, quer por telegramas e cartas, nossos agradecimentos.

Posso garantir que não desfalecemos na cruzada que iniciamos.<sup>89</sup>

Através da nota, e se ela não for parte de mera estratégia de autopromoção, percebe-se a boa recepção que o jornal teve em seus números iniciais superando, inclusive, a expectativa dos seus adeptos. Supõe-se, assim, que a mobilização oriunda do caso Ferrer, rendendo homenagens e atos em diversos lugares, possa ter sido um dos motivos que impulsionou as vendas do *A Lanterna*. A data da morte do mártir se tornou um símbolo de luta anarquista,

Figura 1 - Capa da primeira edição do jornal *A Lanterna*



Fonte: *A Lanterna*, n. 1, São Paulo, 17/10/1909, capa.

<sup>89</sup> *A Lanterna*, n. 2, São Paulo, 23 de outubro de 1909, p. 4.



sendo lembrada todos os anos não só através da imprensa como pelas manifestações promovidas pelos libertários nas cidades, como será trabalhado no segundo capítulo.<sup>90</sup>

A campanha do *A Lanterna* pelo educador apareceu nas capas das sete primeiras edições do ano de 1909, sempre com ataques contundentes ao clero espanhol e com manifestos em homenagem ao pedagogo e às Escolas Modernas, como é possível ver na Figura 1, capa do primeiro número publicado. Nela aparece o retrato fotográfico de Francisco Ferrer, chamado de “O grande mártir da educação popular”, em um registro respeitoso e positivo. De outro modo há uma caricatura do rei Afonso XIII, em uma alusão abertamente negativa, enfatizada pela característica própria da caricatura ao possibilitar distorções e exageros na representação iconográfica, o que ainda é corroborado pela legenda acusatória “O carrasco-mor de Ferrer”, uma vez que *A Lanterna* a ele atribuía, inicialmente, a responsabilidade pela execução.

Outras duas imagens destacam-se nessa primeira página, sob o título “O símbolo da vingança”: uma ilustração de Miguel Angiolillo e o que parece ser uma reprodução da fotografia de Mateu Morral, dois anarquistas que, anos antes, haviam praticado atentados contra autoridades espanholas em represália à violência do Estado contra os trabalhadores. A manchete da edição, “Giordano Bruno em pleno Século XX”, associa o fundador da Escola Moderna a outros personagens da história que teriam sido mortos por desafiar a Igreja e seus ensinamentos, como ocorreu com Giordano Bruno, condenado em 1600 pela Inquisição por ter contestado as ideias vigentes da Igreja, inclusive de que a terra era o centro do universo.

Francisco Ferrer, o ilustre pensador espanhol, o ilustre e talentoso apóstolo da educação popular, acaba de ser assassinado nos calabouços de Montjuic, caindo como um novo Galileu, como um novo Giordano Bruno, como um novo Servet, vítima do fanatismo inquisitorial da canalha jesuítica, dessa raça maldita de insaciáveis Torquemadas, que, como um imenso bando de urubus, erguem-se sobre a terra, quase eclipsando o sol, envolvendo-a em tenebrosa noite com a negrura das asas.<sup>91</sup>

*A Lanterna* contava ainda com algumas seções fixas e outras que se alternavam ao longo das edições. Dentre elas estavam a *Ecos & Notas*, em que os correspondentes denunciavam o que chamavam de “patifarias clericais”, ocorridas nos mais diversos locais, a *Bilhetes e Recados*, destinada à comunicação direta com os leitores, a seção *Nossos Concursos*, com sorteios, concursos e oferta de brindes aos assinantes, além da seção de

<sup>90</sup> BILHÃO, Isabel. *Imprensa e educação operária: análise da difusão do ensino racionalista em jornais anarquistas brasileiros (1900-1920)*. Educação Unisinos, vol. 20, núm. 2, maio/agosto, 2016, p. 180.

<sup>91</sup> *A Lanterna*, n. 1, São Paulo, 17 de outubro de 1909, p. 1.

“fantasia inverossímil” onde eram publicadas as aventuras de *O “asno” na lua*. Havia também a rubrica assinada por Avelino Fóscolo chamada *O Jubileu*, outra chamada *O que se faz nos seminários e nas paróquias*, do ex-sacerdote Don Francisco Bigliuzzi, a seção *De porta da Europa* (que será retomada no terceiro capítulo), escrita por Neno Vasco no período em que ele passou como correspondente do jornal na Europa, trazendo sempre as últimas notícias sobre os conflitos bélicos e a Guerra. Existia ainda o espaço destinado aos anúncios, que em sua maioria eram de consultórios de advocacia, clínicas médicas, livrarias e outros serviços ofertados por profissionais liberais ou estabelecimentos comerciais.

A segunda fase do periódico destacou-se por o ter tornado um dos órgãos com maior relevância dessa fase pujante da imprensa paulista, especialmente no que se refere às folhas anticlericais e libertárias, como afirmou Boris Fausto.<sup>92</sup> Isso pode ser constatado se levar em consideração que neste período foram poucos os impressos periódicos fora do circuito da grande imprensa, incluindo jornais operários que circularam com regularidade por quase oito anos, e o número é ainda menor se for considerado que *A Lanterna* não só teve essa regularidade, como publicou suas edições semanalmente durante quase todo este período, além de ter estruturado uma campanha ao longo de 1913 com o ensejo de se tornar uma folha diária, objetivo que só não foi logrado devido à dificuldade em angariar fundos suficientes para tal empreitada. Entre os anos de 1901 a 1904 e 1933 a 1935 *A Lanterna* publicou, com uma frequência irregular, 107 números (59 na primeira fase e 48 na terceira). Já entre os anos de 1909 a 1916, que compõem a segunda fase do periódico, foram publicadas, semanalmente e de maneira ininterrupta até junho de 1915, 280 números, acrescidos de mais 13 que saíram até novembro de 1916, totalizando 293 volumes, quando Leuenroth interrompeu o projeto para se dedicar ao jornal de maior longevidade da imprensa libertária, *A Plebe*.

Muitas dessas publicações, que normalmente eram jornais de quatro páginas com periodicidade mensal, quinzenal ou, quando muito, semanal, tiveram vida efêmera. Mas houve exceções, como o jornal anarquista *A Plebe*, de São Paulo, que com interrupções foi publicado entre 1917 e 1951, chegando a sair diariamente durante um curto período em 1919.<sup>93</sup>

O sucesso d’*A Plebe*, jornal que ficou conhecido por ser o principal responsável por construir a mobilização em torno da Greve Geral de 1917, em consequência da qual Leuenroth foi, inclusive, preso pela acusação de ser o mentor intelectual. Isso confirma também o quão importante foi o papel desempenhado pela *Lanterna* na imprensa operária

<sup>92</sup> FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: DIFEL, 1976, p. 83.

<sup>93</sup> BATALHA, Claudio. *O movimento operário na primeira república*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 64.

paulista, já que Leuenroth utilizou na nova publicação a experiência adquirida durante a edição do *A Lanterna*. Indo além, no próprio editorial de lançamento do *A Plebe* encontra-se a referência àquele periódico que teria sido seu percussor: “*A Plebe*, como facilmente se verifica, é a continuação d’*A Lanterna*, melhor dizendo, é a própria *Lanterna*”.<sup>94</sup> Evidenciando, portanto, a ligação e a continuidade existente entre as duas folhas, que pode ter sofrido apenas uma alteração no nome devido à perseguição política.

É crucial destacar que tanto *A Plebe*, quanto *A Lanterna*, *O Amigo do Povo*, *La Barricata*, dentre outros tabloides já citados aqui, embora fossem representantes de uma imprensa operária e/ou libertária, estavam inseridos também em um quadro de expansão e modernização da imprensa brasileira e da própria sociedade como um todo. Se nesta primeira parte do capítulo o intuito foi apresentar o jornal através da trajetória de seus fundadores, na segunda parte o estudo se concentrará em analisar, de maneira diacrônica e sincrônica, os fatores que contribuíram para que jornais como *A Lanterna* pudessem existir. Entendendo a imprensa como uma “linguagem constitutiva do social”, que “detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal”,<sup>95</sup> será dada ênfase nos processos de instalação, modernização e expansão da imprensa no Brasil, com ênfase em São Paulo, sua conexão com a dinâmica europeia e a articulação desses movimentos com os aspectos econômicos, sociais e culturais.

### 1.3. Imprensa, humor e imagem na belle époque paulistana

A cidade de São Paulo no início do século XX, período em que *A Lanterna* esteve em circulação, era formada por um caldo cultural em plena ebulição. Até pouco tempo era tida como “caipira”, ou um “burgo de estudantes”<sup>96</sup> agrupada em torno da Faculdade de Direito. Décadas depois, a província passou, na mesma velocidade com que a economia cafeeira se expandiu, para a capital econômica do Brasil. Com o declínio do café no Vale do Paraíba e a construção da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que levou o eixo cafeeiro para a região de planalto localizada no oeste do Estado, a cidade de São Paulo, ponto de intersecção entre o interior e o porto de Santos, local de escoamento da produção exportadora, estando,

<sup>94</sup> *A Plebe*, nº 1, São Paulo, 9 de julho de 1917.

<sup>95</sup> CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. Projeto História, São Paulo, n. 35, 2007, p. 260.

<sup>96</sup> CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana - 1890-1915*. São Paulo: Educ; arquivo do Estado de São Paulo: Imprensa oficial; 2000, p. 60.

assim, em meio à rota do produto, deixou seu status de vila para se tornar o centro econômico, político e cultural da região, símbolo da República.

O Brasil acabará de sair de um período agitado após a transição da Monarquia para a República. Os primeiros anos do regime republicano foram marcados por revoltas, tentativas de golpes, pelo Encilhamento e por uma disputa constante pelos rumos da nação.<sup>97</sup> Segundo Jeffrey Needell, foi somente em 1898, com a consolidação da elite cafeeira paulista no poder, por meio da figura de Campos Sales, o quarto a assumir a cadeira de Presidente desde que a República havia sido instaurada, que se iniciou uma estabilidade e uma recuperação econômica sob a égide das elites regionais.<sup>98</sup> Focado no caso do Rio de Janeiro, o autor adota o ano de 1898 como o marco de início do que ele chamou de *Belle Époque* tropical baseando-se no argumento de que este foi o ano em que se registrou “uma mudança sensível no clima político, que logo afetou o meio cultural e social”.<sup>99</sup>

Pois o ano de 1898 assinala, no Rio de Janeiro e no resto do país, não só um novo começo, mas também o ressurgimento das forças tradicionais. O período revolucionário de 1880-97, marcado pela ascensão e derrota da reforma e da revolução sonhada pelos segmentos urbanos, desemboca no fracasso da tentativa de contenção do domínio exercido pela elite tradicional. Esta contenção representou um importante interregno, capaz de afetar a natureza e o curso dos movimentos abolicionista e republicano, sem destruir, contudo, os alicerces do poder das elites agrárias e de seus aliados, nem impedir a formação de um governo para atender aos anseios dos grupos mais poderosos. No ano de 1898, esses grupos instalaram-se solidamente no topo da hierarquia socioeconômica, triunfando sobre os desafios políticos radicais. O final do século marca a permanente vitalidade, e mesmo o predomínio, de padrões que podem ser percebidos em todo o seu transcurso.<sup>100</sup>

Entretanto, embora tenha existido uma continuidade nas forças que predominaram politicamente, o Brasil na Belle Époque passou a viver contradições que se tornaram marcas do período. A dualidade entre o velho e o novo, a recusa ao passado colonial e escravista em prol do presente que se desejava moderno e cosmopolita. De acordo com Saliba, o moderno, naquele momento, “significava a incorporação de todos a uma temporalidade comum na direção do progresso”<sup>101</sup>, sendo necessário, para isso, que os indivíduos se livrassem dos “modos provincianos e das sociabilidades geradas pela sociedade escravista”<sup>102</sup> e passassem a

<sup>97</sup> NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 29.

<sup>98</sup> Ibid., p. 39.

<sup>99</sup> Ibid.

<sup>100</sup> Ibid., p. 40.

<sup>101</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Nos tempos de Villa Kyrial*. Revista USP, São Paulo, n. 50, junho/agosto 2001, p. 304.

<sup>102</sup> Ibid.

adotar “padrões europeizados de condutas públicas e privadas”<sup>103</sup>, sobretudo, de referência francesa.

No limiar do século XX, o Brasil girava em torno dos modismos ditados pela capital do século XIX, como mais tarde Walter Benjamin intitularia Paris. De lá trazia-se tudo que fosse consumível por uma sociedade urbanizada e sedenta de modelos de prestígio. Importavam figurinos, mobiliário, roupas, notícias sobre peças e livros em voga, escolas filosóficas, lazer, estética e até mesmo doenças. Vivia-se de acordo com paradigmas determinados pela cultura eurófila aristocrática, com reflexos na atividade social, acentuando seus relevos epidérmicos e postícios.<sup>104</sup>

Utilizando a definição de Saliba, São Paulo foi um microcosmo do que o país vivenciou no período.<sup>105</sup> As mudanças na pauliceia ocorreram de maneira acelerada, tendo como marco a instalação da *Light*, que trouxe consigo a energia elétrica e possibilitou um salto na indústria local através da substituição do vapor pela eletricidade.<sup>106</sup> Sob a administração de Antônio da Silva Prado (1889-1911), São Paulo passou por uma série de reformas urbanas que tinham por objetivo modernizar e civilizar a cidade, adquirindo “roupagens apropriadas para ostentar o novo *status* de metrópole e cumprir o destino de polo econômico e político do país, que lhe fora outorgado desde o *boom* cafeeiro”.<sup>107</sup>

Anos após a abolição da escravatura, São Paulo, assim como o Rio de Janeiro, havia se tornado um imenso canteiro de obras, passando então a atrair, desde finais do século XIX, uma massa gigantesca de imigrantes estrangeiros que, ao não encontrarem no campo postos de trabalhos que suprissem a leva crescente de trabalhadores que desembarcavam na Hospedaria dos Imigrantes, passaram a se concentrar na capital do Estado, ao redor das fábricas e no comércio ambulante. O excedente de estrangeiros levou a cidade a um vertiginoso crescimento demográfico, o que fez com que passasse de 23.000 habitantes em 1872 para aproximadamente 400.000 habitantes em 1914.<sup>108</sup>

O repentino desenvolvimento populacional da cidade está nitidamente relacionado com a expansão da monocultura cafeeira. A política imigrantista da burguesia cafeeira do Novo Oeste Paulista, voltada para a criação de uma grande oferta de trabalho, influiu decisivamente no rápido e vertiginoso crescimento demográfico da

<sup>103</sup> CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p.25.

<sup>104</sup> Ibid., p. 28.

<sup>105</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Nos tempos de Villa Kyrial*. Revista USP, São Paulo, n. 50, junho/agosto 2001, p. 305.

<sup>106</sup> SAES, Flávio. "São Paulo republicana: vida econômica" In.: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo (Vol. 3)*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 229.

<sup>107</sup> CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p.34.

<sup>108</sup> PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 34.

cidade de São Paulo. Nas últimas décadas do século XIX e na primeira década do século XX, a cidade viveu uma verdadeira revolução demográfica, provocada pelo aumento considerável de seus habitantes em um curto espaço de tempo e num ritmo acelerado, como também sofreu uma metamorfose na sua população, com o aparecimento de uma verdadeira sociedade nova, composta, em sua maioria, por uma imensa população proletária de imigrantes.<sup>109</sup>

Calcula-se que o Brasil, entre os anos de 1871 e 1920, recebeu um contingente de mais de 3 milhões de imigrantes estrangeiros, sendo que a maior parte fixou residência no Estado de São Paulo. Conforme argumenta Camargos, “do porto de Santos, uma proporção cada vez maior de recém-chegados, alertados pelas péssimas condições com que se deparariam nas fazendas, fugia diretamente para a capital”<sup>110</sup> e lá se instalavam em busca de oportunidades de trabalho. Desta maneira, em 1907 somente as fábricas de São Paulo já empregavam quase 15.000 operários, representando 63% de todo o operariado do Estado, e em 1920 o número saltava para 84 mil e assim sucessivamente.<sup>111</sup>

A inserção da cultura europeia na cidade de São Paulo deveu-se não só às viagens e intercâmbios da elite cafeeira como também foi trazida na bagagem desses imigrantes italianos, portugueses, alemães, poloneses, dentre outros. Da Itália, país de origem da maior parte dos estrangeiros que aqui chegavam, desembarcaram com eles hábitos, práticas sociais e ideais que se instalaram e estiveram intrinsecamente ligados a construção da metrópole que se formava. Foi por meio dessa mistura que ideologias como o sindicalismo, o socialismo e o anarquismo chegaram e rapidamente se difundiram num ambiente que se mostrou extremamente propício para o movimento associativo<sup>112</sup>, como mostra Cruz:

No ambiente urbano, as experiências vividas e pensadas por esses diferentes grupos sociais manifestavam-se nos processos de construção dos modos de viver. Instituído espaços novos de convivência [...], as experiências sociais desses sujeitos confrontam-se no desenho da nova cidade. Diferentemente da vida no burgo dos estudantes, na Paulicéia em formação as elites passam a disputar com os setores populares a ocupação dos espaços abertos da cidade [...]. Cabe ressaltar que, nesse período, as transformações do viver urbano em São Paulo têm como uma das facetas culturais mais características o intenso movimento associativo. Vivendo as condições legadas pelas transformações socioeconômicas do século XIX, ante uma institucionalidade a ser construída, velhos e novos sujeitos parecem encontrar nas

<sup>109</sup> Ibid., p. 35.

<sup>110</sup> CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p.33.

<sup>111</sup> QUEIROZ, Suely Robles Reis de. “Política e poder público na cidade de São Paulo”. In.: PORTA, Paula (Org.). *História da cidade de São Paulo (Vol. 3)*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 27.

<sup>112</sup> Um trabalho que aborda de maneira bem completa como seu deu os processos organizativos entre associações étnicas e de classe italianas na cidade de São Paulo foi: BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe. Os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920)*. Tese de Doutorado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

práticas associativas um caminho para a construção de novas formas de representatividade e sociabilidade.<sup>113</sup>

Perceber a complexidade de elementos que estavam presentes e atuavam na belle époque paulistana é fundamental para entender a atmosfera na qual *A Lanterna* atuou. A sobreposição de temporalidades, o velho e o novo se confrontando de modo incessante por meio do choque das permanências do passado provinciano com o presente que se almejava cosmopolita, o misto de experiências provenientes de diversas localidades que se fundiam nas ruas da cidade, foram componentes essenciais para a formação da pauliceia e o estabelecimento de um sistema de produção e consumo cultural na capital. São Paulo passou a contar com novos espaços de sociabilidades, seja na esfera privada, privilégio da elite, seja na esfera pública, onde atores sociais ascendiam participando ativamente da construção dos modos de ver, pensar e lidar com a modernidade que se instalava.

Neste cenário, a imprensa periódica desempenhou um papel fundamental, emergindo como “foco fundamental de formulação, discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais de difusão” dos projetos e produtos daquela nova sociedade.<sup>114</sup> Se existia a necessidade de informar a população do cotidiano político da República, criava-se um jornal. Se existia a necessidade de falar da moda e da arte parisiense, que ditava os rumos do processo de “estetização da vida” na Belle Époque paulistana<sup>115</sup>, publicavam-se jornais. Se era necessário denunciar as mazelas do trabalhador, difundir os grupos associativos onde o operariado poderia encontrar respaldo ou combater o clericalismo, agente do capitalismo no controle das mentes e na exploração da população, invocava-se *A Lanterna*. A difusão do periodismo fez com que parcelas significativas da população fossem incorporadas aos circuitos da cultura letrada.<sup>116</sup>

Para entender como foi possível que um hebdomadário libertário, de confecção praticamente artesanal, pudesse confrontar o *status quo* vigente utilizando, para isso, imagens como uma das principais ferramentas de combate, é necessário compreender não só as engrenagens econômicas e estruturais da Belle Époque, mas também, e principalmente, observar, como Darnton propõe, a imprensa como uma força ativa na história, um ingrediente do acontecimento e não apenas um registro do que aconteceu, contribuindo para “dar forma

<sup>113</sup> CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000, p. 63-64.

<sup>114</sup> Ibid., p. 71.

<sup>115</sup> CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p.12.

<sup>116</sup> CRUZ, Op. Cit., p. 82.

aos eventos que registrava”.<sup>117</sup> Deste modo, entender a lógica por trás da folha de Mota e Leuenroth, as condições técnicas e sociais de produção, circulação e recepção que um periódico libertário desfrutava no período é, ao mesmo tempo, transitar sobre o processo de formação tipográfica no Brasil posicionando a lente de análise sobre as características e peculiaridades de São Paulo.

De acordo com Martins e Luca, houve um atraso na instalação de um parque gráfico brasileiro se comparado a maioria dos países ocidentais, inclusive os sul-americanos. Alguns fatores explicam os motivos disso ter ocorrido, dentre eles as autoras destacam o “caráter severo e censurador da administração portuguesa, a quem não convinha levar o esclarecimento da palavra impressa à população de territórios que se prestavam à exploração comercial”, a forte presença da Igreja Católica, que reivindicava a primazia da difusão do conhecimento por meio da catequese e, sobretudo, a falta de condições materiais para a implementação de uma prática de caráter mercantil capitalista, presidida pelas leis de mercado, típica dos grandes centros, em um local onde prevalecia ainda a “ausência de urbanização, a precariedade da burocracia estatal, a incipiência das atividades comerciais”, o analfabetismo, etc.<sup>118</sup>

A chegada da família real trouxe consigo a primeira tipografia e a aprovação do fim da censura, em 1821, estimulou o jornalismo brasileiro a dar passos mais vigorosos, ainda que concentrado na cidade do Rio de Janeiro, onde o *Correio Braziliense* e a *Gazeta do Rio de Janeiro* já eram vistos pelas ruas desde 1808. Em 1823, logo após a independência, surgiu o primeiro jornal de São Paulo, chamava-se *O Paulista* e era um bissemanário publicado pelo professor Antônio Mariano de Azevedo Marques, conhecido como “O mestrinho”.<sup>119</sup>

No que diz respeito à trajetória da imprensa na cidade, parece certo afirmar que a falta de tipografias e o estado de rarefação cultural não intimidaram por completo os jornalistas de plantão da cidade, de tal sorte que ficou registrado na história da imprensa paulista o aparecimento de uma folha pitoresca, realizada por obra de Antonio Mariano de Azevedo Marques, o “Mestrinho” (1797-1844) – poeta, historiador, linguista, educador e funcionário público. Homem de espírito inventivo, elaborou o “Projeto-plano de um estabelecimento patriótico para suprir a falta de uma tipografia”, que resultou, seguramente em tom de protesto, no jornal manuscrito *O Paulista*, que fez circular em 1823, com o auxílio de 40 amanuenses por ele contratados. O projeto visava à divulgação de “ideias úteis e as luzes tão necessárias num país livre”.<sup>120</sup>

<sup>117</sup> DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Orgs.). *A Revolução Impressa: A Imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 16.

<sup>118</sup> MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 16-17.

<sup>119</sup> Ibid., p. 17-18.

<sup>120</sup> DEAECTO, Marisa Midori. *Os primórdios da imprensa paulista: José da Costa Carvalho, fundados de O Farol Paulistano (1827-1831)*. Revista de História Regional 12(2): 29-50, Inverno, 2007, p. 36.



Entretanto, foi somente no ano de 1827, em um quadro de crise entre Imperador e nacionalistas liberais após a abertura da primeira legislatura, que a cidade foi introduzida de vez no mapa tipográfico brasileiro.<sup>121</sup> Com a criação da Academia de Direito do Largo do São Francisco, em 11 de agosto de 1827, considerada “marco fundante da cultura letrada paulistana”,<sup>122</sup> os impressos foram se multiplicando, redigidos na maioria das vezes por quadros da própria faculdade ou por indivíduos que frequentavam tais círculos acadêmicos.

Dentre os personagens que fundaram e redigiam tais publicações estavam nomes que se tornariam célebres na história brasileira, tanto pela atuação no funcionalismo público como pelas contribuições legadas à imprensa. Foi o caso de José da Costa Carvalho, soteropolitano, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, que atuou como juiz, diretor da Faculdade de Direito de São Paulo, ocupou brevemente o cargo de presidente da província e foi o fundador do jornal *Farol Paulistano* (1827).<sup>123</sup> A pedido de Carvalho instalou-se na cidade o médico italiano Libero Badaró, criador da folha *O Observador Constitucional* (1829) e que ficou reconhecido como um ícone da luta pela liberdade de imprensa, tendo pronunciado no seu leito de morte a famosa frase “Morre um liberal, mas não morre a liberdade”.<sup>124</sup> Badaró foi assassinado um ano após o surgimento do *Observador*, crime motivado por retaliação política.

Destaca-se também a atuação de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, proprietário da Tipografia Imparcial e fundador do primeiro grande jornal de São Paulo, *O Correio Paulistano* (1854)<sup>125</sup> e de Rangel Pestana, jurista formado na Faculdade de Direito, político de atuação incessante ao longo da vida, que fez parte do triunvirato que administrou São Paulo após o advento da República, além de ter ocupado várias outras cadeiras como a de deputado, senador, e etc. Foi também jornalista apaixonado, redator do jornal *A Província de S. Paulo*, primeiro periódico a ter venda avulsa na cidade e que inovou a imprensa paulistana em diversos aspectos, sendo um dos diários de maior longevidade na história brasileira, em circulação até hoje com o nome que adquiriu após a instauração da República, *O Estado de S. Paulo*.<sup>126</sup>

<sup>121</sup> Ibid., p. 32-33.

<sup>122</sup> CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000, p. 50.

<sup>123</sup> DEAECTO, Op. Cit., p. 37.

<sup>124</sup> Ibid., p. 46.

<sup>125</sup> THALASSA, Ângela. *Correio Paulistano: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

<sup>126</sup> BAHIA, Juarez. *História, jornal e técnica: História da imprensa brasileira, volume 1*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009, p. 84-85.

Devido aos serviços prestados, Rangel Pestana foi homenageado dando nome a uma importante avenida do centro de São Paulo que até hoje liga os bairros da Sé e do Brás, endereço onde funcionaram o Salão Monteiro e a Confeitaria Progresso, dois dos primeiros pontos de vendas do jornal *A Lanterna* em sua segunda fase. Outra ligação indireta que Pestana teve com o jornal anticlerical foi a amizade com Benjamim Mota, a quem confidenciou, na manhã do dia 15 de novembro de 1889, que havia sido proclamada a República no Brasil, encarregando-o de passar um telegrama para Santos comunicando Quintino de Lacerda<sup>127</sup> e Bueno de Andrada<sup>128</sup> sobre o acontecimento, conforme Mota relatou posteriormente:<sup>129</sup>

No dia 15 de novembro de 1889, desde às 9 horas da manhã, eu já sabia que a República havia sido proclamada, porque o saudoso Dr. Francisco Rangel Pestana encarregou-me de ir passar para Santos um telegrama a Quintino de Lacerda e Bueno de Andrada, dizendo-me:

- Pode ler, mas fique quieto.

[...] O telegrama era a comunicação do que ocorrera no campo de Sant'Anna.<sup>130</sup>

Os escritos produzidos na Academia eram de natureza variada, apesar da maior parte ter se caracterizado por ser instrumento de exercício da política, cuja função seria expandir os debates sobre os rumos do país para além dos espaços oficiais ou religiosos e colocá-los ao alcance da população. No entanto, havia espaço para folhas de diversas tendências, correntes, para folhas literárias, humorísticas, ou seja, publicações de conteúdos variados, muitas vezes de curta permanência, “mantidas à custa de um restrito círculo de assinantes”<sup>131</sup> mas que “viabilizavam as discussões jurídicas, literárias e filosóficas dessa elite letrada que se aglutinava em associações acadêmicas”<sup>132</sup>

Embora o letramento, durante o século XIX, tenha sido privilégio apenas de uma minúscula parcela da população brasileira, a imprensa, contudo, não esteve isolada da sociedade, especialmente quando o que se observa é a atuação dos periódicos. Conforme argumenta Morel, já no século XIX, na Corte, a imprensa tanto influenciava quanto sofria

<sup>127</sup> Quintino de Lacerda foi um importante abolicionista, líder do Quilombo do Jabaquara, primeiro vereador negro eleito na cidade de Santos e Major do Exército brasileiro, patente recebida pouco depois da Proclamação da República em reconhecimento aos serviços prestados.

<sup>128</sup> Antônio Manoel Bueno de Andrada foi um abolicionista, republicano, eleito Deputado Estadual por São Paulo e era sobrinho de José Bonifácio de Andrada e Silva.

<sup>129</sup> CARONE, Edgard. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979, p. 477-478.

<sup>130</sup> Idem.

<sup>131</sup> GALLOTA, Brás Ciro. *São Paulo aprende a rir: a imprensa humorística entre 1839-1876*. Tese de Doutorado, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006, p. 48.

<sup>132</sup> CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000, p. 53.

influência da massa letrada que dava seu feedback por meio de vozes, falas e gestos não-escritos, mas que compunham uma “complexa teia de circulação, recepção e retransmissão de conteúdos que ultrapassavam o espaço impresso”.<sup>133</sup>

As chamadas elites culturais, isto é, as letradas e com acesso aos instrumentos da divulgação impressa, se relacionavam com diferentes setores da população, socialmente abaixo ou acima delas. Aceitar que havia um fosso irrecuperável e intransponível entre tais elites intelectuais e o restante da sociedade é, de algum modo, reproduzir acriticamente a própria condição que aquelas a si mesmas atribuíam, de qualitativamente superiores e apartadas da ‘massa inculta’ ou da ‘aristocracia ignorante’, numa forma de distinção típica dos herdeiros da Ilustração. Distinções havia, decerto, mas isso não elimina as interações sociais que se estabeleciam, formalmente ou não.<sup>134</sup>

Heloísa de Faria Cruz argumenta que, até o início da década de 1870, tal dinâmica é praticamente imperceptível em São Paulo. A autora defende a ideia de que a imprensa paulistana, neste período, ainda se configura no interior de um universo social restrito aos limites impostos pela elite da Faculdade de Direito, de pouquíssima penetração em círculos exteriores, ocupando espaços extremamente reduzidos no cotidiano da vida urbana.<sup>135</sup> Contudo, a partir dos anos seguintes o cenário foi alterado e a modernidade que se apresentou elevava a imprensa ao patamar de principal veículo de interação social existente.

Seria principalmente nas últimas décadas do século XIX, surpreendida pela turbulência das transformações sociais, que a cultura letrada e a imprensa começariam decididamente a avançar para além das elites tradicionais. Nessa época, em ritmo acelerado, no compasso de um modo de vida que exporta capitais e invade rapidamente inúmeros espaços do planeta, a história da formação das metrópoles brasileiras multiplica o tempo e a experiência social.<sup>136</sup>

O jornal, “inserido em um circuito integrado e simultâneo de informações cada vez mais ágil [...] era a um só tempo objeto e sujeito da construção do espaço público, lugar de mediação entre Estado e Sociedade”.<sup>137</sup> Mesmo que houvessem barreiras evidentes ao periodismo no Brasil que perduraram até meados do século XX como, além do analfabetismo, a questão do idioma, esses problemas foram, em certa medida, contornados devido a atuação de alguns fatores cruciais. Esses periódicos atuaram de maneira decisiva ao tentar quebrar a

<sup>133</sup> MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 103.

<sup>134</sup> Ibid., p. 104.

<sup>135</sup> CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000, p. 55.

<sup>136</sup> Ibid., p. 42.

<sup>137</sup> GUIMARÃES, Valéria. *Notícias diversas: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez*. Campinas: Mercado das letras, 2013, p. 22

barreira do idioma e na sedimentação do espaço de atuação dos jornais operários e/ou libertários, estando em constante diálogo com os impressos em língua portuguesa do mesmo segmento.

Um exemplo disso foi a atuação conjunta do jornal *La Battaglia*, publicado em italiano pelo imigrante Oreste Ristori, e *A Lanterna*, já sob a direção de Leuenroth, no caso da menina Idalina, criança que teria sido estuprada e morta pelo padre Faustino Consoni dentro do principal órgão da Pastoral do Imigrante italiano na cidade de São Paulo, o Orfanato de Artes e Ofícios Cristóvão Colombo. A primeira denúncia sobre o suposto crime foi feita pela folha de Ristori. Todavia, como era imigrante, poderia ser deportado. Leuenroth, que não estaria sujeito a tal punição pelo fato de ser brasileiro, assumiu a denúncia e fez do caso a maior campanha feita nas páginas do jornal *A Lanterna* durante todo o período em que ela circulou. Embora a acusação tenha sido arquivada pela justiça, alegando falta de provas, essa experiência traduz bem a forma como eram estreitos os laços entre a imprensa estrangeira e brasileira, pelo menos no que se refere aos impressos de mesma orientação ideológica.<sup>138</sup>

Outro desafio que a imprensa teve que enfrentar foi a questão do analfabetismo, que durante muito tempo atingiu taxas elevadíssimas no país. Para isso, a estratégia adotada, inspirada em tentativas que já haviam obtido êxito na Europa, foi a adoção do humor e da ilustração no periodismo. Segundo Martins e Luca, desde que foi instalada a imprensa no Brasil ficou marcada pela utilização de vocábulos prenunciados e sua vocação em divulgar acontecimentos de forma caricata, caracterizando-se por sua veia jocosa. Para as historiadoras, “essa linguagem textual engataria com aquela ilustrada da Regência quando, mais que a palavra, coube à imagem reproduzir o cotidiano e criticá-lo de forma perversa”<sup>139</sup>. Nesse processo, a junção do humor com o recurso da ilustração periódica funcionaria como “expressão plausível de fácil e imediata comunicação [...], constituindo-se o traço caricaturado numa das linguagens de maior aceitação do Brasil”<sup>140</sup>.

O recurso da ilustração periódica no Brasil remonta ao início do período Imperial. Conforme afirma Martins, veio na esteira do modismo dos jornais caricatos que eram sucesso na Europa.<sup>141</sup> Darnton e Roche, ao organizarem uma obra que almejava demonstrar como a prensa tipográfica foi um elemento crucial no desenrolar da Revolução Francesa e o “principal instrumento na criação de uma nova cultura política”, dedicaram o último capítulo,

<sup>138</sup> Um estudo aprofundado sobre o Caso Idalina pode ser encontrado na seguinte obra: SOUZA, Wlaumir Doniseti de. *Anarquismo, Estado e pastoral do imigrante. Das disputas ideológicas pelo imigrante aos limites da ordem: o caso Idalina*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

<sup>139</sup> MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 23.

<sup>140</sup> Ibid., p. 26-27.

<sup>141</sup> Ibid., p. 27.

escrito por James Leith, para tratar da importância das imagens nesse processo<sup>142</sup>. Para Leith, a difusão das prensas possibilitou uma “proliferação de imagens através da gravura numa escala sem precedentes na história humana”, sendo que os revolucionários iluministas fizeram uso de maneira desenfreada desse recurso.<sup>143</sup> A década da Revolução produziu gravuras de todos os tamanhos, sobre todos os temas, destinadas aos mais variados espaços pois acreditava-se que essas imagens “deixaria impressões duradouras nas mentes dos cidadãos. Sobretudo, acreditavam que as imagens podiam suscitar emoções de um modo que a palavra impressa não conseguia”.<sup>144</sup>

Com os avanços nas técnicas de impressão e o barateamento dos materiais, a imprensa europeia passou a fazer largo uso da iconografia em seus periódicos, com destaque para o talento e a capacidade de Honoré Daumier de “imprimir em desenho as contradições e ironias da Paris pós-revolução burguesa de 1830”.<sup>145</sup> De acordo com Belluzzo, a aliança definitiva entre caricatura e imprensa foi “assinalada pelo aparecimento das revistas satíricas ilustradas”, que teve na mão de Daumier, através da revista *La Caricature* (1830) e *Le Charivari* (1835), sua consagração.<sup>146</sup>

Daumier é o exemplo mais alto de uma nova acepção de caricatura, fundada nas mudanças estruturais da sociedade europeia e nos movimentos sociais que emergem a partir da revolução francesa, etapa em que a caricatura encontra no conflito de interesses dos grupos sociais farta matéria-prima.<sup>147</sup>

Foi nesse período que os magazines ilustrados passaram a se multiplicar na Europa, a Inglaterra contava com o popular *Penny Magazine* (1832), com o *The Illustrated London News* (1842) que inspirou o francês *L'Illustration* (1843) e, na esteira das folhas de Daumier, havia surgido o *Punch* (1841), um dos ilustrados franceses de maior sucesso.<sup>148</sup> Vale lembrar que os impressos franceses que publicavam sátiras políticas e circularam no período em que Luís Felipe I, o “Rei Burguês”, governava a França (1830-1848), assim como durante todo o Segundo Império (1852-1870), sofreram forte tentativa de cerceamento. Uma das folhas publicadas nesse período e que pode ter inspirado *A Lanterna* de Benjamim Mota foi o

<sup>142</sup> LEITH, James. “Impressos efêmeros: educação cívica através de imagens” In.: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Orgs.). *A Revolução Impressa: A Imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 361-383.

<sup>143</sup> Ibid., p. 361.

<sup>144</sup> Ibid., p. 364.

<sup>145</sup> MARTINS; LUCA. Loc. Cit.

<sup>146</sup> BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Voltolino e as raízes do modernismo*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1992, p. 22.

<sup>147</sup> Ibid.

<sup>148</sup> ALBERT, P.; TERROU, F. *História da Imprensa*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1990, p. 46.

hebdomadário do caricaturista Albert Humbert chamado de *La Lanterne de Boquillon* (1868). As semelhanças não se restringiam apenas ao nome, o jornal de Humbert empregava de maneira feroz o recurso da ilustração satírica para atacar os problemas políticos e sociais, deixando explicitamente delimitado os espaços distintos que textos e gravuras ocupavam na economia do jornal. Com o término do Império e o início da Terceira República francesa a censura acaba e as caricaturas ganham ainda mais força, sendo utilizadas em larga escala pela imprensa anticlerical francesa, por exemplo.<sup>149</sup>

No Brasil, durante muito tempo foi consenso atribuir os primeiros desenhos publicados no periodismo nacional aos traços de Manoel Araújo Porto-Alegre, discípulo de Debret, no *Jornal do Commercio* (1837), seguido pela *Lanterna Mágica – Periódico plástico-filosófico* (1844), de Rafael Bordalo Pinheiro e pelos trabalhos de Auguste Sisson, no *Brasil Ilustrado* (1855).<sup>150</sup>

A imprensa ilustrada se firma na segunda metade do século, dando proeminência à litografia de ilustração sobre a litografia de estampa, que dominou a primeira metade do século, caracterizada pelo teor mais documental, apresentando vistas, costumes, retratos. A linguagem da caricatura marcará a peculiaridade dessa imprensa ilustrada.<sup>151</sup>

Contudo, novos desdobramentos, propostos por Rafael Cardoso, têm mostrado que a introdução dos desenhos nos impressos publicados no Brasil pode ter ocorrido por meio da primeira revista francesa que foi impressa aqui, o hebdomadário *L'Écho Français – bulletin politique, littéraire, des sciences et des arts*.<sup>152</sup> Sobre essas novas contribuições que ajudam a elucidar os primórdios da imprensa ilustrada no Brasil, Guimarães destaca:

O autor recupera a importância desse periódico, com o emprego pioneiro de ilustração, o qual fora negligenciado por compêndios clássicos da história da imprensa brasileira pelo simples fato de ser impresso em língua estrangeira. No segundo e último ano da publicação, 1839, Villeneuve foi sucedido por nada menos que C. H. Furcy, mas logo a publicação é encerrada. A técnica empregada na ilustração (a mesma usada pelo filho de Furcy), assim como a presença de C. H. Furcy, o pai, como parceiro e sucessor de Villeneuve, faz crer que a *Revue Française* foi uma espécie de sucessora do hebdomadário *L'Écho Français*. Ambas

<sup>149</sup> Sobre o emprego da caricatura anticlerical na III República francesa, ver: SAINT MARTIN, Isabelle. *La caricature anticléricale sous la IIIème République*. Archives de sciences sociales des religions, n. 134, abril/junho de 2016, p. 113-120.

<sup>150</sup> BAHIA, Juarez. *História, jornal e técnica: História da imprensa brasileira, volume I*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009, p. 129.

<sup>151</sup> BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Voltolino e as raízes do modernismo*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1992, p. 209.

<sup>152</sup> CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. In: KNAUSS, P. et al. *Revistas ilustradas – modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj, 2011, p. 22.

as publicações foram precursoras no gênero no Brasil e estão entre os primeiros periódicos franceses que podemos chamar de revista a estarem disponíveis aos leitores brasileiros.<sup>153</sup>

O primeiro periódico ilustrado humorístico publicado em língua portuguesa é atribuído à *Semana Illustrada* (1860), do tipógrafo imperial Henrique Fleiuss. A revista que teve como colaboradores os ilustres Joaquim Nabuco, Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, dentre outros, foi publicada até 1876 e gozou de grande popularidade, sendo um dos “raros periódicos de caricaturas favoráveis ao Monarca”.<sup>154</sup> Fleiuss, embora não fosse nem humorista e nem crítico, era um grande desenhista e litógrafo, e abriu uma importante senda para as revistas ilustradas no país.<sup>155</sup>

O surto de revistas ilustradas é acompanhado, no início, da irregularidade de publicação. Por motivos vários, as revistas não ultrapassam os primeiros números ou sofrem várias interrupções. Entre outras razões, registram-se dificuldades técnicas e econômicas e o próprio tom combativo e irreverente das revistas, que provocava represálias e intimidações. A *Semana Illustrada*, lançada pelo litógrafo e desenhista Henrique Fleiuss em 1860, constitui a primeira experiência mais estável desse gênero de publicação. Nos últimos 25 anos do século, a caricatura já está definitivamente incorporada nos nossos periódicos.<sup>156</sup>

Outro jornal que adotou a figura do Imperador como alvo principal de suas charges e caricaturas foi a *Revista Illustrada*, de Ângelo Agostini, o periódico satírico ilustrado de maior popularidade no Brasil do século XIX ou, como definiu Sodré, “o maior documentário ilustrado que qualquer período de nossa história conheceu, só comparável ao que, de outra época, deixaram Rugendas e Debret, mas com a superioridade de uma arte participante”.<sup>157</sup> Natural da província de Piemonte, na Itália, e formado nas Academias de Belas Artes parisienses, Agostini chegou na cidade de São Paulo em 1861, três anos antes de fundar seu primeiro jornal de caricatura, o abolicionista *O Diabo Coxo*.<sup>158</sup> Após a experiência no *Diabo Coxo*, Agostini fundou *O Cabrião*, outro importante periódico satírico, mas foi na *Revista Illustrada* que ele revolucionou a imprensa brasileira.

<sup>153</sup> GUIMARÃES, Valéria. Revistas francesas no Brasil caminhos da modernidade: catálogos e mediadores (Rio de Janeiro e São Paulo, séculos XIX e XX). *Revistas Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 9, n. 2, jul-dez., 2016, p. 20.

<sup>154</sup> MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 28.

<sup>155</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 205-206.

<sup>156</sup> BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Voltolino e as raízes do modernismo*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1992, p. 209-210.

<sup>157</sup> SODRÉ, Op. Cit., p. 218.

<sup>158</sup> BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. Tese de Doutorado, Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2005, p. 17-18.

Belluzzo aponta que, com o piemontês, o desenho caricatural da segunda metade do século, feito sob a técnica litográfica, encontrou seu mais alto representante, cobrindo quase um quarto de século e alcançando uma tiragem de 4.000 exemplares, penetração extremamente significativa para a época.<sup>159</sup> Sodré, ao definir o trabalho de Agostini, falou que ele, embora italiano, foi “dos mais brasileiros dos artistas que nos conheceram e nos estimaram”<sup>160</sup> pois, segundo o autor, o desenhista “compreendeu e expressou não apenas o que era característico em nós, daí a sua autenticidade, mas aquilo que representa o conteúdo característico, isto é, o popular”.<sup>161</sup> E prossegue:

Suas caricaturas, por vezes contundentes, puseram a nu os traços grotescos da classe dominante brasileira do tempo, suas irremediáveis mazelas, seu atraso insuportável, e o vazio dos tristes ornamentos, dos artificios, dos disfarces com que se apresentava, buscando aparentar grandeza.<sup>162</sup>

Agostini trouxe a crítica, a acidez e a sátira da linguagem dos pasquins de outrora e aplicou nos desenhos, o que fez com que sua obra fosse reconhecida não somente pela qualidade técnica como também pela capacidade crítica e combativa de se “pintar os costumes”.<sup>163</sup> O número de artistas que passaram a atuar no nicho consolidado pelo italiano cresceu na mesma medida em que a modernização técnica permitiu que os desenhos fossem feitos de forma mais rápida e iniciou-se a disseminação das revistas ilustradas no Brasil.<sup>164</sup> Embora nas páginas das revistas as gravuras tenham adquirido uma roupagem muito mais mercadológica, de difusão de modismos a serem consumidos pela população, as imagens satíricas e de combate prevaleceram por meio dos jornais periódicos, tanto os boêmios, como era o caso do *Furão*<sup>165</sup> e do *Pirralho*, para citar apenas alguns, quanto pelos diários, como o *Estadinho*, tal qual pelos operários e libertários, como era o caso do jornal *A Lanterna*.

Foi justamente dessas tradições da imprensa brasileira que o semanário de Leuenroth foi herdeiro. Voltolino, um dos expoentes da “melhor tradição da caricatura oitocentista brasileira, saída das mãos de Angelo Agostini”,<sup>166</sup> era um dos poucos desenhistas que assinava as figuras que apareciam em *A Lanterna*. Tal fato se deve, provavelmente, porque

<sup>159</sup> BELLUZZO, Op. Cit., p. 212.

<sup>160</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 218.

<sup>161</sup> Ibid.

<sup>162</sup> Ibid.

<sup>163</sup> BELLUZZO. Op. Cit., p. 211.

<sup>164</sup> Sobre esse momento o trabalho de Martins é referência: MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

<sup>165</sup> Ver: MUTARELLI, Isadora. *O Furão – um jornal da boemia paulistana (1910-1925)*. Dissertação de Mestrado. Franca, SP: Universidade Estadual Paulista, 2018.

<sup>166</sup> BELLUZZO. Op. Cit., p. 7.



Lemmo Lemmi (seu nome de batismo) dispunha de prestígio e respaldo na sociedade para identificar como suas as caricaturas e charges de teor extremamente crítico e combativo ao *status quo* publicadas no jornal sem sofrer perseguições políticas e censura, práticas rotineiras no período. De acordo com Belluzzo, “Voltolino foi caricaturista porque buscou estabelecer uma relação direta com um mundo adverso. Por isso elaborou o riso, pela necessidade de superar, ou, tão somente, atravessar a adversidade”:<sup>167</sup>

O traço inconfundível de Voltolino marca exemplares significativos da imprensa das primeiras décadas do século XX e une a tradição das publicações satíricas ilustradas – herança da segunda metade do século passado, à moderna empresa jornalística. Sua atividade data, aproximadamente, de 1905 e estende-se até 1926, tendo início na pequena imprensa de língua italiana publicada em São Paulo, que compreendia inúmeros jornais humorísticos, muitos deles bem ilustrados, “que açoitavam a sociedade da época”.<sup>168</sup>

Voltolino iniciou sua trajetória na imprensa de língua italiana, trabalhando nos impressos que eram feitos na tipografia do seu irmão, Miguel Lemmi. Seus primeiros desenhos são identificados no jornal *Cara Dura* (1900), no semanário *Il Grillo di Flora* (1905) e no *Tira Prosa* (1906). Entretanto, foi “na imprensa satírica combativa que se encontra a origem da caricatura de Voltolino, embora nessa mesma época ele também colaborasse em publicações de teor humorístico ‘mundano’, redigidas em italiano”.<sup>169</sup> Em 1907 ele atuou no boêmio *Il Ter de Picche*, pouco antes de ser convidado para compor *Il Pasquino Coloniale*, semanário humorístico que circulou de 1907 até 1941. Entre 1908 e 1909, Lemmo Lemmi colaborou na prestigiada revista carioca *O Malho* e mais tarde, em 1919, na também carioca *Dom Quixote*, que havia sido fundada por Agostini em 1895 “e que era dirigida, na sua segunda fase, por Bastos Tigre”.<sup>170</sup> Entretanto, foi na revista *O Pirralho* (1911), de Oswald de Andrade e Dolor de Brito, que Voltolino tornou-se reconhecido pela dimensão vigorosa da crítica política empregada em seus traços, assinalando “o estreito contato do Voltolino com as polêmicas de seu tempo”.<sup>171</sup> O corpo colaborador d’*O Pirralho* contava ainda, além de Dolor e Oswald (que lançou lá seu manifesto “Em prol de uma pintura nacional”, com Ferrignac, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida, dentre outros).<sup>172</sup>

Em 1914 ele passa a atuar, ao lado de outros importantes nomes da caricatura brasileira, como J. Carlos e Belmonte, nas páginas da revista artística e literária *A Cigarra*

<sup>167</sup> Ibid.

<sup>168</sup> Ibid., p. 29.

<sup>169</sup> Ibid., p. 35.

<sup>170</sup> Ibid., p. 39.

<sup>171</sup> Ibid., p. 43.

<sup>172</sup> Ibid.

*Magazine*. Em sua incontável lista de participações na imprensa periódica, encontra-se ainda *O Queixoso* (1915), *o Tagarela* (1915), *Terra Livre* (1910), *Estadinho* (1919), *Fanfulla* (1910), *A Tarde* (1911) e em vários outros. Se a Belle Époque paulistana teve como símbolo o periodismo, sobretudo os segmentos humorísticos e ilustrados, e se, no tocante à imprensa humorística, o período pode ser traduzido pelo linguajar macarrônico de Juó Bananére e sua crônica paulistana,<sup>173</sup> no que tange à imprensa ilustrada quem melhor sintetizou as contradições existentes na cidade entre o mundo caipira e provinciano em contraposição ao moderno e cosmopolita, acrescido do universo cultural e linguístico da imigração,<sup>174</sup> foi Voltolino. Ele circulou, por meio das suas imagens, em todos os espaços por onde a nova sociabilidade da metrópole se construía, onde ela melhor expressava suas contradições.

A vida social já oferecia uma nova dimensão e um novo espetáculo: a multidão. Voltolino captava-o do centro da cidade, do Triângulo (rua Direita, São Bento e 15 de novembro), onde se localizava a maior parte das redações dos jornais e revistas em que trabalhava. Captava-o também, pelo percurso da redação à sua casa ou nas deambulações noturnas pela vida boêmia dos cafés e dos bares.<sup>175</sup>

O caricaturista contribuiu com a imprensa de língua italiana, com a imprensa satírica e combativa, com a imprensa diária, boemia, de arte e literatura, modistas e modernistas. Atuou ao lado de imigrantes, de anticlericais, de figuras ilustres como Monteiro Lobato, Oswald de Andrade e do próprio Alexandre Marcondes Machado, o Juó Bananére. De acordo com Schmidt, na segunda década do século XX os desenhos de Voltolino eram parte integrante de todos os espaços por onde a sociabilidade paulistana se estendia. “Suas críticas, publicadas pelos jornais, eram repetidas nos salões, nos cafés, nos bondes, nas esquinas, por toda parte”.<sup>176</sup> Ele utilizou-se das redações das revistas e jornais para, através da sua crônica humorística, dar forma a visão caleidoscópica e intensa da “vida comprimida da cidade que alargava seus limites”, fornecendo “à imprensa paulista da época sua feição característica”, que ia do traço ácido de Agostini ao sofisticado *art-nouveau*, como o próprio Voltolino.<sup>177</sup>

Observamos também que, embora motivada pelos fatos diários, a linguagem de Voltolino não os reproduz, não os descreve. Pulveriza-os para reordená-los e comentá-los. Dissolve os fatos, para rearticulá-los e reapresentá-los. Justamente

<sup>173</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros dias do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, P. 175-177.

<sup>174</sup> Ibid.

<sup>175</sup> BELLUZZO. Op. Cit., p. 28.

<sup>176</sup> SCHMIDT, Afonso. *Voltolino*. Paulistana, São Paulo, mar./abr., 1949, p. 13-15.

<sup>177</sup> Idem.

neste momento distancia-se dos acontecimentos, guardando sua autonomia com relação à realidade percebida.<sup>178</sup>

Mesmo em tempos de agitações modernistas, as imagens do artista não eram feitas para instaurar um sentido plástico, como era a tendência em voga na época, mas sim para comentar um fato. Segundo Belluzzo, as imagens de Voltolino não constituíam matéria propriamente artística, dentro daquilo que seus contemporâneos entendiam por arte, o que também não permitia dizer que elas estavam livres de tradições e convenções.<sup>179</sup> A autora afirma que a caricatura, enquanto gênero, ocupava um lugar próprio no cenário brasileiro, fruto das contribuições da imprensa satírica ilustrada, da circulação de publicações estrangeiras, do “intercâmbio entre caricaturistas brasileiros e entre estes e os estrangeiros, que se manifesta na linguagem, no uso de convenções e símbolos comuns, aos quais cada um empresta seu traço pessoal”<sup>180</sup> e onde Voltolino foi de uma maestria singular.

---

<sup>178</sup> BELLUZZO. Op. Cit., p. 55.

<sup>179</sup> Ibid., p. 51.

<sup>180</sup> Ibid.

## CAPÍTULO 2 – ANTICLERICAL, DE COMBATE E COSMOPOLITA

### 2.1. O anticlericalismo na Primeira República

Neste capítulo será feita uma leitura das concepções presentes sobre o anticlericalismo tanto em *A Lanterna* quanto na sociedade brasileira durante a Primeira República. O intuito é localizar a folha em meio aos demais grupos e periódicos anticlericais para que se possa delimitar quais eram suas estratégias propagandísticas e como elas se igualavam e/ou diferiam das outras empregadas por seus correlatos. Por exemplo, *A Lanterna* reafirmava sempre em seus números que, diferentemente de outros jornais que se diziam anticlericais, ela não pertencia a nenhuma “facção política”. De acordo com o jornal, “se pertencesse a uma facção política, não seria mais do que a reedição, a repetição de tantos outros que, seguindo uma orientação política especial, fazem também anticlericalismo, como acréscimo”.<sup>181</sup>

Essa postura adotada pelo periódico estava em consonância com o que vinha sendo praticado em outras localidades, sobretudo na França pós Revolução Francesa, na Espanha e em Portugal, onde grupos de diversos matizes, inspirados nos ideais iluministas, se reuniram em torno da secularização e passaram a exigir a separação entre Igreja e Estado. De acordo com Eric Hobsbawm, desde meados do século XVIII a Igreja já não dispunha do mesmo prestígio com os setores ilustrados da sociedade que outrora lhe fora dedicado. Para o historiador, ainda que o ateísmo declarado fosse algo relativamente raro no período, encontrar nobres eruditos que se dedicassem ao cristianismo franco era ainda mais raro:<sup>182</sup>

A indiferença religiosa dos senhores, combinada com o escrupuloso cumprimento dos deveres rituais (para dar um exemplo às classes mais baixas) era há muito tempo familiar entre os nobres emancipados [...]. Os homens polidos e instruídos poderiam tecnicamente acreditar no ser supremo, embora esse ser não tivesse qualquer função exceto a de existir, e certamente sem interferir nas atividades humanas nem exigir outra forma de veneração do que o reconhecimento benevolente. Mas seus pontos de vista em relação à religião tradicional eram de desprezo e frequentemente hostis, quase o mesmo que se estivessem prontos a se declararem francamente ateus.<sup>183</sup>

Não à toa, Hobsbawm considerou a mudança ocorrida na relação entre Igreja e Estado como a mais profunda consequência legada pela Revolução Francesa. Embora a revolução

<sup>181</sup> “Acima dos partidos”. *A Lanterna*, n. 17, São Paulo, 05 de maio de 1910, p. 1.

<sup>182</sup> HOBBSBAWM, E. J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira, Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 240.

<sup>183</sup> Ibid.

tenha sido um movimento de massas bastante vasto, a liderança e o triunfo da burguesia liberal foram tamanhos que “desde que o idioma daquela revolução se transformou na linguagem geral de todos os movimentos sociais revolucionários subseqüentes, também lhes transmitiu este secularismo” sem precedentes.<sup>184</sup> Nesse sentido, inicialmente a luta anticlerical nos países europeus esteve atrelada ao laicismo e ao liberalismo, em uma tentativa de subordinar a Igreja ao Estado para que a religião fosse utilizada como ferramenta de consenso e unidade social, como feito por Napoleão ao se tornar Cônsul da França, em 1801.

Após a Primavera dos povos, em 1848, as correntes socialistas surgiram e tencionaram as conquistas liberais rumo à radicalização. Às bandeiras defendidas pelo laicismo, como a liberdade de pensamento, separação entre religioso e profano, independência do Estado perante a Igreja e recusa da ingerência da Santa Sé e do clero na sociedade, adicionaram-se as dimensões do anticlericalismo socialista, que buscava mudanças abrangendo da ordem social ao ensino, das ideias aos costumes, da cultura aos poderes.<sup>185</sup> Conforme observado no *A Lanterna*, a pauta anticlerical fez com que adversários estratégicos se unissem em torno de alianças táticas cujo objetivo era a secularização da sociedade. Burgueses e operários, liberais e socialistas, republicanos e anarquistas, agnósticos e espíritas, dentre outros, em vários momentos do chamado “Século das Revoluções”, foram vistos empunhando a mesma bandeira iluminista que pretendia solapar a estrutura clerical, base de sustentação do Antigo Regime e tida como principal entrave para o progresso da civilização moderna.

Seguindo essa linha, o historiador espanhol Manuel Revuelta González apontou que o anticlericalismo é um fenômeno que tem suas raízes intimamente ligadas a duas manifestações históricas inerentes ao período contemporâneo: a revolução e a secularização.<sup>186</sup> Por anticlericalismo o autor define a luta contra o clero, entendendo por clero não só as pessoas pertencentes à classe clerical mas também a ideologia que eles representam, as instituições que dominam e a influência que exercem na vida social e política.<sup>187</sup>

*Las revoluciones políticas pretenden derribar el edificio de unos regímenes, que tenían en una Iglesia privilegiada uno de sus soportes fundamentales. Dado que el predominio eclesiástico (clericalismo) estaba unido al régimen que se quería combatir, el ataque a la institución eclesiástica (anticlericalismo) era una secuela inexcusable en la lucha revolucionaria por el poder [...]. El anticlericalismo puede*

<sup>184</sup> Ibid, p. 240-242.

<sup>185</sup> NETO, Vitor. "Igreja Católica e anticlericalismo (1858-1910). In.: *A República no Brasil e em Portugal* (1889-1910). Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, p. 165-166.

<sup>186</sup> GONZÁLEZ, Manuel Revuelta. “El anticlericalismo español en el siglo XIX”. In: ALBERT, Paul (Org.). *Religión y sociedad en España (siglos xix y xx)*. Madrid: Casa de Velázquez, 2002, p. 155.

<sup>187</sup> Ibid.

*definirse, en este sentido, como una oposición al influjo del clero en la vida pública, oposición que suele expresarse en actitudes críticas o acciones hostiles contra la real o supuesta preeminencia de la Iglesia en la sociedad.*<sup>188</sup>

Portanto, o anticlericalismo seria uma reação contra o clericalismo, ou seja, diferentemente da antirreligiosidade, o anticlericalismo, em sua essência, não advoga necessariamente contra a religião, mas contra a invasão eclesiástica do espaço público e sua utilização com fins políticos. E nesse sentido, divergindo do laicismo, o anticlericalismo não aceita que a religião seja usada nem como ferramenta de unidade social, ainda que subordinada ao Estado. Pois, para eles, a Instituição Civil (Estado) não deveria permitir que uma Instituição Religiosa (Igreja), por meio de sua moral individual e coletiva, ditasse preceitos que seriam válidos para toda a sociedade.

Indo além, René Rémond defendeu que, suplantando uma ideologia reativa, que visava destruir uma estrutura vigente, o anticlericalismo representava um projeto de ação política, ideológica e cultural que pregava uma visão particular de sociedade e que defendia a emancipação humana.<sup>189</sup> Esse projeto de ação anticlerical inspirou pessoas, grupos, movimentos políticos e, de acordo com Roberto Di Stefano, contribuiu decisivamente para configurar as relações entre Igreja, Estado e sociedade, entre religião e política, entre espaços públicos e privados, para adequá-las às transformações que os processos políticos, econômicos e culturais da modernidade estavam impondo.<sup>190</sup>

Se o ocidente assistiu, durante séculos, à subordinação do Estado ao poder do clero, e se havia o entendimento de que aquela estrutura social estava ultrapassada e deveria ser derrubada para que uma nova sociedade pudesse emergir baseada no racionalismo científico, empírico e positivista, o anticlericalismo deveria então ter lugar central no processo de secularização, sendo o responsável por fazer avançar os valores racionais frente ao misticismo da fé religiosa até que o mundo estivesse entrado definitivamente no processo de dessacralização. Essa era a missão da qual *A Lanterna* acreditava ser depositária.

---

<sup>188</sup> Ibid, p. 155-156.

<sup>189</sup> RÉMOND, René. “Anticlericalism: some reflections by Way of Introduction”. In: *European Studies Review*, SAGE, Beverly Hills and New Delhi, vol. 13, 1983, Londres, p. 121.

<sup>190</sup> DI STEFANO, Roberto. “Anticlericalismo y secularización em la Argentina”. In: *Creencias, Política y Sociedad*, n. 124, Buenos aires, 2009, p. 8.

**Figura 3 – Óculos contra a luz da *Lanterna***



**Fonte:** *A Lanterna*, n. 40, São Paulo, 16/07/1910, capa.

**Legenda:** - Mais negros, é preciso que sejam bem negros para podermos suportar a luz da infernal “Lanterna”.

Autodenominada perseguidora da “clericalhada”, portadora da luz que tiraria a sociedade das trevas da doutrinação religiosa, num constante jogo de luz e sombras característico desse tipo de imprensa, possível de ser observado na Figura 3 (Anexo II), e, sobretudo, “anticlerical e de combate”, era com essas credenciais que *A Lanterna* se apresentava para o público na São Paulo da Primeira República. Não só os óculos são escuros, mas toda representação da Igreja remete à escuridão, como a típica indumentária. Na imagem, os padres têm a visão ofuscada pela “luz infernal” da *Lanterna*. A inversão claro-escuro se dá, deste modo, tanto no contraste entre a luz da *Lanterna* e as trevas da Igreja, quanto no contraste entre as ideias de “luz” e “infernal”, antítese que resulta na derrisão bem explorada por Voltolino. A abordagem anticlerical adotada pelo jornal paulistano durante sua segunda fase buscava ser ampla e abrangente, para contemplar todas as correntes que haviam se unido

em torno do projeto. Essa pluralidade anticlerical foi um traço comum no período, como mostra Ricardo Souza:

As elites políticas brasileiras adotaram, nas primeiras décadas republicanas, diferentes formas de anticlericalismo. Estas iam da tentativa dos republicanos de criarem um espaço e uma racionalidade laica que excluísse a existência de qualquer vínculo entre instituições política e religiosas, buscando, entretanto, preservar a legitimidade da esfera religiosa, à negação mais ampla formulada pelos anarquistas, que viam na existência deste espaço simplesmente um instrumento de exploração e mistificação.<sup>191</sup>

Compunham o corpo editorial do jornal, além dos libertários, grupo ao qual a maioria dos colaboradores pertencia, liberais, republicanos, espíritas e maçons, o que demonstra a heterogeneidade da equipe. Consequentemente, poderiam ser encontrados em suas páginas textos e gravuras que abordavam o anticlericalismo de diversas maneiras. Havia a crítica deísta dos maçons e a crítica religiosa dos espíritas, que não desqualificavam a fé e nem a existência de um Ser Supremo, concentrando as ponderações aos prejuízos que a união Igreja/Estado representava para a justiça social. Havia as críticas dos liberais e republicanos, que enxergavam o anticlericalismo como um instrumento para lapidar a construção da nova sociedade, fundamentalmente laica, inspirada na III República da França. Havia ainda a crítica mais constante nas páginas do jornal, a libertária, de cunho radical, que almejava por meio do anticlericalismo derrubar não apenas um pilar da sociedade tradicional, mas a estrutura inteira, levando a cabo uma revolução que iria alterar todas as esferas de poder e as relações na vida pública e privada.

O período em que o jornal esteve em circulação, na fase de consolidação da Primeira República e de proposição dos projetos de país que vigoraria dali em diante, foi também um momento de tensão e rearranjo na relação entre Estado e Religião. Por muito tempo acreditou-se que o advento da República fez com que o país conhecesse sua primeira experiência laica, argumento que utilizava como lastro a leitura da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891. A Constituição estabelecia no seu Artigo 72, parágrafo 3º ao 7º, os seguintes termos:

§ 3º - Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.

§ 4º - A República só reconhece o casamento civil, cuja celebração será gratuita.

---

<sup>191</sup> SOUZA, Ricardo Luiz de. O anticlericalismo na cultura brasileira: da Colônia à República. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n. 37, p. 175-199, abril de 2005, p. 193.



§ 5º Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a prática dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não ofendam a moral pública e as leis.

§ 6º Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos.

§ 7º Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência ou aliança com o Governo da União, ou o dos Estados.<sup>192</sup>

Tais medidas, fruto de intensas discussões na sociedade civil e da pressão feita pela elite ilustrada positivista e muito ligada à maçonaria, tiveram alguns impactos. Se for observado somente o texto constituinte, sem levar em consideração as discussões que o antecederam e seus desdobramentos posteriores, pode-se chegar à conclusão de que a Igreja sofreu um golpe duríssimo e que o laicismo realmente foi instalado na sociedade brasileira. Entretanto, como mostram Moura e Almeida, o texto que foi aprovado em fevereiro de 1891 era muito mais brando com a Instituição religiosa do que, por exemplo, o decreto nº 119-A do Governo Provisório, publicado um ano antes. O Decreto, além de antecipar as medidas que seriam aprovadas pela constituinte no ano seguinte, também ameaçava de expropriação propriedades de “mão-morta” que estavam sob domínio da Igreja.<sup>193</sup> Provocando ainda mais preocupação entre os eclesiásticos, o projeto de constituição apresentado ao Congresso em 22 de junho de 1890 ameaçava também retirar outros bens da Igreja e cercear a entrada de ordens e congregações religiosas no país.

Isto posto, após muita pressão do clero e de políticos mais conservadores, que enxergavam a religião como uma aliada importante para a promoção da ordem em uma sociedade convulsionada por transformações de todos os tipos, a Constituição foi aprovada delimitando um afastamento entre o sagrado e o secular sem, no entanto, ser um rompimento radical como se desenhou. As principais concessões alcançadas pela Igreja consistiram na manutenção de seus bens e na admissão de ordens e congregações religiosas sem reserva alguma.<sup>194</sup> Os pontos que eram considerados como base de um Estado liberal laico foram mantidos, como o casamento civil, o ensino laico e a secularização dos cemitérios. Outras questões foram sendo adequadas conforme os anos foram se passando:

<sup>192</sup> BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891*. Promulgada em 24 de 1891. Brasília, DF: Presidência da República, 1891. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao91.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm)>. Acesso em: 28/07/2019.

<sup>193</sup> BRASIL. *Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890*. Brasília, DF: Presidência da República – Casa Civil, 1890. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm)>. Acesso em: 28/07/2019.

<sup>194</sup> MOURA, Sérgio Lobo de; ALMEIDA, José Maria Gouvêa de. “A Igreja na Primeira República”. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira: Tomo III - o Brasil republicano (vol. 2)*. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 327

Algumas medidas, cuja ratificação era inevitável em virtude do que então se considerava a própria natureza do Estado liberal, foram mais tarde reinterpretadas num sentido acomodatório, favorável aos interesses da Igreja: assim foi possível à Igreja Católica receber subvenções da administração pública, durante o primeiro período republicano, a título de ajuda a obras de beneficência.<sup>195</sup>

Após a Constituição de 1891, que fazia algumas mudanças na participação da Igreja no Estado, formaram-se, segundo os autores, duas vertentes no seio do catolicismo brasileiro: a primeira que reprovava as mudanças trazidas pela constituição, defendendo ortodoxamente a posição do magistério oficial, de condenação do liberalismo e do estado não confessional, adepta da revalorização da tradição religiosa; outra, formada por membros do episcopado, pregava uma política de conciliação e consentimento com o regime republicano, e que aparentemente com o tempo tornou-se a postura oficial da alta cúpula clerical brasileira, com aceitação também do Vaticano, cujo pontífice, Leão XIII, buscava um relaxamento nas tensões políticas deixadas pelo seu antecessor, Pio IX.<sup>196</sup>

Na disputa de narrativas, o discurso mais empregado pela Igreja para atacar o laicismo, o anticlericalismo e o racionalismo da modernidade foi associar todas essas correntes à ideia de desordem e caos, problemas que só seriam solucionados se fosse aplicado o remédio da “humildade e temperança, que teria o poder de sanar as desordens do espírito”.<sup>197</sup> Segundo Almeida, “associar o progresso da nação à proteção da Igreja foi um dos sentidos produzidos pela Igreja no discurso que vincula progresso/ordem/Igreja, em contraponto à desordem/laicismo”, sob risco do país ser atingido por “consequências tenebrosas e homicidas” caso seguisse o paradigma das luzes.<sup>198</sup>

Em contrapartida, o discurso anticlerical enfatizava o entrave que a Igreja Católica, tida como conservadora e atrasada, representava para o progresso social. O anticlericalismo libertário, viés mais utilizado nas páginas do *A Lanterna*, por vezes transitava na linha tênue que delimitava os limites entre anticlericalismo e antirreligiosidade, como é possível ver nas Figuras 4 e 5 (Anexo III e IV). Nelas, os representantes do catolicismo e do islamismo encontram-se associados na luta contra “as luzes do progresso que os homens emancipados

---

<sup>195</sup> Ibid.

<sup>196</sup> Ibid, p. 328.

<sup>197</sup> ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde de. “A República Cristã: fé, ordem e progresso”. In.: *A República no Brasil e em Portugal (1889-1910)*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, p. 273.

<sup>198</sup> Ibid, p. 275.

procuram alimentar” com o objetivo de manter seus privilégios e seus instrumentos de dominação.

**Figura 4 – As luzes do progresso**



**Fonte:** *A Lanterna*, n. 211, São Paulo, 04/10/1913, capa.

Legenda: “Missão dos padres de todas as religiões: apagar as luzes do progresso que os homens emancipados procuram alimentar.”

**Figura 5 – Os instrumentos de dominação**



**Fonte.** (*A Lanterna*, n. 134, São Paulo, 13/04/1912, capa)

Legenda: “O povo, amarrado ao mourão da ignorância, é a eterna vítima dos padres, sejam eles católicos, muçulmanos ou outros quaisquer. A Bíblia ou o Alcorão são apenas os instrumentos da sua dominação.

Esse aspecto antirreligioso foi observado também por Antonio Rudy, em seu estudo sobre o anticlericalismo libertário na Primeira República. O autor argumenta que, “considerando-se que a causa anticlerical tomou diferentes formas, regularmente, entidades que contaram com a presença anarquista na sua organização buscaram extirpar do seu meio qualquer ranço sobrenatural”, ficando explícito que houve, no Brasil, “vários casos em que o anticlericalismo anarquista, além da clássica ofensiva contra o clero e as religiões, levantou a bandeira de um racionalismo de verve ateia”.<sup>199</sup> Comprovação definitiva da guinada antirreligiosa pode ser encontrada no Estatuto da Liga Anticlerical de São Paulo, publicado no jornal *A Lanterna* no dia 6 de maio de 1911 que, dentre outras diretrizes de atuação, define no Artigo 2º, parágrafo 7º o seguinte: “Combater não somente a ideia de Deus e todas as religiões, mas também qualquer idolatria de seres abstratos e viventes”.<sup>200</sup>

A importância que *A Lanterna* desempenhou na luta anticlerical do período fica evidente ao observar que o jornal se tornou o principal veículo de propaganda e disseminação das informações referentes ao movimento político. Tanto é que, na liderança da comissão de propaganda da Liga Anticlerical estava Edgard Leuenroth, editor da folha, Oreste Ristori, colaborador e assíduo correspondente, e Benjamim Mota, fundador do *A Lanterna*.

Ainda sobre a disputa de narrativas, outro ponto importante eram as discussões em torno da Questão Social. Como será apresentado no terceiro capítulo dessa dissertação, a tática defendida pelos libertários para colocar fim na desigualdade social e na exploração capitalista era o enfrentamento. A união dos trabalhadores, organizados a partir da consciência de classes, mobilizados para que não mais aceitassem a exploração ao qual eram submetidos e decididos a colocar abaixo toda estrutura opressora do Estado, tido por eles como o causador dos males da sociedade.

Já a perspectiva religiosa defendia o oposto. Terminantemente contrária ao enfrentamento e defensora da ordem e da obediência, a Igreja adotava uma postura que pretendia estabelecer um constante apaziguamento entre operariado e Estado. Conforme argumenta Almeida, falava-se em progresso subordinado à ordem e ao esvaziamento dos conflitos de classes. “Esta paz social era apresentada como consequência do papel catequético da Igreja junto às ‘classes perigosas’”. No estudo desenvolvido pela autora sobre a relação entre Igreja e anarquistas no estado de Pernambuco, durante a Primeira República, ela constatou o seguinte:

<sup>199</sup> RUDY, Antonio Cleber. *O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)*. Tese de doutorado, Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017, p. 16.

<sup>200</sup> “Estatutos da Liga Anticlerical”. *A Lanterna*, n. 85, São Paulo, 06 de maio de 1911, p. 4.

A Igreja trabalhava em prol de um consenso social entre o operariado e o Estado. Criticava-se as greves e apregoava-se que o operariado pernambucano era “indiferente e tranquilo a essas campanhas anarquistas” e amante da ordem e do trabalho. A Igreja oferecia seu discurso catequético, onde a tradição e a valorização do conceito de ordem era um prenúncio de apoio que a sociedade necessitava.<sup>201</sup>

Para os anticlericais, essa postura adotada pelo clero era absolutamente intolerável, razão pela qual acreditavam que uma mudança na sociedade que possibilitasse a emancipação dos trabalhadores passava, fundamentalmente, pela destruição total da estrutura clerical de dominação e poder. De acordo com eles, a aurora do novo século que viu “a grande descoberta da eletricidade e do vapor, imprimiu à vida coletiva dos povos o movimento ascendente da civilização e do trabalho”, que presenciou o surgimento dos “vastos horizontes sociais iluminados e abertos pela ciência” atingindo até o espírito humano, “num século que viu despedaçados na cabeça dos déspotas as cadeias dos escravos, e proclamados à face do mundo os direitos à independência integral do homem”, não poderia ser obscurecido pela noite intelectual do velho mundo teocrático, onde os privilégios e o despotismo dos padres só eram menores que o medo do inferno cristão, pregado ao povo para manter-lhes subservientes aos mandos católicos.<sup>202</sup>

A construção desses discursos incentivou a utilização em larga escala de estereótipos ligados a ambos os lados, como aqueles que eram publicados nas páginas do *A Lanterna*. Cristian Santos, cuja obra é referência nos estudos sobre as formas de representação de personagens religiosos na literatura naturalista brasileira, defendeu que só é possível entender tais caracterizações se subordiná-las à condição histórica em que elas estiveram inseridas, seja nas páginas literárias ou na imprensa típica da modernidade. Segundo Santos, “o fenômeno em si causaria certa estranheza se nos comprometêssemos com a tese de que a modernidade pôs fim à intervenção do mítico/religioso na configuração da sociedade”.<sup>203</sup>

Conforme argumentou-se aqui, aceitar a ideia de que a modernidade trouxe consigo a separação definitiva entre Igreja e Estado é recair em um equívoco muito comum, que ignora ou minimiza a continuidade da influência religiosa sobretudo em países forjados culturalmente pelo catolicismo, compostos majoritariamente por pessoas católicas e que tinham até mesmo em suas elites mais ilustradas indivíduos profundamente fiéis. Um dos

<sup>201</sup> ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde de. “A República Cristã: fé, ordem e progresso”. In.: *A República no Brasil e em Portugal (1889-1910)*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, p. 278-279.

<sup>202</sup> *Ao povo!*. Manifesto da Liga Anticlerical de São Paulo, *A Lanterna*, n. 85, São Paulo, 06 de maio de 1911, capa.

<sup>203</sup> SANTOS, Cristian José Oliveira. *Padres, beatas e devotos; figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira*. Tese de doutorado, Brasília-DF: Universidade de Brasília, 2010, p. 16.

intelectuais brasileiros que, durante o início do século XX, fez severas críticas ao divórcio entre Igreja e Estado no Brasil foi o, outrora anticlerical liberal, Rui Barbosa, que se apoiou na “tese tão cara à Igreja, da maioria católica brasileira ter o ‘direito’ de exigir a ‘presença’ de Deus na Constituição”.<sup>204</sup>

Diga-se ainda, que, no meio libertário, a figura de Rui Barbosa representava um sentimento misto de simpatia e desprezo. Num primeiro momento, agraciado por sua posição assumidamente anticlerical, como denota a introdução de *O Papa e o Concílio*, tempos depois, já em descrédito nos círculos libertários – ora devido a sua atuação política junto ao Estado quem em mais de uma ocasião, evocou a repressão a agitadores estrangeiros (leia-se anarquistas), ora frente a sua conversão ao catolicismo –, Rui Barbosa era acusado de “perder o caráter”, “vender o talento” e “prostituir a consciência”.<sup>205</sup>

Postura semelhante à de Rui Barbosa teve o abolicionista Joaquim Nabuco, amigo de Barbosa, acusado de transitar entre o liberalismo anticlerical e uma obediência ao clero católico, tido por ele como poderoso instrumento de influência política e moral. No final do Segundo Reinado, Nabuco foi um dos porta-vozes da crítica ao “catolicismo político”. Segundo ele, “do catolicismo que se alia a todos os governos absolutos, é desse catolicismo que em toda parte dá combate à civilização e quer fazê-la retroceder”<sup>206</sup>. Ainda durante o movimento abolicionista, foi acusado de conduta incongruente pelo positivista Teixeira Mendes, que escreveu o folheto *Abolicionismo e Clericalismo* para atacar o apelo feito por Nabuco ao Papa Leão XIII, pedindo intervenção do bispo contra o sistema escravista brasileiro.<sup>207</sup> Após a Proclamação da República, Joaquim Nabuco se reconciliou publicamente com o catolicismo e defendeu a importância da Igreja em sua “ação formativa, reparadora, em todo o caso, consoladora, em nossa vida pública e em nossos costumes nacionais, no fundo transmissível da sociedade”<sup>208</sup>.

Portanto, embora seja inegável o cerceamento sofrido pela Igreja na transição entre Império e República, é inegável também que houve uma continuidade na influência social, cultural e até mesmo política da religião no Estado brasileiro, motivo de preocupação permanente entre seus opositores. É como resultado desse processo de oposição ao

<sup>204</sup> ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde de. “A República Cristã: fé, ordem e progresso”. In.: *A República no Brasil e em Portugal (1889-1910)*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, p. 277.

<sup>205</sup> RUDY, Antonio Cleber. *O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)*. Tese de doutorado, Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017, p. 21.

<sup>206</sup> ALMEIDA JUNIOR, Antonio Ferreira de. “O ensino livre de Leônicio de Carvalho; o ensino superior brasileiro entre 1879 e 1895. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 18, n° 47, jul./set., 1952, p. 9.

<sup>207</sup> RUDY, Antonio Cleber. op. cit., loc. cit.

<sup>208</sup> NABUCO, Joaquim, s/d, p. 36 apud SOUZA, Ricardo Luiz. *Tradição, identidade nacional e modernidade em Joaquim Nabuco*. Anos 90, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 319-346, jan/dez, 2004, p. 334.

clericalismo que a modernidade viu surgir uma infinidade de representações dos eclesiásticos, “evidenciando a estreiteza de compromisso do plano estético com as circunstâncias históricas e sociais”.<sup>209</sup>

De fato, entre freis alegres e preocupados com o pastoreio das almas e bispos corruptos, nos deparamos com uma multiplicidade de figuras que, entre movimentos, elementos físicos e psíquicos, arranca do leitor riso e fúria em diversos graus. O que se observa é que a boa e a má representação se vinculam ao nível de conforto do escritor, ou melhor, da classe intelectual, em relação à lógica instaurada da ordem social, ou seja, do grau de plausibilidade que a malha de poder alcançou. É desse olhar engendrado que as imagens caricatas do padre bonachão, da monja infeliz, do frei comilão, vão sendo erigidas, coerentes com o tempo e o espaço em que estão inseridas.<sup>210</sup>

Desta maneira, o discurso libertário nos países cuja influência do catolicismo ainda era latente alicerçou-se na utilização desses estereótipos para atacar as bases da fé cristã, expondo suas contradições, mentiras e os perigos aos quais a sociedade ficava exposta devido a votos religiosos como o da castidade, que criava indivíduos de alta periculosidade por poderem, a qualquer momento, serem vencidos pelos instintos sexuais duramente reprimidos em nome da religião. Segundo Santos, no plano estético, a conduta destas figuras religiosas indicava frequentemente “um estado de defeito, de discrepância entre o real e o esperado, evidenciando serem detentores de uma identidade pervertida, desviada em maior ou menor grau”, atribuindo a eles uma condição de nocividade.<sup>211</sup> Prova disso são as inúmeras gravuras que vão associar os eclesiásticos a atos de luxúria e a crimes sexuais como abusos e estupro, que foram trabalhadas mais detidamente no item 3.1 desta dissertação. Logo, houve a tentativa da construção de um imaginário anticlerical que estabelecia uma separação inconciliável entre a razão e a experiência mítico-religiosa:

O uso da razão como premissa para o progresso da humanidade, ou ainda, a defesa do conhecimento racional como meio para a superação de preconceitos e ideologias tradicionais, reduz profundamente o campo de atuação da religião, hostilizando a instituição clerical, ou ademais, a própria religiosidade como práticas obscurantistas e inconciliáveis com um novo tempo.<sup>212</sup>

Contra esse modelo de personagens religiosos deturpados e presos a um passado que não teria mais lugar na modernidade, os anticlericais anarquistas ofereciam a proposta do homem novo, cujas disciplina, retidão e amor às ciências ofereciam as condições cruciais para

<sup>209</sup>SANTOS, Cristian José Oliveira. *Padres, beatas e devotos; figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira*. Tese de doutorado, Brasília-DF: Universidade de Brasília, 2010, p. 16.

<sup>210</sup> Ibid.

<sup>211</sup> Ibid.

<sup>212</sup> Ibid.

o desenvolvimento emancipatório que nortearia os tempos modernos. Além de ser uma proposta, a figura do “homem novo”, constantemente defendida pelos libertários, era também uma defesa à tentativa da Igreja e do Estado de colar a eles o estigma de arruaceiros, baderneiros e desordeiros, uma ameaça ao pleno funcionamento da sociedade.

Conclui-se que o anticlericalismo teve diversas faces na transição entre os séculos XIX e XX, caminhando ao lado da secularização, do laicismo, até atingir sua maior potência nas fileiras republicanas e libertárias, sempre com a maçonaria como pano de fundo. Nas páginas do *A Lanterna*, o anticlericalismo serviu para agrupar diversas vertentes políticas em prol da separação entre Igreja e Estado, elevando o tom até o campo da antirreligiosidade. Por fim, disputou com o catolicismo a construção de narrativas e imaginários que tinha a intenção de angariar adeptos e consolidar um projeto de sociedade que, invariavelmente, teria a Igreja longe dos espaços públicos de poder e deliberação, restrita, quando muito, à esfera íntima e privada do Brasil Republicano.

## 2.2. *Os impressos anticlericais (e anarquistas) numa perspectiva transnacional*

Ao tratar sobre o anticlericalismo brasileiro durante a Primeira República, com ênfase em sua vertente libertária, é primordial adequar o olhar a uma perspectiva mais ampla, condizente com a concepção cosmopolita dos seus artífices. De acordo com Di Stefano e Zanca, o anticlericalismo produziu um imaginário próprio, que foi reproduzido por meio de práticas, rituais, sociabilidades, meios de difusão e instituições que possibilitaram sua permanência e reprodução através dos tempos.<sup>213</sup> Para os autores, uma verdadeira cultura anticlerical se consolidou em diferentes espaços ibero-americanos, nas esferas de sociabilidades típicas da modernidade: maçonaria, comitês de livres-pensadores, organizações vinculadas ao socialismo ou ao anarquismo, lugares que tiveram a função de transmitir um ideário e um conjunto de imagens compartilhadas contrárias à estrutura clerical.<sup>214</sup>

Nas primeiras décadas do século XX, Brasil, Argentina, Espanha e Portugal, para citar apenas alguns países do chamado eixo ibero-americano, enfrentaram situações similares no que se refere ao avanço da secularização e à expansão do anticlericalismo. O Brasil, como foi visto, havia acabado de proclamar a República, tinha suas lideranças muito influenciadas

<sup>213</sup> DI STEFANO, Roberto; ZANCA, José. *Pasiones anticlericales: um recorrido ibero-americano*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013, p. 19-20.

<sup>214</sup> Ibid.



pelos ideais positivistas, as elites ilustradas ligadas aos círculos maçônicos e um crescimento das ideologias socialistas trazidas pela massa de imigrantes que entravam no país. A Argentina, segundo país das Américas que mais recebeu imigrantes europeus nesse período, atrás apenas dos Estados Unidos, também assistia a uma difusão do anticlericalismo, fortalecido por medidas seculares promovidas pelos liberais que governaram o país a partir de 1880.

Na Península Ibérica, Espanha e Portugal passavam por agitações em todas as esferas da sociedade. Inspirados pela Terceira República Francesa, os anticlericais lusitanos se colocaram ao lado dos revolucionários no percurso dramático e violento que culminou na instauração da República portuguesa, em outubro de 1910, “cujo impacto imediato resultou na expulsão e supressão de ordens religiosas e no colapso momentâneo das estruturas de poder da Igreja Católica”<sup>215</sup>. Já nos domínios espanhóis havia uma profunda crise política, social e cultural iniciada após a derrota para os Estados Unidos na Guerra Hispano-Americana, em 1898. O desfecho do conflito se deu com a assinatura do Tratado de Paris, que passou aos estadunidenses o controle de Cuba, Porto Rico, Filipinas e Guam, até então territórios pertencentes ao agora colapsado império ultramarino espanhol.

Tras el Desastre de 1898 y coincidiendo con el cambio de siglo, uno de los fenómenos que más universal y violentamente sacudieron la vida española fue el anticlerical [...].

1899 marcó el inicio de un nuevo ciclo de actividad anticlerical. En este año la protesta contra la política fiscal del ministro Villaverde dio lugar, inopinadamente, a muestras de violencia anticlerical en diversas ciudades españolas [...]. Tras el estreno de *Electra*, de Benito Pérez Galdós, en enero de 1901, la movilización anticlerical se convertiría en constante de la vida pública española durante, al menos, una década.<sup>216</sup>

A constatação do historiador Julio Merino de que, após os eventos de 1898, o anticlericalismo entrou em um estado de mobilização constante na Espanha por, pelo menos, uma década, agindo como uma das mais importantes forças políticas e sociais do período, encontra respaldo em boa parte da historiografia sobre o tema que estabelece a Semana Trágica, em 1909, como um marco do anticlericalismo. O resultado do massacre promovido na Catalunha, que vitimou o educador libertário Francisco Ferrer, dentre outros envolvidos no movimento, foi a queda de Maura, líder do governo conservador espanhol, a formação de um

<sup>215</sup> GONÇALVES, Marcos. *Afinidades republicanas na era do anticlericalismo: Brasil, Portugal e a “questão jesuítica” de novembro de 1910*. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 15, n. 23, 2º sem. 2014, p. 64.

<sup>216</sup> MERINO, Julio De La Cueva. “Movilización política e identidade anticlerical, 1898-1910”. *Ayer*, n. 27, 1997, p. 101-125. Em < [https://www.jstor.org/stable/41324775?read-now=1&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/41324775?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents) > Acesso em 12/08/2019.

gabinete liberal que deu impulso à legislação proibindo novas ordens religiosas de se instalarem no país e, não menos importante, o estreitamento dos laços entre os diversos grupos anticlericais que atuavam nos países europeus e americanos, em solidariedade a Ferrer e a todos que haviam sido vitimizados pela estrutura clerical espanhola.

A opção feita aqui por apresentar um panorama anticlerical da Argentina, Espanha e Portugal, além do próprio Brasil, foi uma escolha metodológica que não se justifica somente por abarcar os principais países envolvidos naquilo que Di Stefano chamou de espaços de produção de uma cultura anticlerical ibero-americana. Ao mapear os caminhos percorridos pelos conteúdos que eram publicados no *A Lanterna*, sobretudo de onde vinham as gravuras que não eram feitas sob encomenda para o jornal, pode-se identificar que o jornal esteve inserido em um verdadeiro circuito de difusão do imaginário anticlerical, que passava prioritariamente por esses países, bem como pela França (referência cultural do ocidente) e pela Itália (local de onde saiu a maior parte dos imigrantes que se instalaram em São Paulo durante as primeiras décadas da República). Desta forma, tornou-se comum o compartilhamento das estratégias de atuação adotadas nessas diversas localidades e difundidas, sobretudo, pelos meios de propaganda anarquista. Conforme Poletto:

Portanto, ao trabalhar com a imprensa subalterna de cidades e países distintos, se tenciona recuperar conexões de uma extensa rede de comunicação e de trocas existentes e alimentada no decorrer dos séculos XIX e XX no seio da imprensa anarquista e anticlerical.<sup>217</sup>

Uma abordagem que tem sido utilizada pela historiografia atual para tratar fenômenos relativos à imprensa e suas articulações é a da História Global e o conceito de transnacional. De acordo com Guimarães, o termo “transnacional” pode ser compreendido como “aquilo que vai além das fronteiras, o que implica, segundo o próprio termo, mudança, transformação e até negação”<sup>218</sup>. Segundo Ann Curthoys e Marilyn Lake, a história transnacional pode ser definida da seguinte maneira:

Então o que é a história transnacional? Nós podemos defini-la de várias maneiras, mas, de modo mais simples, ela é o estudo dos meios pelos quais vidas e eventos passados foram moldados por processos e relações que transcenderam os limites dos Estados-nações. A história transnacional busca compreender ideias, coisas, pessoas e práticas que cruzaram fronteiras nacionais. Ela geralmente está numa relação

<sup>217</sup> POLETO, Caroline. *A imaginação subversiva ao redor do mundo: imagens, poesias e contos de protesto na imprensa anarquista e anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936)*. Tese de doutorado. São Leopoldo-RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2017, p. 23.

<sup>218</sup> GUIMARÃES, Valéria. Da história comparada à história global: imprensa transnacional e o exemplo do *Le Messenger* de São Paulo. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, a. 176, n. 466, p. 87-120, jan./mar. 2015, p. 91-92.

complexa com a história nacional; ela deve procurar interrogá-la, situá-la, suplantá-la, substituí-la ou evitá-la completamente. Em sua reação contra aquilo que veem como rígidas ou restritivas histórias nacionais, muitas e muitos dos entusiastas da história transnacional buscam por metáforas de fluidez, como em falas sobre circulação e fluxos (de pessoas, discursos e mercadorias), ao lado de metáforas sobre conexões e relações.<sup>219</sup>

No mesmo sentido, Walter Lowande argumentou que a história transnacional seria, portanto, “um importante instrumento de resistência aos projetos modernizadores de elites nacionais por meio da produção de contranarrativas que dessem visibilidade a formas de sociabilidade alternativas”. Deste modo, o esforço aplicado neste item da dissertação ao tentar lançar um olhar transnacional para a atuação dos periódicos anticlericais e libertários ibero-americanos tem o intuito de identificar os caminhos tomados pelas gravuras do jornal *A Lanterna*. Procurou-se respostas para entender como os conteúdos circulavam, em que ritmo, quais os motivos que faziam que fossem consideradas pertinentes em contextos diversos de onde foram produzidas e como se deu a formação de um imaginário transnacional dos ideais libertários. Este trabalho não pretende fornecer todas as respostas para esses questionamentos, mas visa sugerir alguns caminhos que possam contribuir com o alargamento do campo de estudo.

De acordo com Poletto, “o estudo dos periódicos anarquistas sob um olhar transnacional fornece possibilidades de entender a imprensa libertária como ela mesma se autodenominava: internacionalista e para todos”<sup>220</sup>. Para a historiadora, o internacionalismo da imprensa anarquista e o intercâmbio que ela estabeleceu com periódicos de vários países resultou em uma sincronia nas ações de combates e nos eventos organizados nos mais variados espaços por esse movimento social, tais como as greves gerais, as comemorações de datas simbólicas, ondas de protesto e solidariedade entre os operários do mundo inteiro.<sup>221</sup>

No Brasil e na Argentina, por exemplo, um dos fatores que deu força ao internacionalismo e contribuiu para a integração dos anticlericais libertários à experiência internacional da classe foi a imigração. Segundo Hardman, “a imigração jogou um papel positivo no processo de formação do proletariado como classe ‘para si’”. O autor defende que “a presença de núcleos de militantes vinculados à experiência internacional da classe

<sup>219</sup> CUTHOYS, Ann; LAKE, Marilyn. *Connected Worlds. History in Transnational Perspective*. Canberra: ANU E Press, 2005, p. 17-18.

<sup>220</sup> Idem. *Por uma história transnacional da imprensa anarquista e anticlerical: a repercussão do caso Ferrer pelas páginas subversivas argentinas, brasileiras e espanholas (1909-1916)*. Oficina do historiador, Porto Alegre: EDIPUCRS, 27 a 29/05/2014, p. 131.

<sup>221</sup> POLETO, Caroline. *A imaginação subversiva ao redor do mundo: imagens, poesias e contos de protesto na imprensa anarquista e anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936)*. Tese de doutorado. São Leopoldo-RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2017, p. 24.

contribuía [...] para que se estabelecesse uma ponte mediadora entre a consciência do operariado em formação, no Brasil, e o proletariado internacional”<sup>222</sup>. E conclui que:

O internacionalismo, nessa medida, não foi apenas uma “ideologia importada”, nem um mero recurso retórico de propaganda doutrinária. Inscrevia-se, pelo contrário, no processo do movimento operário brasileiro tornando-o, dialeticamente, parte específica e constitutiva do movimento operário internacional.<sup>223</sup>

Sendo assim, identificou-se no *A Lanterna* o largo uso dessas redes de propaganda anarquista para transmitir, coletar ou reverberar materiais de cunho, sobretudo, anticlerical. Foi comum encontrar no jornal gravuras oriundas de folhas argentinas, espanholas e portuguesas, que tinham como pano de fundo também a influência da imprensa italiana e francesa. Além das imagens, a estratégia adotada pelo *A Lanterna* em alguns casos específicos, como na construção do imaginário de mártir para o educador espanhol Francisco Ferrer, foi bastante inspirada no que faziam os ibéricos bem como os textos e desenhos publicados em jornais anticlericais lusitanos se tornaram cada vez mais recorrentes no periódico de Leuenroth após a mudança de Neno Vasco, um dos seus principais correspondentes, para Portugal. Portanto, no próximo item serão analisadas especificamente as gravuras que foram colocadas em circulação nas redes de propaganda libertárias e que foram utilizadas pelo *A Lanterna*, contribuindo para que o jornal se tornasse o principal porta-voz do anticlericalismo brasileiro no início do século XX.

### 2.3. As imagens da Lanterna integradas a um circuito de comunicação

Com os avanços da pesquisa, pode-se perceber que as gravuras possuíam diversas origens. Uma parte considerável delas eram desenhos que haviam sido publicados em jornais europeus, como os feitos pelo caricaturista espanhol Eduardo Sojo para o periódico anticlerical madrileno *El Motin*, ou aqueles assinados pelo codinome Ratalanga, do artista italiano Gabriele Galantara, retirados do jornal italiano *L'Asino*, assim como aqueles que saíram da folha portuguesa *O Século*, do alemão Lustige Blatter, dentre outros, em sua maioria, jornais anticlericais e/ou anarquistas.

<sup>222</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *A estratégia do desterro. Situação operária e contradições da política cultural anarquista, Brasil: 1889-1922*. Dissertação de Mestrado, Campinas: UNICAMP, 1980, p. 65.

<sup>223</sup> Ibid.

Um exemplo que pode ser dado de como o conteúdo das folhas anticlericais circulava largamente pelos canais de propaganda libertária são as Figuras 6, 7 e 8. Nelas, pode-se observar o mesmo desenho, publicados cada um em um ano distinto, em países distintos, mas que pretendiam passar a mesma ideia: a forma como os padres utilizavam da doutrinação religiosa para subtrair os fiéis. Comparando as três imagens é possível perceber como elas iam sendo readequadas ou alteradas conforme o lugar onde seriam publicadas.

**Figura 6 – *Les Corbeaux***



**Fonte.** *Les Corbeaux*, França, 1909-1906.

**Figura 7 – *El Motin***



**Fonte.** *El Motin*, n. 1, Madri, 05/01/1911, capa.

**Figura 8 – Método de ensino clerical**



**Fonte:** *A Lanterna*, n. 186, São Paulo, 20/04/1913, capa.

**Legenda:** Como o padre prega a sua doutrina.

Na Figura 6, impressa na França entre os anos de 1906 e 1909, o padre está representado de modo mais corpulento, as orelhas do fiel, animalizado como um asno em alusão à sua falta de inteligência (uma vez que o burro é o estereótipo de teimosia e dificuldade em aprender) eram compridas e pontudas e há detalhes no chão e no altar que não aparecem nas demais figuras. Tanto a gravura madrilenha quanto aquela que foi publicada pelo *A Lanterna* já aparecem em preto e branco, diferente da imagem francesa que é colorida, provavelmente devido ao acesso à tecnologia de impressão mais sofisticada e, portanto, mais cara. Os clérigos tiveram os corpos mais afinados e as orelhas do asno foram diminuídas. Além disso, os dizeres que aparecem escritos no altar também são alterados para o idioma local, sendo que na placa que aparece na parte superior, tanto da Figura 7 quanto da Figura 8, faz referência ao sétimo mandamento que diz “não roubar”, ironizando o modo como os religiosos foram representados, justamente roubando.

Outro momento em que se percebe como o diálogo entre os periódicos ibero-americanos era constante foi na chamada “Questão Jesuítica”, ocorrida entre Brasil e Portugal no ano de 1910. Segundo Marcos Gonçalves, os movimentos republicanos português e

brasileiro possuíram estreitos vínculos ideológicos e afetivos possíveis de serem identificados por meio, principalmente, da imprensa. Enquanto o Partido Regenerador utilizava os jornais *Comercio de Portugal*, *Diário de Notícias* e *Jornal de notícias* para defender a monarquia, os republicanos, nas páginas dos órgãos *Voz Pública* e *A Actualidade*, exaltavam o exemplo que havia sido dado pelos brasileiros ao romper com o antigo sistema político e que deveria ser seguido pelos portugueses.<sup>224</sup> Em contrapartida, os jornais brasileiros *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e *O Estado de São Paulo* acompanhavam com grande interesse o desenrolar da querela lusitana, “chegando a abrir seções especiais diárias com informações que se prolongaram até, pelo menos, finais do mês de novembro”<sup>225</sup>.

**Figura 9 – Uma partida que deveria durar para sempre.**



**Fonte:** *A Lanterna*, n. 57, São Paulo, 12/11/1910, capa.

Legenda: Uma partida que devia durar sempre...

Após a vitória dos republicanos, uma das primeiras medidas tomadas em Portugal foi a proibição das ordens religiosas no país, em especial os jesuítas, para satisfação do movimento

<sup>224</sup> GONÇALVES, Marcos. *Afinidades republicanas na era do anticlericalismo: Brasil, Portugal e a “questão jesuítica” de novembro de 1910*. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 15, n. 23, 2º sem. 2014, p. 68.

<sup>225</sup> *Ibid.*, p. 72.

anticlerical português. Dois representantes do jesuitismo que haviam sido expulsos de Portugal, B. J. Rodrigues e Antonio F. dos Coutinhos, embarcaram no paquete *Orissa* e vieram rumo ao Brasil, para aqui fazerem morada. Entretanto, o presidente brasileiro da época, Nilo Peçanha, após uma reunião com o ministro do Interior e o chefe da polícia, decretou que estava proibido o desembarque no Brasil de frades expulsos das terras lusitanas.<sup>226</sup> A decisão, que causou inúmeras controvérsias, foi comemorada e aproveitada pelos anticlericais do Brasil e de Portugal, que passaram a publicar e compartilhar diversas imagens de eclesiásticos sendo jogados de um lado para o outro entre Brasil e Portugal, sem serem aceitos em lugar algum, como mostra a figura 9 (Anexo V), feita por Voltolino para o jornal *Il Pasquino Coloniale* e replicada na imprensa anticlerical.

Como é possível notar na figura acima, além das gravuras que vinham por meio das conexões libertárias, havia também desenhos que eram cedidos por “correligionários” da imprensa publicada no Brasil, como as artes retiradas do jornal *Lucifero*, do *La Battaglia*, do *La Seure* ou do *Il Pasquino Coloniale*, esse último que tinha como seu célebre caricaturista João Paulo Lemmo Lemmi, o Voltolino, que também assinava desenhos exclusivos para *A Lanterna*. Uma outra fonte das gravuras que apareciam nas páginas do jornal eram seus próprios leitores e colaboradores. Tanto no ano de 1909 quanto em 1910 foram encontradas, na coluna “Pequenos Ecos”, avisos do jornal referente aos desenhos que leitores haviam enviado e que seriam, futuramente, utilizados. No número 15, publicado em janeiro de 1910, o periódico informa que recebeu vários desenhos de seus correligionários, “alguns em papel pautado e feitos com tinta ordinária, o que nos impede de aproveitarmos, ainda que aceitáveis quanto à forma e a ideia”, e solicita que “os amigos que queiram ver aproveitadas as suas produções o favor de desenharem sobre papel branco sem linhas ou riscos e com tinta nanquim ou da China”.<sup>227</sup>

O prestígio que tais imagens possuíam pôde ser verificado, por exemplo, quando o jornal anuncia, com destaque, que havia acabado de receber, como presente de um colaborador, um pacote de postais ilustrados publicado pelo jornal anticlerical de Roma *L’Asino*. No anúncio, consta ainda que os postais passarão a ser vendidos na redação do jornal pelos preços de 100 réis, a unidade (o mesmo preço que era cobrado pela edição do dia do jornal), a 1.000 réis, a dúzia, ou a 1.500 réis, vinte unidades, e é feita, inclusive, uma descrição de como eram os desenhos que apareciam nesses postais.<sup>228</sup> Talvez pelo sucesso

<sup>226</sup> Ibid., p. 73

<sup>227</sup> *A Lanterna*, n. 15, São Paulo, 22 de janeiro de 1910, p. 4.

<sup>228</sup> Ibid.



que a venda dessas gravuras tenha alcançado, no mesmo ano, na edição de número 25, foi anunciada a venda de novos bilhetes postais anticlericais, compostos por oito desenhos diferentes e editado pelo jornal *O Livre Pensador*.<sup>229</sup> Os preços eram os mesmos das imagens anteriores.

Em outro momento, no ano de 1914, *A Lanterna* publica um anúncio, cujo título era “Um bom meio de propaganda”, que a partir daquele momento faria a venda de postais ilustrados, “aproveitando para esse fim alguns dos clichês publicados pela *Lanterna* e mandando fazer outros desenhos apropriados”.<sup>230</sup> Assim como no anúncio de 1910, neste caso também é inserida uma descrição do primeiro postal que será vendido e precificado, ao custo de 2.000 réis o cento. O jornal diz que a iniciativa pretende dar “maior desenvolvimento possível á nossa propaganda, procurando aproveitar todos os meios que, dentro das normas da nossa ação, possam alargar o campo de sua influência”.<sup>231</sup>

Desde quando *A Lanterna* voltou a ser publicada, a venda de desenhos e/ou retratos foi encarada como um canal para angariar fundos ao jornal e às iniciativas que ele apoiava, como a fundação da Escola Moderna em São Paulo, para onde o dinheiro da venda dos postais do jornal *L'Asino* foi destinado. Já na edição de número cinco, publicada no dia 13 de novembro de 1909, eram vendidos retratos de Francisco Ferrer, pelo preço de dois réis. Como será demonstrado no próximo tópico, as representações do educador espanhol foram bastante utilizadas por toda a imprensa anticlerical e libertária. Na edição de número 18 é informada a chegada de novos cartões anticlericais, “um esplêndido cartão duplo com uma alegoria a Ferrer e duas belas odes do poeta italiano Pietro Gori”, ao preço de 100 réis e com o dinheiro das vendas também totalmente revertido em favor da Escola Moderna de São Paulo.<sup>232</sup>

As gravuras eram um elemento tão importante no periódico anticlerical de Leuenroth que, na ocasião em que não foi publicada nenhuma imagem, houve a preocupação do corpo editorial em divulgar um anúncio sobre o ocorrido: “As nossas gravuras – Por não ter ficado pronta a tempo, deixamos de publicar neste número a nossa habitual gravura”.<sup>233</sup> Do mesmo modo, em algumas ocasiões, quando uma imagem de destaque seria publicada em um número futuro, o jornal publicava uma nota na coluna “Pequenos Ecos” fazendo o informe e uma breve descrição do que estaria por vir.

<sup>229</sup> *A Lanterna*, n. 25, São Paulo, 4 de abril de 1910, p. 2.

<sup>230</sup> *A Lanterna*, n. 240, São Paulo, 25 de abril de 1914, p. 4.

<sup>231</sup> Ibid.

<sup>232</sup> *A Lanterna*, n. 18, São Paulo, 12 de fevereiro de 1910, p. 3.

<sup>233</sup> *A Lanterna*, n. 33, São Paulo, 28 de maio de 1910, p. 2.

### 2.3.1. Pelo legado de Ferrer: as críticas ao ensino religioso

**Figura 10. A escola clerical**



**Fonte:** *A Lanterna*, n. 15, SP, 22/01/1910, capa.

**Legenda:** Deixai vir a mim os pequeninos e não os desvieis.

Dando continuidade, pode-se verificar também o circuito de comunicação nacional e transnacional ao qual *A Lanterna* fazia parte quando se analisa a construção da figura de mártir de Francisco Ferrer e o modo como a propagação das Escolas Modernas se tornou um mote para toda a imprensa anticlerical ibero-americana. Uma das denúncias que pode ser identificada como recorrente no semanário é a que faz referência ao ensino religioso. *A Lanterna* teceu duras críticas à educação clerical e fez da luta pela propagação das Escolas Modernas uma das suas grandes pautas, como se vê nas Figuras 10 a 14.

A Figura 10 (Anexo VI), cujo título e legenda são taxativos, faz uma referência irônica aos supostos dizeres de Jesus segundo o Evangelho de Lucas (Capítulo 18, versículo 16).

Algo semelhante ocorre na Figura 15, dois cartuns que transmitem a ideia de que o ensino aplicado nas escolas é voltado a inserir os indivíduos na lógica da moral religiosa e capitalista, de viés massificador, em que todos os jovens cidadãos são tratados de maneira homogênea, formados ideologicamente para obedecerem a uma ordem estandardizada que começaria na educação de viés religioso.

Tal gravura é representativa ainda para se entender como ocorria a difusão dessas imagens em meio aos circuitos de comunicação libertários. Caroline Poletto, ao desenvolver um trabalho sobre a articulação da imprensa ibero-americana por meio de uma lente transnacional, mapeou alguns dos conteúdos que eram comumente compartilhados entre os órgãos anticlericais. Dentre poesias, contos e imagens, a autora identificou o trajeto percorrido pela Figura 10 desde sua primeira publicação, na revista *Martin Fierro*, em 1904, passando pelo romano *L'Asino*, em 1906, pelo *A Lanterna*, em 1910, até a mesma simbologia da imagem ser encontrada na *Revista Liberal*, de Porto Alegre, em 1922, conforme mostra o conjunto abaixo.<sup>234</sup>

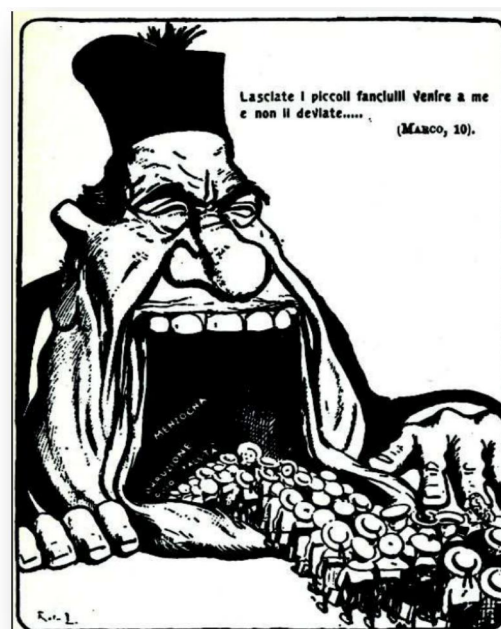
## CONJUNTO 1

**Figura 11 – Símbolos, *Martin Fierro***



**Fonte:** *Martin Fierro*, n. 24, 18/08/1994, p. 7.

**Figura 12 – *L'Asino***



**Fonte:** *L'Asino*, Roma, 1906.

<sup>234</sup> POLETO, Caroline. *A imaginação subversiva ao redor do mundo: imagens, poesias e contos de protesto na imprensa anarquista e anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936)*. Tese de doutorado. São Leopoldo-RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2017, p. 236.

**Figura 13 – A Escola clerical**



**Fonte:** *A Lanterna*, n. 15, SP, 22/01/1910, capa.

**Figura 14 – *Revista Liberal***



**Fonte:** *Revista Liberal*, n. 13, POA, 06/1922, capa.

**Figura 15 – O que produzem os colégios clericais**



**Fonte:** *A Lanterna*, n. 129, SP, 09/03/1912, capa.

A forma como as crianças foram representadas na Figura 15 (Anexo VII) obedece a uma tradição anticlerical muito difundida no período que tinha por pretensão configurar os fiéis como “massa amorfa, idiotizada e servil”.<sup>235</sup> Cristian Santos, ao analisar as formas de representação de personagens religiosos na literatura naturalista brasileira, observa que há, entre os anticlericais, o esforço em vincular os corpos deformados com às práticas de uma religião corrompida até suas bases e que, portanto, perverteria seus fiéis<sup>236</sup>. O autor demonstra como nesse tipo de literatura os alunos das escolas católicas são seres que necessitam ter seus corpos “docilizados” para a vida em sociedade. Para isso, são submetidos a todo tipo de castigos, como prisões em quartos escuros, palmadas, puxões de orelhas, gritos, penitências de joelhos, e etc.<sup>237</sup> Já os padres são retratados de forma estigmatizada, pertencentes a um grupo social decadente composto por indivíduos anômalos,<sup>238</sup> constituindo-se numa pessoa desacreditada, que não deve ser seguida:

A vinculação entre corpo depauperado e prática religiosa é direta e agressiva. A faixa etária, o tamanho e o formato dos olhos, a curvatura esguia ou adunca, a cor e o corte do vestuário, a gesticulação, o silêncio e o falar muito, tudo serve como prova cabal do animalesco a que estão submetidos todos os que se aventuram por esta via.<sup>239</sup>

Para os libertários, a educação oferecida pelo Estado, mesmo após ter deixado de ser, oficialmente, uma responsabilidade da Igreja, continuava tendo esse caráter moralizador e disciplinador, com o único interesse de preparar cidadãos adaptados à disciplina rígida da obediência e da ética puritana do trabalho, “comportando-se de modo a não ameaçar a ordem social”<sup>240</sup>, conforme é perceptível nas gravuras. De acordo com Schueler<sup>241</sup>, “esse viés civilizador se dirigia a um público interno à escola, constituído basicamente por alunos e famílias, estendendo-se ainda para fora dos muros escolares, de modo a atingir a sociedade como um todo”. Nesse sentido, a moral religiosa ensinada nos meios católicos ou até mesmo nas escolas oficiais, ditas laicas, continuava sendo um importante aliado para a manutenção do *status quo* da sociedade, como mostra Alves:

---

<sup>235</sup> SANTOS, Cristian José Oliveira. *Padres, beatas e devotos: figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira*. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2010, p. 243.

<sup>236</sup> Ibid., p. 242.

<sup>237</sup> Ibid., p. 232-233.

<sup>238</sup> Ibid., p. 242.

<sup>239</sup> Ibid.

<sup>240</sup> RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil: 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 120.

<sup>241</sup> SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa*. Tempo online. 2009, vol. 13, n. 26, p. 45.

O ensino católico foi considerado pelas elites como de qualidade excelente, por causa da dedicação dos religiosos e, por sua vez, a Igreja estava convencida em manter sua influência formando os futuros quadros dirigentes do país. Portanto, a Escola Católica servia, ao mesmo tempo, aos interesses do Estado, das classes dominantes e médias e aos seus próprios. O que não significa que não fossem também abundantes as iniciativas educacionais da Igreja em favor dos menos favorecidos, especialmente os orfanatos, as escolas populares e as noturnas e as de formação profissionalizante<sup>242</sup>.

Em oposição a esse modelo, a proposta libertária era de uma educação emancipatória, que permitisse aos indivíduos desenvolver suas potencialidades sem a estrutura altamente hierarquizada da escola tradicional. A base da pedagogia deveria ser as ciências e a escola seria um espaço de cooperação, onde os alunos aprenderiam não só os conteúdos programáticos como também a se auto gerirem edificando, passo a passo, todas as ferramentas e os meios necessários para a obtenção dos saberes e a construção do chamado “homem novo”<sup>243</sup>. Para isso, uma série de iniciativas foram colocadas em prática pelos anarquistas na cidade de São Paulo, visando a difusão dos ideais libertários. Foram fundadas Escolas Modernas, centros de estudos e bibliotecas, e diversos outros ambientes de educação que fossem propícios ao desenvolvimento autônomo e emancipado. Desta maneira, fica evidente que *A Lanterna* tinha como um dos seus focos, em meio à bandeira anticlerical, o combate a qualquer forma de ensino que não tivesse como premissa os ideais científicos-iluministas<sup>244</sup>.

---

<sup>242</sup> ALVES, Manoel. *A escola católica, uma história de serviço ao povo e à nação brasileira*. Revista Diálogo Educacional, vol. 3, núm. 7, setembro-dezembro, 2002, p. 21.

<sup>243</sup> FREGONI, Olga Regina. *Educação e resistência anarquista em São Paulo: a sobrevivência das práticas da educação libertária na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1920-1945)*. Dissertação de mestrado, São Paulo: PUC-SP, 2007, p. 2.

<sup>244</sup> MARCONI, Juliana Guedes dos Santos. *As luzes d'A Lanterna: iluminismo educacional e educação anarquista em edições de um jornal libertário paulistano*. São Carlos: UFSCar, 2016, p. 134.

### CAPÍTULO 3 – “O PADRE – EIS O INIMIGO”

Alguns elementos apareceram com certa recorrência nas imagens de teor anticlerical publicadas na segunda fase do jornal *A Lanterna*. Essas gravuras críticas, publicadas geralmente na primeira página, em dimensões médias ou grandes, atribuíram à identidade do jornal um teor satírico, humorístico e pedagógico, já que eram de fácil assimilação, podendo ser consumidas por quem era iletrado bem como por aqueles que não estavam familiarizados com o idioma, considerando que este era um periódico voltado majoritariamente para o público operário e imigrante.

Conforme apontado no segundo capítulo, uma parcela significativa das figuras que apareciam nas páginas do periódico paulistano era originária de outras folhas libertárias e/ou anticlericais publicadas nos países latino-americanos, sobretudo Argentina e México, e nos países europeus, com destaque para os jornais anticlericais italianos, espanhóis, portugueses e franceses. Neste sentido, o internacionalismo anarquista contribuiu tanto para a difusão dos materiais de propaganda quanto por sua característica de abordar temas comuns aos proletários, o que possibilitava uma maior identificação e compreensão dos conteúdos publicados.

Logo, entende-se que as imagens desempenharam um papel de grande relevância dentro da estratégia de combate ao clericalismo do jornal *A Lanterna*, visto que elas eram responsáveis não só por divulgar as críticas ao Clero e sua atuação na sociedade, como também por atrair o público iletrado e estrangeiro, grupos muito numerosos no período em que o hebdomadário esteve em circulação. Pode-se supor que este fator tenha proporcionado prestígio e colaborado com a longevidade do jornal em meio à tão conturbada realidade da imprensa libertária do período, conforme argumenta também Peixoto:

Sob a direção de Leuenroth, *A Lanterna* trilhou um caminho de destaque no movimento operário brasileiro. Com uma edição bastante criteriosa, o periódico se fez notar também pelo compêndio imagético que, via de regra, inaugurava o exemplar. Ocupando um lugar de destaque na página, ou pela sua dimensão ou pela posição em que eram inseridas em meio aos textos, as imagens integravam a experiência visual que o leitor estabelecia com o exemplar [...]. A considerável expressividade de AL no meio operário lhe rendeu uma longa existência; o periódico circulou durante as três primeiras décadas do século XX enfrentando alguns períodos de interrupção.<sup>245</sup>

---

<sup>245</sup> PEIXOTO, Maitê. *Identidades figuradas na cultura do trabalho: a partilha da experiência visual e a construção da identidade operária através da produção imagética vinculada à imprensa operária e sindical no Brasil (1910-1935)*. Tese de doutorado, Porto Alegre: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016, p. 90.



Ao iniciar a análise do conteúdo das gravuras procurou-se identificar, primeiro, quais eram os tipos de representações iconográficas que *A Lanterna* utilizava em suas páginas (charges, cartuns, caricaturas) para, a partir daí, delimitar suas características, seu teor e as estratégias empregadas em sua utilização. A coleta das imagens foi feita após uma leitura iconográfica preliminar, que permitiu a identificação dos temas abordados nas ilustrações publicadas no jornal durante os anos de 1909 a 1916, sendo recolhidas apenas aquelas que tinham como ponto central o anticlericalismo.

O segundo passo foi detectar de que maneira a pauta anticlerical era tratada em cada gravura e agrupá-las conforme o tema, para que fosse possível verificar as recorrências e estabelecer as séries. Feito isto, foram analisadas algumas imagens que representam bem essas classificações frente à lógica do periódico. As imagens, tais como publicadas na *Lanterna*, podem ser visualizadas nos Anexos, acompanhadas de miniaturas das páginas do jornal onde estavam.

Os critérios adotados para fazer a classificação das imagens em dois grandes eixos (luxúria clerical e a exploração dos trabalhadores pelo clero) foram: A recorrência com que as imagens desses grandes arcos temáticos apareciam representados pelas imagens da capa; E o destaque dado pelo *A Lanterna* a duas campanhas (o Caso Idalina e a Campanha contra a carestia da vida, de 1909 a 1916) que, por vezes, acabavam trazendo ilustrações que dialogavam com o texto da manchete, não sendo essa, entretanto, uma regra.

A opção por fazer a classificação das imagens a partir de dois eixos principais, a luxúria clerical e a exploração dos trabalhadores pelo clero, deu-se não somente pela recorrência com que as figuras com esse teor apareciam, mas também porque essas temáticas foram utilizadas nas duas grandes campanhas que *A Lanterna* promoveu durante os anos de 1909 a 1916, a saber, o Caso Idalina e a Campanha contra a carestia da vida. As campanhas mobilizaram o corpo editorial do jornal durante um longo período, promovendo diversas edições dedicadas ao pedido de solução das pautas além de comícios, marchas, debates e vários outros protestos pelas ruas da cidade de São Paulo e pelo interior do Estado.

Tais casos deram visibilidade e proporcionaram uma certa popularidade ao jornal, o que é possível de ser constatado pelos relatos que descrevem o grande número de pessoas que participavam dos atos que eram convocados por meio das páginas da *Lanterna*. Um desses debates promovidos pela folha e que demonstra um pouco da receptividade do público às campanhas foi o que ocorreu entre seu colaborador, o anarquista e diretor do jornal *La Battaglia*, Oreste Ristori, e o religioso Padre Ravaioli.

As desavenças teriam sido motivadas por intensas trocas de farpas publicadas, desde o



início de 1910, pelas páginas da *Lanterna* e do periódico *A República*, da cidade de Jardinópolis. Na edição de número 13, do dia 8 de janeiro, o periódico anticlerical fez, pela primeira vez, referência às “asnicas” que o “jornaleco” do interior estava propagando sobre o jornal paulistano.<sup>246</sup> Devido à insistência da folha de Jardinópolis em atacá-los, os editores da *Lanterna*, ainda em janeiro, publicaram uma outra coluna sob o título “A ignorância da Ré pública”, denunciando o “jornalismo de regateira” praticado pelo outro, que se limitava apenas a “vomitar insultos a torto e a direito e sem saber contra quem, só por insultar e como único argumento”.<sup>247</sup>

Devido à curiosidade despertada pelo embate das duas folhas, o libertário Vittorino Tacchi, aproveitando uma viagem que Oreste Ristori fazia ao interior para angariar fundos à Escola Moderna de São Paulo, costurou um debate “nunca ocorrido no Brasil”,<sup>248</sup> entre um Padre e um libertário. A expectativa que tal Contraditório (como foi chamado o encontro) gerou teria sido tamanha que, dias antes, o delegado da cidade de Jardinópolis, Luiz Cardoso Negreiro, teria ameaçado proibir o evento alegando receio de “alteração da ordem”, conforme noticiou *A Lanterna*:

Corre o boato, aqui, de que o delegado de polícia, alferes Luiz Cardoso Negreiro, vai proibir o contraditório Ristori-Ravaoli, alegando receios de alteração da ordem. [...] O Sr. Delegado é o responsável pela ordem e a ele compete prover no sentido de impedir qualquer distúrbio sem, entretanto, chocar a disposição expressa do artigo 72 da Constituição.<sup>249</sup>

Mesmo com a ameaça, Ristori e o Padre Ravaoli se encontraram, no dia 6 de fevereiro de 1910, em uma igreja na cidade de Jardinópolis que, segundo declarou o jornal, estava tomada de pessoas ansiosas por assistir ao embate, “um público numerosíssimo, que acorrera de várias localidades circunvizinhas”.<sup>250</sup>

As farpas trocadas entre anticlericais e eclesiásticos através da imprensa, repercutiram junto ao público que gostaria de presenciar um confronto, um debate entre anarquistas e religiosos. Foi Vittorino Tacchi, de Jardinópolis, em fevereiro de 1910, quem costurou um primeiro encontro entre Oreste Ristori e o padre Ravaoli para o dia 6. O contraditório proposto pelos racionalistas versaria sobre o tema “A influência nefasta das religiões e do clero sobre a civilidade das populações”, onde procurariam mostrar ao público o atraso que os dogmas religiosos impuseram ao avanço da ciência e do progresso, enquanto caberia ao padre a defesa da Igreja<sup>251</sup>.

<sup>246</sup> “As asnicas da Ré Pública”. *A Lanterna*, n. 13, São Paulo, 8 de janeiro de 1910, p. 3.

<sup>247</sup> “A ignorância da Ré pública”. *A Lanterna*, n. 15, São Paulo, 22 de janeiro de 1910, p. 3.

<sup>248</sup> “A Lanterna em Jardinópolis: o contraditório Ristori-Ravaoli”. *A Lanterna*, n. 18, São Paulo, 12 de fevereiro de 1910, p. 2.

<sup>249</sup> “A Lanterna em Jardinópolis”. *A Lanterna*, n. 17, São Paulo, 05 de fevereiro de 1910, p. 3.

<sup>250</sup> *A Lanterna*, loc. Cit.

<sup>251</sup> ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002, p. 192.

De acordo com o balanço do encontro publicado pela *Lanterna* na edição seguinte ao ocorrido, o debate teria sido um sucesso, pois contou com a presença massiva do público que, assim como os oradores, se comportaram com “admirável calma, dignidade e tolerância”, bem como a postura “louvável” e correta do delegado, “que usou de toda prudência e cautela” para evitar qualquer imprevisto, concluindo que “Enfim, tudo ocorreu excelentemente, e todos os anticlericais rejubilam, satisfeitos com a magnífica propaganda feita”.<sup>252</sup> Além do sucesso de público e propaganda, tais eventos serviam também para angariar fundos para as causas anticlericais. Após o fim do Contraditório Ristori-Ravaoli, os libertários receberam mais de 100\$000 réis de doação para a Escola Moderna, um valor bastante considerável que equivalia, por exemplo, ao preço de mais de dez assinaturas anuais do *A Lanterna*.

O evento mostra que as ideias propagadas pela imprensa anticlerical e pela *Lanterna* conseguiram apelo e penetração social, podendo supor que havia um real interesse pela discussão e em ouvir os argumentos de ambos os lados. Mesmo após o debate, a controvérsia entre anticlericais e o grupo de Jardinópolis, liderado pelo Padre Ravaoli, prosseguiu e se acentuou, motivando a publicação, nas páginas da *Lanterna*, de um conjunto de imagens onde os anarquistas, com muito humor, ironizaram as supostas contradições existentes nos ensinamentos difundidos pelo Padre Ravaoli, como é retratado nas figuras 16, 17 e 18 (Anexo VIII):

**Figura 16 – Os ensinamentos da Igreja (segundo o Padre Ravaoli)**



**Fonte:** *A Lanterna*, n. 23, São Paulo, 19/03/1910, capa.  
**Legenda:** O ensino da castidade e pureza de costumes.

<sup>252</sup> *A Lanterna*, loc. Cit.

**Figura 17 – O ensino da abstinência... na quaresma**



Fonte: *A Lanterna*, n. 23, São Paulo, 19/03/1910, capa.

**Figura 18 – O ensino da pobreza... dos outros.**



Fonte: *A Lanterna*, n. 23, São Paulo, 19/03/1910, capa.

As três figuras, publicadas na capa do periódico, pertencem a uma sequência de ataques direcionados ao Padre Ravaioli que *A Lanterna* publicou após o clérigo escrever, no jornal *A República*, uma série de artigos desqualificando os argumentos utilizados por Ristori no debate e zombando dos pensadores que o libertário teria como referência. A resposta do jornal de Leuenroth se iniciou na edição de número 20, com a divulgação de uma nota assinada como “Os adeptos de Ristori”. No texto, provavelmente escrito pelos colaboradores do *A Lanterna*, houve a tentativa de refutar as ideias difundidas pelo Padre nos artigos do *A*

República e ironizar um chamado que o jornal de Jardinópolis fez para “um comício clerical contra um grupinho de anarquistas”. Os “adeptos de Ristori” indagaram o direcionamento do comício dizendo: “Só contra os anarquistas e não contra os outros livres pensadores, ateus, etc.? Mas então têm força, os anarquistas, para merecerem um comício!”.<sup>253</sup>

A partir daí as críticas ao Padre seguiram, ininterruptamente, até a edição de número 35, com ataques que foram feitos tanto por meio de textos e colunas dedicadas exclusivamente ao tema, como a coluna “Religião e Clero (Ao reverendo padre João Ravaioli)”, dividida em dez textos publicados do número 26 ao número 35 do jornal, quanto por meio das gravuras, das quais as figuras 16, 17 e 18 são representativas. Em comum, o conjunto de imagens tem por objetivo denunciar as supostas diferenças existentes entre o que se prega e o que se pratica dentro da Igreja Católica, com a intenção de alertar aos fiéis de que não valeria a pena dedicar suas vidas ao cumprimento da doutrina religiosa quando nem mesmo os clérigos, personificados na caricatura do reverendo Ravaioli, cumpriam aquilo que era pregado. Essa estratégia foi a mais utilizada ao longo da segunda fase do jornal.

Dentre as charges apresentadas, na Figura 16 é possível observar que a crítica à luxúria clerical já aparece, inserida na relação íntima que o padre aparentemente estava tendo com uma mulher. O comportamento entraria em conflito com o rígido compromisso reafirmado pelo regime de castidade e pelo celibato, votos obrigatórios para os membros consagrados da Igreja Católica. Deste modo, abaixo serão expostos os dois eixos principais desta pesquisa, a luxúria clerical, acompanhado pela campanha em torno do Caso Idalina, e a exploração dos trabalhadores pelo clero, associado à campanha contra a carestia da vida.

### 3.1. O caso Idalina e as denúncias à luxúria clerical

[...] Os padres do orfanato fazem desaparecer uma infeliz órfã e ainda chacoteiam dos que exigem contas do delito, zombam da justiça e tripudiam...

É necessário que seja esclarecido o fato; que o mistério se desvende, pois é bem possível que Idalina tenha sido estuprada e depois suprimida para que seus algozes continuem a mostrar, ao mundo, a face de histrião untada de santidade. E para isso empenharemos todas as nossas energias.

Queremos saber o que há de verdade no caso.

Nossa colega *La Battaglia* promoveu uma longa e enérgica campanha sobre o caso até agora sem resultado, infelizmente.

A colega chegou a oferecer um conto de réis pelo depoimento de alguém que por acaso tivesse visto ou percebido qualquer coisa.

Mas o mistério permanece, porque a justiça e a polícia, não sendo impelidas pelos grandes rotativos, nada fazem, nada veem, nada ouvem.

Continuaremos no próximo número, publicando o retrato da infeliz Idalina.<sup>254</sup>

<sup>253</sup> *A Lanterna*, n. 20, São Paulo, 26 de fevereiro de 1910, p. 3.

<sup>254</sup> *A Lanterna*, n. 7, São Paulo, 27 de novembro de 1909, capa.

**Figura 19 – A menor Idalina**



**Fonte:** *A Lanterna*, n. 8, São Paulo, 04/12/1909, p. 2.

Ao longo dos três primeiros anos em que *A Lanterna* foi publicado, uma campanha em específico ganhou destaque e deu projeção ao jornal em meio à imprensa paulistana. Aquele que ficou conhecido como “O caso Idalina” foi o sumiço da menina Idalina Stamato, uma garota de sete anos, que desapareceu do orfanato scalabriniano Cristóvão Colombo, localizado no bairro do Ipiranga, em São Paulo. O sumiço, ocorrido em 1907 e denunciado, a princípio, pelo jornal *La Battaglia*, de Oreste Ristori, foi retomado no final de 1909 pela *Lanterna* e ocupou as páginas do periódico até 1912, após o caso ser arquivado pela justiça paulista, que alegou não haver provas suficientes para solucionar o ocorrido ou para condenar os padres acusados de terem estuprado e assassinado a menina, Conrado Stefani e Faustino Consoni, que acabaram inocentados.

Como é possível ver no excerto retirado da edição de número 7 do jornal, assim como no retrato de Idalina publicado no volume seguinte, *A Lanterna*, bem como boa parte da imprensa operária do período, utilizou o acontecido como mote para denunciar os possíveis

absurdos cometidos pelos homens da Igreja, sobretudo no tocante à luxúria clerical. Por luxúria clerical entende-se as investidas sexuais de representantes da Igreja contra mulheres e crianças, com ou sem consentimento. A intenção desta pesquisa não foi averiguar de modo aprofundado a substancialidade das acusações, mas sim compreender como elas foram feitas e inseridas nas gravuras do jornal anticlerical paulistano.

O Caso Idalina foi marcante pois reunia diversas características que eram condenáveis tanto moralmente quanto criminalmente na sociedade republicana do início do século XX. A suspeita de estupro e assassinato de uma criança por um reverendo, dentro das paredes de uma das principais ordens religiosas de São Paulo, os Scalabrinianos, vinha para corroborar com as acusações que os anticlericais faziam sobre o comportamento libidinoso e abusivo que, supostamente, os clérigos tinham, a despeito do voto de castidade e do discurso de pureza que inculcavam aos fiéis. O jornal dedicou grande espaço à denúncia, que fez aumentar o número de imagens relativas ao tema durante o período entre 1909 e 1912.

Conforme dito, a primeira vez que o caso apareceu nas páginas do periódico foi no final de novembro de 1909, no número 7 do jornal, quando *A Lanterna* anunciou que daria prosseguimento às investigações que haviam sido iniciadas pelo periódico de Ristori, já que o caso ainda não havia sido solucionado e Oreste Ristori, italiano, alegava sofrer ameaças de extradição caso prosseguisse com a denúncia do Caso Idalina nas páginas do *La Battaglia*. Os riscos para o jornal de Edgard Leuenroth não eram tão acentuados pois, além de Leuenroth ser brasileiro, não podendo ser extraditado, contava ainda com o respaldo de Benjamim Mota, que além de fundador da *Lanterna* era um advogado conceituado na capital paulista.

A imprensa anticlerical fez dessas denúncias, em especial à luxúria clerical, um dos seus principais motes. O Caso Idalina talvez tenha sido o exemplo mais bem-acabado sobre o tema nas páginas da imprensa brasileira durante a Primeira República, tanto pelo tempo que a campanha perdurou, quanto pela relevância que *A Lanterna* teve em meio à imprensa anticlerical, como pelas mobilizações sociais que foram organizadas a partir das convocações feitas pelo periódico paulistano.

**Figura 20 – Edição extraordinária, *A Lanterna***



**Fonte:** *A Lanterna*, n. 55, São Paulo, 29/10/1910, capa.

Após uma primeira menção ao caso, contida nos exemplares número 7 e 8, a investigação do que teria ocorrido com a menina voltou com força total no dia 29 de outubro de 1910, na edição 55, quando *A Lanterna* publicou, extraordinariamente, um suplemento de duas páginas dedicado às investigações sobre os ocorridos nos muros do Orfanato Cristóvão Colombo. Na capa aparecia um retrato de Idalina, o mesmo que já havia sido exposto pelo jornal em 1909, sob o título “Mistério desvelado: duas meninas estupradas e assassinadas pelos padres no orfanato C. Colombo”. Acompanhadas da investigação principal havia outras

denúncias de crimes que teriam ocorrido no orfanato scalabriniano que, por algum motivo (talvez a proeminência do caso Idalina), não foram levadas adiante pelo jornal. Tal volume foi a deixa para a avalanche de publicações relacionadas ao tema que viriam a seguir.

Entre retratos, artigos e convocações para atos exigindo explicações sobre o ocorrido, as caricaturas sobre Idalina e relacionadas ao tema da luxúria clerical tornaram-se cada vez mais constantes nas páginas do jornal. Na própria edição ordinária do número 55 já aparecia, tomando praticamente metade da segunda página, uma charge de Voltolino, publicada no jornal *Pasquino Coloniale* e reutilizada pela *Lanterna*, em que era retratado um barco abarrotado de padres, freiras e crianças (frutos dos relacionamentos entre os dois primeiros) chegando à “nova terra de Canaã”, o Brasil, onde eles esperavam encontrar leite e mel para dar aos seus numerosos filhos biológicos (Figura 21 – Anexo IX).

**Figura 21 – A nova terra de Canaã**



**Fonte:** *A Lanterna*, n. 55, São Paulo, 29/10/1910, p. 2.

Legenda: Terra! Terra! Viva a nova terra de Chanaan que vai dar leite e mel aos nossos filhos!

O quinquagésimo sexto número do jornal foi novamente dedicado ao caso da jovem. A manchete foi “Orfanato sinistro: Continuam de pé as nossas gravíssimas acusações – A ridícula defesa do Orfanato Christovam Colombo”, e as três primeiras páginas foram preenchidas com um passo a passo do desenrolar das investigações desde as primeiras pesquisas, passando pelo depoimento das testemunhas, a atuação da polícia, os indícios



documentais recolhidos pelos colaboradores da *Lanterna*, que faziam uma apuração independente dos fatos, até as conclusões que poderiam ser tiradas por meio do inquérito feito até aquele momento. Nesse exemplar a única imagem utilizada foi um retrato da menina Idalina Stalmato, a ausência de gravuras pode ser explicada devido à preocupação do corpo editorial em publicar o máximo de informações possíveis sobre o processo para que o leitor fosse colocado a par do desenrolar.

Todavia, no número seguinte (mais uma vez dedicado majoritariamente ao caso Idalina) as charges já estavam de volta às páginas do periódico com um desenho de Voltolino (Figura 22 – Anexo X) que criticava a atuação da polícia nas investigações. A imagem era uma ilustração que acompanhava o texto principal do exemplar, que tinha como título “O celibato clerical” e defendia duas teses: de demonstrar a “fábrica de sacerdotes devassos” que o juramento de castidade supostamente incentivaria; e de contestar a postura enviesada que, segundo o jornal, as autoridades públicas adotavam na apuração dos delitos dessa natureza.

De acordo com *A Lanterna*, “a ação contraproducente da polícia”, com o intento mais de embaralhar as circunstâncias do que de apurar as responsabilidades, “tem feito com que, após tantos dias decorridos, estejamos ainda na expectativa” de solução do caso.<sup>255</sup> Prosseguem ainda defendendo que a ação da imprensa diante dessas situações, longe de querer caluniar, é de dar publicidade às declarações, embora “infelizmente a justiça dos homens é falha, é defeituosa, é cega, segundo afirmam. E nós não queremos saber da de Deus”.<sup>256</sup> A ilustração que vem na esteira dessa abordagem sintetiza, de maneira irônica, a opinião expressa no escrito, de que se não fosse a benemérita polícia para salvar os pobres padres, estes últimos estariam perdidos.

---

<sup>255</sup> Ibid.

<sup>256</sup> Ibid.

Figura 22 – O trabalho da polícia no caso Idalina



Fonte. *A Lanterna*, n. 57, São Paulo, 12/11/1910, capa.

Legenda: - Se não fosse a benemérita polícia aqueles pobres padres...

A articulação existente entre conteúdo escrito e imagético demonstrada acima exemplifica como se dava o emprego das gravuras e sua importância na estratégia de combate ao clericalismo do jornal. Enquanto o texto valia-se de uma abordagem mais teórica, buscando sempre ornamentar de cientificismo as pesadas críticas feitas à Igreja, a ilustração fazia um resumo do assunto, com o apelo ao recurso do humor satírico e das legendas (quando necessário) que complementavam o desenho e direcionavam o entendimento da mensagem que o periódico almejava transmitir.

Sobre o celibato, a argumentação desenvolvida pelo jornal defendia que o voto significava um esteio dos interesses da Igreja e a garantia da disciplina de seus subordinados, “porque o padre, casado, mais facilmente se furtaria às ordens severas de seus superiores hierárquicos”,<sup>257</sup> e prossegue:

<sup>257</sup> “O celibato clerical”. *A Lanterna*, n. 57, São Paulo, 12 de novembro de 1910, capa.

Mas, uma providência dessa espécie, um decreto que previne a insubordinação e mantém e desenvolve os interesses do catolicismo, é uma infração às leis biológicas, um insensato esforço para trazer o homem liberado das imperiosas exigências de seu organismo e produz o sacerdote devasso, que em horas caladas da noite demanda os prostíbulos, o idiota, que pretendeu se manter casto e prejudicou a integridade do seu cérebro, e, enfim, o atacado do priapismo ou satiriasis, o padre que, induzido por uma imaginação mórbida, devorado pelos pensamentos eróticos, ficou atacado desse mal terrível.<sup>258</sup>

Percebe-se no excerto acima a tentativa de dar uma justificativa científica que respaldasse a opinião do periódico, para mostrar que as críticas difundidas pela linha editorial não se limitavam a meras implicâncias infundadas, mas possuíam sustentação empírica. Pode-se conjecturar que há nessa iniciativa um ensejo de delimitar o antagonismo existente entre aqueles que advogavam pela racionalidade, grupo em que os libertários se enquadrariam, e aqueles entregues ao obscurantismo da “demagogia religiosa”, no caso, os reverendos católicos.

Nesse sentido, era comum o alerta aos perigos que a “continência e a abstenção” dos clérigos representavam à sociedade, aspecto trabalhado exaustivamente por toda a imprensa anticlerical, sobretudo no tocante às caricaturas relacionadas ao tema da luxúria. Nos impressos de contestação à Igreja Católica, que remontam aos tempos da Reforma Protestante e, em especial, à Revolução Francesa e às folhas oriundas dos avanços técnicos e materiais obtidos ao longo do século XIX, criou-se o estereótipo do padre com feições animalescas, em que os traços distorcidos buscavam difundir a ideia de deturpação moral e ética dos religiosos. E dentro dessa tática, o traço caricatural mostrou-se como o recurso ideal.

Resgatando a teoria do cômico de Baudelaire, Laura Nery aponta que a caricatura, enquanto gênero linguístico, despertou uma longa reflexão estética e moral, ao apresentar-se como “a arte do feio e do exagero”.<sup>259</sup> De acordo com a autora, no contexto oitocentista em que se popularizou a “arte da deformação dos corpos”, a caricatura era o símbolo da desobediência às normas clássicas da representação “e carregava um enorme potencial crítico, não apenas quanto à cena política e social, mas no sentido mesmo da experimentação com a linguagem”.<sup>260</sup>

Nesse primeiro momento, *A Lanterna* se concentrou em publicar gravuras que versassem sobre notícias pontuais, geralmente acusações à Igreja levadas por correspondentes do jornal, ou cartuns que retratassem o modo como os clérigos engordavam às custas dos

<sup>258</sup> Ibid.

<sup>259</sup> NERY, Laura. Grotesco, caricatural, pornográfico: notas sobre a insubmissão da forma. *Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, n. 08, dez. 2016, p. 16.

<sup>260</sup> Ibid.

esforços dos fiéis, como é possível ver no Conjunto 2 (figuras 23, 24, 25, 26 e 27), onde todas apareceram nas páginas da *Lanterna* de outubro a dezembro do ano de 1909.

## CONJUNTO 2

**Figura 23 – Atrativos da vocação**



**Fonte:** *A Lanterna*, n. 2, São Paulo, 23/10/1909, p. 2.

Legenda: - Não faça isso padre, que hoje é dia de jejum.

- Ora bolas! Minha... creada, jejua tu si queres, porque eu gosto de encher a pança; para isso sou vigário.

**Figura 24 – Missionários**



**Fonte.** *A Lanterna*, n. 2, São Paulo, 23/10/1909, p. 2

Legenda: É necessário matar *A Lanterna*, meus colegas! Só assim vocês ficarão pantafaçados como eu.

**Figura 25 – Retirada**



**Fonte.** (*A Lanterna*, n. 3, São Paulo, 30/10/1909, p. 2)

Legenda: - Agora que já engordamos, safemo-nos. O Brasil está ruim com o raio d'A Lanterna, que mil raios a partam...

**Figura 26 – O jejum**



**Fonte.** *A Lanterna*, n. 3, São Paulo, 30/10/1909, p. 2.

Legenda: - Por que emagreceste tanto?  
- Foi o jejum.  
- Ah! Grande besta! O jejum é para os fiéis, para que mais fique para nós...

Figura 27 – A divisão do trabalho



Fonte: *A Lanterna*, n. 11, São Paulo, 25/12/1909, capa.

Legenda: - Trabalham os magros pobres, eu engordo e conto os cobres.

Embora a relação entre clero e capitalismo e as mazelas sofridas pelos trabalhadores decorrentes dessa aliança seja assunto do próximo tópico é importante, desde já, entender alguns pontos recorrentes nas representações imagéticas que eram feitas pelos anticlericais, e pela imprensa operária como um todo, sobre os padres e demais membros da Igreja. O exagero, o grotesco, a sátira, características fundantes da caricatura política, foram utilizadas pela imprensa operária e anticlerical para atribuir aos clérigos, da mesma forma que aos capitalistas, traços que contrastassem com a situação vivida pelo trabalhador do período. Se os padres estavam gordos, os trabalhadores viviam magros; se os padres se deleitavam em banquetes, os trabalhadores por vezes não tinham nem o pão; se os padres enriqueciam com o dinheiro dos fiéis, os próprios fiéis ofertavam o pouco que tinham em busca de misericórdia perante a dura realidade em que viviam. Sobre esses códigos visuais, Peixoto argumenta:

O desenho político da imprensa ao longo dos séculos XIX e XX jogou com códigos visuais que faziam menção à fartura manifesta através da comida, do pecado da gula e da avareza, para evocar as elites. Enquanto isso, o povo e a classe operária, mais propriamente, eram evocados através dos códigos visuais que remontavam a fome, a miséria, a partilha do pouco e a magreza excessiva dos corpos. O exagero esteve presente na construção dos personagens que representavam ambos os lados e [...] essas referências não eram restritas apenas ao universo imagético, mas dialogavam com a literatura.<sup>261</sup>

Deste modo, a representação de clérigos e membros das elites corpulentos, se deleitando em banquetes e/ou se vangloriando por estarem engordando às custas dos trabalhadores foi um estereótipo recorrentemente utilizado por todos aqueles que queriam atacar tais camadas sociais. Indo além, os símbolos e alegorias empregados nas gravuras extrapolavam os aspectos físicos, já que as deformidades apresentadas pelos desenhos sugeriam também (e nesse sentido as legendas eram importantíssimas para complementar as mensagens e orientar os leitores para a interpretação desejada pelos produtores) uma corrupção moral e ética que os representados hipoteticamente praticavam.

Tais aspectos são visíveis nas gravuras do Conjunto 2. As figuras 23 (Anexo XI) e 26 (Anexo XIV), abordam a questão do jejum, a privação de alimentação parcial ou total, por determinados períodos, que geralmente era praticado pelos católicos no período da quaresma. Já nas figuras 24 (Anexo XII) e 25 (Anexo XIII), além da crítica ao apetite abundante dos religiosos há também uma autopromoção da *Lanterna*, apresentada como uma ameaça aos privilégios que os clérigos desfrutavam. Ao comparar o modo como o banquete e a alimentação vultosa é retratada na imprensa anticlerical, da qual *A Lanterna* é um exemplo, e no sistema das imagens da Antiguidade, que tem como expoente o estudo realizado por Bakhtin sobre Rabelais, pode-se perceber que, em ambos os casos, o comer e o trabalho são elementos indissociáveis.

Segundo Bakhtin, o comer era o coroamento do trabalho, “a luta do homem com o mundo que terminava com a vitória do primeiro”, “com a absorção do alimento, isto é, de uma parte do mundo a ele arrancada”<sup>262</sup>. Na imagética anticlerical, o comer e o trabalho estavam relacionados no sentido de que os padres usurpavam do esforço de trabalho dos operários, ou seja, havia uma ruptura entre o trabalho, praticado pelos trabalhadores, e o

<sup>261</sup> PEIXOTO, Maitê. *Identidades figuradas na cultura do trabalho: a partilha da experiência visual e a construção da identidade operária através da produção imagética vinculada à imprensa operária e sindical no Brasil (1910-1935)*. Tese de doutorado, Porto Alegre: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016, p. 331.

<sup>262</sup> BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987, p. 244.

comer, usufruído pelos clérigos e burgueses. Desta forma, quando os representantes da Igreja eram caricaturados entregues à comilança, o recado que se transmitia não era somente de que eles estavam infringindo a um pecado capital, praticando a gula e indo de desencontro aos dogmas da cristandade, mas também e, principalmente, que eles estavam subtraindo algo que pertencia aos trabalhadores por direito, o alimento, proveniente do esforço de trabalho deles e não dos padres.

Se se isola o comer do trabalho, do qual ele é o coroamento, e se se passa a considera-lo como um fenômeno da vida privada, não restará nada das imagens do encontro do homem com o mundo, de degustação do mundo, de grande boca aberta, da ligação essencial do comer com a palavra e a alegre verdade, restará apenas uma série de metáforas afetadas e desprovidas de sentido.<sup>263</sup>

Satirizar e ridicularizar era uma estratégia que *A Lanterna* utilizava, por meio de seus desenhos, para tentar destituir esses personagens, os clérigos, da sacralização que lhes era atribuída. Enquanto a postura apresentada por eles na Igreja era de comedimento, equilíbrio e retidão moral, na esfera particular e privada os religiosos se entregavam aos desejos e aos pecados e, nesse ponto, a gula e a luxúria se articulam dentro de um mesmo espectro, ambos pertencentes ao que a Igreja denomina de pecados da carne.

Desde que os pecados capitais foram estruturados e a divisão entre vício e pecado atribuída (pecado seria uma falta, uma desobediência aos preceitos religiosos, já o vício seria uma predisposição permanente para o mal, logo, havendo a necessidade incessante de ser combatida), a gula e a luxúria foram considerados vícios a ser enfrentados incansavelmente. Segundo Pilosu, desde a Idade Média a gula e a luxúria foram representadas pela iconografia não só como algo para ser condenado como também para exemplificar que as virtudes deveriam sempre prevalecer frente aos vícios.<sup>264</sup> Com o passar do tempo, a exploração pedagógica do conteúdo imagético para tratar sobre temas como vícios da carne não ficou restrita apenas à Igreja, mas foi incorporada também às pautas daqueles que eram contrários ao clero e a sua atuação na sociedade.

Logo, a aliança entre anticlericalismo e o riso caricatural, visando dessacralizar a religião e seus representantes, foi algo inevitável. Para *A Lanterna*, “enumerar as notórias aventuras amorosas e outras nem tanto venturosas realizadas pelo clero do país fazia parte de um ritual de denúncia com o objetivo de solapar a pretensa rígida moral sexual da Igreja e

<sup>263</sup> Ibid.

<sup>264</sup> PILOSU, Mario. *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1995, p. 45-47.



principalmente, de quem a seguia”<sup>265</sup>. Prova disto é que das 52 gravuras anticlericais publicadas entre os anos de 1910 e 1911, que foram selecionadas para análise mais detida nesta pesquisa, exatamente a metade, ou seja, 26 imagens, abordavam a questão da luxúria praticada pelos clérigos e/ou o caso da menina Idalina, dando sustentação à hipótese levantada de que esse era um dos motes centrais do jornal paulistano em sua guerra contra as forças religiosas.

### 3.2. O clero, o capitalismo e a campanha contra a carestia da vida

**Figura 28 – A carestia da vida**



**Fonte.** *A Lanterna*, n. 139, SP, 18/05/1912, capa.

Legenda: - Sr. Vigário, meu marido está doente e eu tenho em casa apenas 4\$... Tudo está tão caro...  
- Dê-me você 3\$ que eu, por caridade, direi por ele uma missa que lhe assegurará a bem-aventurança eterna...

Ao avançar na análise do corpus relacionando-o com o que era publicado nos artigos e colunas do jornal *A Lanterna*, identificou-se uma segunda campanha que mobilizou os esforços do jornal e que, mais uma vez, contou com larga utilização das gravuras em sua execução. Enquanto até o ano de 1911 se verificou que os recursos gráficos eram utilizados, em sua maioria, para atacar a luxúria clerical, a partir de 1912 tornam-se recorrentes charges e cartuns com ênfase na participação da Igreja na exploração capitalista e a ameaça que

<sup>265</sup> ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002, p. 192.

representaria ao clero a organização dos trabalhadores e dos livres-pensadores em prol da destruição dessa hierarquia.

A Figura 28 (Anexo XVI), cujo título é “A carestia da vida”, retrata exatamente essa situação, uma mãe indo solicitar ajuda ao vigário devido à situação difícil em que sua família se encontra. Na legenda a moça argumenta que seu marido estaria doente e que ela possuía apenas 4 cruzeiros, lamentando como tudo estava caro. O vigário, ao responder, pede para que ela lhe dê 3 dos 4 cruzeiros que ela tem e em troca ele rezaria uma missa para assegurar a bem-aventurança eterna para seu marido. A imagem e a legenda se complementam na medida em que o religioso está usufruindo de um banquete, com comidas e bebidas, e a família se encontra em uma situação de fome e miséria.

É esse simbolismo que o Conjunto 3 (Anexo XVII – Anexo XXI), formado por gravuras selecionadas entre os anos de 1912 e 1913, adota. Em todas elas o jornal estabelece uma relação direta entre as mazelas dos trabalhadores e a riqueza do clero, conquistada supostamente a partir do suor dos explorados. Em troca, os clérigos representados nos desenhos ofereciam, quando muito, a promessa de um lugar no reino do céu, algo que, aparentemente, e a crer pela maneira como eram representados pelos libertários, nem eles acreditavam que existia, devido à forma sarcástica como ludibriavam as pessoas para subtrair o dinheiro delas.

## CONJUNTO 3

Figura 29 – Preceitos divinos



Fonte: *A Lanterna*, n. 148, São Paulo, 20/07/1912, capa.

Legenda: Disseram os deuses: “Ganharás o pão com o suor do teu rosto”... para os seus exploradores.

Figura 30 – Planos futuros



Fonte: *A Lanterna*, n. 152, São Paulo, 17/08/1912, capa.

Legenda: Eles trabalham agora para nós, mas nós rezamos para que eles possam ganhar na outra vida o reino do céu.

**Figura 31 – O fardo**



**Fonte.** *A Lanterna*, n. 141, São Paulo, 01/06/1912, capa.

**Legenda:** Pobre povo, quando te livrarás deste pesado fardo?

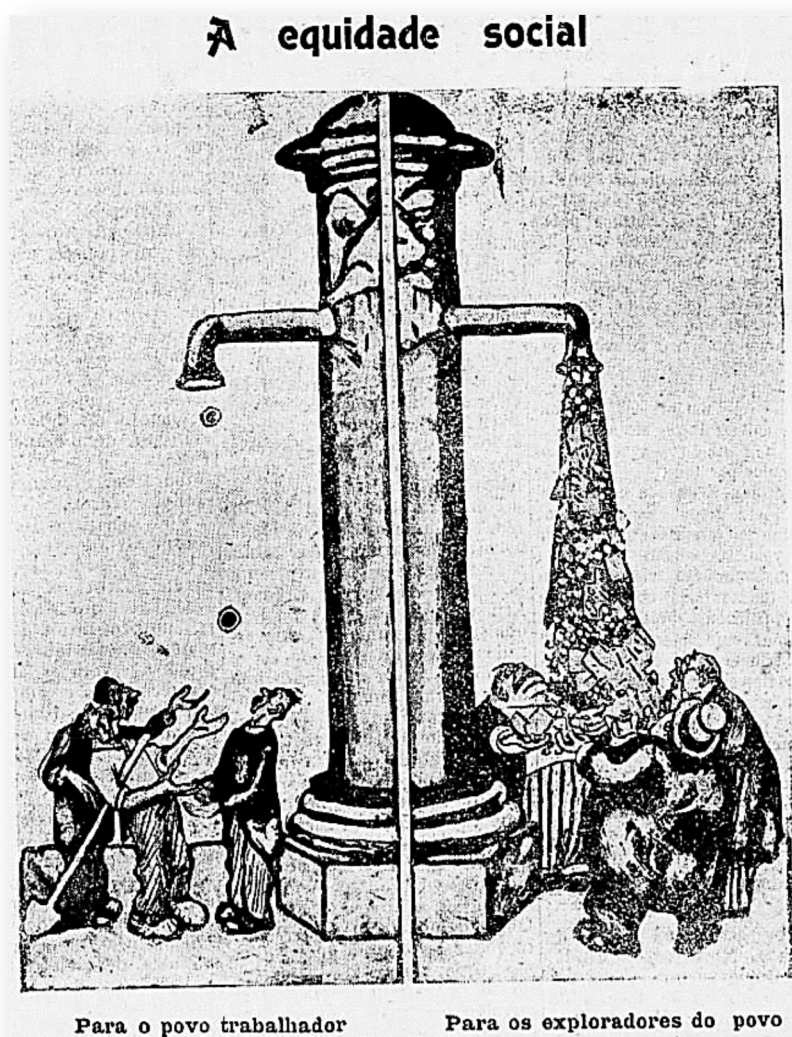
**Figura 32 – Como eles roubam o povo**



**Fonte.** *A Lanterna*, n. 201, 28 de julho de 1913, capa.

**Legenda:** - Tudo isto que me dais, vos será restituído lá no céu.

Figura 33 – A equidade social



Fonte. *A Lanterna*, n. 184, São Paulo, 29 de março de 1913, capa.

Legenda: Para o povo trabalhador – Para os exploradores do povo.

Outro ponto importante é notar como *A Lanterna* indicava que nem sempre o dinheiro destinado à Igreja vinha da doação direta dos trabalhadores, as gravuras situavam o Clero dentro de uma estrutura social que era feita para beneficiá-los, bem como beneficiava os burgueses capitalistas e os políticos. A essa suposta “equidade social” que a Figura 33 se refere, enquanto a Figura 31 pergunta: “Pobre povo, quando te livrarás deste pesado fardo?”.

O ano de 1912 ficou marcado pelo início das agitações operárias contra a carestia de vida, consequência do “aumento abusivo dos preços dos gêneros alimentícios de primeira necessidade, resultante dos impostos cobrados sob alimentos e da formação de *trusts*,

favorecida pelo regime protecionista”.<sup>266</sup> Os anarquistas do período atribuíram a alta nos preços às políticas econômicas adotadas a partir do acordo firmado no Convênio de Taubaté, que teve como objetivo sanar a crise de superprodução do café estabelecendo medidas que valorizassem o preço internacional do produto.<sup>267</sup> Entretanto, para que essa política lograsse sucesso o governo assumiu alguns compromissos que, a médio e longo prazo, comprometeram as contas públicas consideravelmente:

Para tanto, os objetivos assumidos diziam respeito à compra de excedentes pelo governo para estabelecer o equilíbrio entre a oferta e a demanda; o financiamento dessas compras por empréstimos de bancos estrangeiros; o pagamento do serviço desses empréstimos por meio da cobrança de um novo imposto sobre a exportação do café; e a adoção de medidas destinadas a desencorajar a expansão das plantações.<sup>268</sup>

O resultado de tais medidas, segundo os anarquistas, foi a desvalorização da moeda nacional às custas de elevados empréstimos internacionais que mantinham um equilíbrio artificial da balança comercial externa pois, conforme afirma Toledo, “quando ocorria uma alta cíclica no preço do café, os ganhos ficavam retidos pelos empresários”, enquanto o prejuízo provocado pela alteração na taxa cambial “era transferido pela grande massa consumidora, para aqueles que pagavam pelas importações, isto é, pela coletividade brasileira”,<sup>269</sup> num fenômeno que Celso Furtado chamou de “socialização das perdas”.

Ainda que um *boom* econômico tenha acometido o país no período entre 1910 e 1913, o lucro disso ficava nas mãos dos grandes cafeicultores e o que retornava para a população em geral eram inflação, aumento nos preços dos aluguéis e nos preços dos bens primários, afetando diretamente o acesso das camadas populares aos itens básicos de subsistência. Perante um quadro onde o Estado privilegiava a manutenção dos lucros das oligarquias cafeeiras em detrimento da oferta de condições mínimas de saúde, alimentação e moradia para a massa trabalhadora, seja ela rural ou urbana, os anarquistas passaram a defender que o sistema capitalista no Brasil “alcançava níveis nunca vistos de exploração, pelo fato de se

<sup>266</sup> GOULART, Kaio César. *Trabalhadores contra a carestia de vida: apontamentos sobre a historiografia dedicada aos estudos dos movimentos sociais de 1913 e 1917 na cidade do Rio de Janeiro*. Aedos, n. 13, vol. 5, ago./dez. 2013, p. 153.

<sup>267</sup> RIBEIRO, Fernando. *A política econômica e o convênio de Taubaté na economia cafeeira (1889-1906)*. Pesquisa & Debate, SP, volume 22, número 1 (39) p. 75-93, 2011.

<sup>268</sup> TOLEDO, Francisco Sodero. *Taubaté como palco, o Vale do Paraíba como cenário*. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 4, n. 3, p. 118-137, ago/2008, Taubaté, SP, Brasil, p. 120.

<sup>269</sup> Ibid., p. 123.

basear numa sociedade que ressentia o seu passado colonial e escravista”.<sup>270</sup> De acordo com Oreste Ristori, “se nas plantações reinava uma exploração de tipo semi-feudal, a causa devia ser procurada na sociedade brasileira, dominada por uma elite escravista e pelo clero, o qual constituía a base cultural desta sociedade, graças à sua função pedagógica”.<sup>271</sup>

Portanto, para Edgard Leuenroth e os demais integrantes dos círculos libertários em que ele e *A Lanterna* faziam parte, só haveria o fim da exploração capitalista e o surgimento de uma nova sociedade, justa e igualitária, se os pilares que sustentavam a estrutura hierárquica da exploração fossem derrubados. E na base desse sistema estava o clero que, segundo o anticlerical Vianna de Carvalho, em um artigo publicado na capa da edição de número 137 da *Lanterna*, “A ambição clerical possui uma elasticidade incomensurável. A conquista dos bens temporais, do luxo, da vaidade, quer adicionar a subjugação das consciências”.<sup>272</sup> De acordo com suas ideias, corroboradas pelo corpo editorial do jornal paulistano, para a Igreja não bastava a subjugação do Estado às suas vontades, não bastava ser a base moral do capitalismo, explorando a imbecilidade humana, a religião pretendia eternizar o seu domínio sendo absoluta sobre todas as consciências e sobre todas as riquezas dos povos.<sup>273</sup>

Frente a isso, a mobilização em torno da Campanha contra a carestia da vida foi sendo empregada nas páginas da imprensa. Na mesma edição em que o manifesto anticlerical de Vianna aparecia na capa, a terceira página do número era dedicada quase inteiramente ao chamado dos trabalhadores para protestos contra os altos preços dos gêneros alimentícios e dos aluguéis. Esses chamados, bem como os textos teóricos de ativismo e militância, eram articulados com as gravuras sintéticas e autoexplicativas, como as observadas no Conjunto de Figuras 2, fazendo com que a informação chegasse com diversas linguagens e atingisse tanto as pessoas mais eruditas, capazes de entender e assimilar a teoria, quanto as pessoas sem alfabetização ou que não entendiam o idioma, que por meio da leitura das imagens também recebiam as mensagens que se queria transmitir. Ângela Martins sintetizou do seguinte modo o papel ocupado pelas imagens na imprensa libertária:

Algumas folhas libertárias tinham espaço quase que permanente para as gravuras, transformando a arte gráfica em linguagem outra não somente para expressar ideias

<sup>270</sup> BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista “La Battaglia” e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos*. Cad. AEL, n. 8/9, 1998, p. 119.

<sup>271</sup> Idem.

<sup>272</sup> CARVALHO, Vianna de. “O anticlericalismo”. *A Lanterna – folha anticlerical e de combate*, n. 137, São Paulo, 06 de maio de 1912, capa.

<sup>273</sup> Idem.

e posições político-ideológicas, mas também para fomentar a revolta e, por conseguinte, a criação de um clima revolucionário, atingindo o leitor/observador em diferentes dimensões da sua sensibilidade, até mesmo nas emoções e nos sentimentos. A arte gráfica publicada nos periódicos anarquistas, portanto, apareceu como parte integrante de um conjunto de manifestações culturais que visava mobilizar, conscientizar e promover o engajamento do conjunto dos explorados na revolução social que levaria à transformação da sociedade.<sup>274</sup>

O tom adotado na Campanha contra a carestia da vida, de união dos trabalhadores contra a estrutura social que os explorava e que tinha a Igreja como sustentáculo, foi o discurso que prevaleceu nos anos seguintes da *Lanterna*, até a interrupção das suas atividades em novembro de 1916. Nas gravuras, observa-se que os desenhos mais humorísticos, que buscavam zombar dos religiosos e colocá-los em situação de constrangimento são substituídos, cada vez mais, por traços politizados de aspecto panfletário, que deixava transparecer uma necessidade urgente de organização e mobilização de classe para lidar com os problemas que emergiam no contexto da década de 10. Dentre esses problemas destacam-se a Primeira Guerra Mundial e a crise que assolou a sociedade paulistana em decorrência do conflito.

### 3.3. “De porta da Europa”: *A Lanterna* diário e a Primeira Guerra Mundial

O ano de 1913 pode ser encarado como um divisor de águas dentro da segunda fase do jornal *A Lanterna*. O periódico vinha de intensas mobilizações ocorridas nos anos anteriores, como o Caso Idalina e a Campanha Contra a Carestia da Vida, que o haviam colocado em evidência perante a imprensa e o público operário. Os balanços financeiros apresentados no final de 1912 mostravam que o jornal estava fechando suas publicações com saldos positivos, gastando em média 450 mil cruzeiros com cada número e angariando em média 600 mil cruzeiros com assinaturas, vendas avulsas e subscrições voluntárias (o que fazia com que os valores oscilassem para cima ou para baixo).<sup>275</sup>

Pode-se supor que tal equilíbrio financeiro, algo visto sempre como um desafio para a imprensa operária publicada de forma quase artesanal, tenha motivado o corpo editorial do jornal a colocar em prática uma “ardente aspiração” que existia havia muito tempo, de

<sup>274</sup> MARTINS, Angela Maria Roberti; SOUZA, Ingrid S. Ladeira de. O tema da guerra em imagens na imprensa anarquista: “lendo” algumas gravuras (1906-1917). *Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes* – UNIGRANRIO. Vol. 1, n. 15, 2017, p. 79.

<sup>275</sup> Esses balanços eram publicados esporadicamente, o que dificulta a execução de uma análise mais aprofundada baseada nos valores movimentados pelo jornal.



transformar *A Lanterna* em diário, visto a “necessidade de tornar mais intensa a propaganda”.<sup>276</sup> Embora essa ambição nunca tenha de fato sido alcançada por conta das dificuldades financeiras (o jornal continuou sendo publicado semanalmente até 1915, quando circulou mais esporadicamente), a campanha para que *A Lanterna* se tornasse diário foi um dos temas que agitaram as páginas do periódico ao longo de 1913, juntamente à continuação da Campanha contra a Carestia.

Se o equilíbrio das contas pode ter sido um dos motivos que levou *A Lanterna* a sonhar em se tornar diário, os déficits apresentados nos balanços divulgados em 1913, devido a uma série de iniciativas em que o jornal esteve envolvido e devido à própria refração econômica que o país experimentou no período, foram os motivos que frearam os intentos da folha em se expandir. O balanço publicado em janeiro de 1913, na edição de número 173,<sup>277</sup> revelava um aumento na arrecadação dos pagamentos de assinaturas e vendas avulsas seguido por um aumento substancialmente maior nos custos de produção da folha.

Esses custos foram discriminados como sendo provenientes dos gastos com as viagens dos correspondentes para o interior de São Paulo e para o Rio de Janeiro (viagens que tinham por objetivo tanto expandir as campanhas difundidas pelo jornal como recolher os pagamentos das assinaturas e angariar novos assinantes), do encarecimento das matérias-primas e dos custos de impressão, bem como do aumento do aluguel das dependências de onde o jornal era publicado e até mesmo do aumento nos custos de produção (e da constante crise do papel, nacional e importado) e compra dos clichês de onde eram retiradas as gravuras do periódico, que foram utilizadas em maior número naquele ano. Uma possível expectativa do corpo editorial de que esses déficits significariam investimentos necessários para que *A Lanterna* entrasse em sua nova fase, a diária, e as incertezas quanto ao desenrolar da conjuntura econômica do país podem explicar o agravamento da situação econômica do jornal no decorrer do ano.

Todos esses fatores configuraram um quadro de crise financeira na *Lanterna*, ratificado por um chamado que constava na capa do número 227, publicado em janeiro de 1914, onde o jornal argumentava que, ou os assinantes depositavam os valores referentes às assinaturas ou a folha não conseguiria dar continuidade aos seus trabalhos.<sup>278</sup> Retomando a atenção para o centro desta pesquisa, as gravuras, foi possível verificar como a situação refletia diretamente na utilização em maior ou menor escala dos desenhos. Enquanto até 1913,

---

<sup>276</sup> “A Lanterna transformada em diário?”. *A Lanterna*, n. 172, São Paulo, 04 de janeiro de 1913, p. 2.

<sup>277</sup> *A Lanterna*, n. 173, São Paulo, 11 de janeiro de 1913, p. 4.

<sup>278</sup> *A Lanterna*, n. 227, São Paulo, 24 de janeiro de 1914, capa.

quando o periódico passava por uma curva ascendente, as imagens eram publicadas em maior número, a partir de 1914 elas vão se tornando cada vez mais escassas, até serem publicadas vez ou outra nos últimos números.

As tentativas de contornar as barreiras econômicas que haviam se tornado um empecilho para a publicação das gravuras se deu com readaptações de outros desenhos que já haviam circulado em edições anteriores e com a impressão de ilustrações feitas voluntariamente por apoiadores do jornal. No exemplar de número 11, publicado em dezembro de 1909, *A Lanterna* anunciou, na coluna “Pequenos Ecos”, que um correligionário havia enviado dois desenhos que agradaram muito e seriam aproveitados em momentos oportunos.<sup>279</sup> Na edição de número 15 (já apresentada no Capítulo 2), publicada em janeiro de 1910, o jornal volta a informar que vinha recebendo vários desenhos dos seus correligionários, “alguns em papel pautado e feitos com tinta ordinária, o que nos impede de os aproveitarmos, ainda que aceitáveis quando à forma e a ideia”, e completa fazendo um pedido: “Pedimos aos nossos amigos que queiram ver aproveitadas as suas produções o favor de desenharem sobre papel branco sem linhas ou riscos e com tinta nanquim ou da China”.<sup>280</sup>

As gravuras também eram vendidas em pacotes ou avulsas (como mostrado no Capítulo 1) para tentar complementar a arrecadação do jornal, medida que foi colocada em prática constantemente, o que permite conjecturar que ela atingia algum grau de sucesso devido ao apelo que os desenhos tinham com o público do jornal. Outra questão que provocou a diminuição do número de imagens foi o desenrolar da Primeira Guerra Mundial, pois *A Lanterna* passou a dedicar páginas para relatar o que ocorria nos fronts, relatos que ocorriam sobretudo na coluna “De porta da Europa”, escrita pelo colaborador Neno Vasco enquanto este vivia em Portugal.

No que se refere ao conteúdo dessas gravuras, a tônica era o apelo à união dos proletários para derrubar a estrutura social que era a causa primeira da exploração e das mazelas enfrentadas por eles. No Conjunto 4, cujas imagens foram retiradas dos anos de 1913, 1914, 1915 e 1916, fica evidente a recorrência na pauta da organização dos trabalhadores contra seus inimigos históricos, os padres, os capitalistas e os representantes do Estado. Esses elementos são identificáveis nas imagens abaixo, onde se pode observar membros da Igreja, aliados à burguesia e à força repressora do Estado, fugindo assustados da bandeira do livre pensamento e da união do proletariado (Figura 34 e 35) ou, em outra, onde essas três representações da união clerical estão se divertindo alegremente enquanto os trabalhadores

---

<sup>279</sup> *A Lanterna*, n. 11, São Paulo, 25 de dezembro de 1909, p. 4.

<sup>280</sup> *A Lanterna*, n. 15, São Paulo, 22 de janeiro de 1910, p. 4.

oprimidos expandem a “fogueira purificadora” que os libertará (Figura 36). Destaca-se também a continuação do uso da metáfora luz e sombra em todas essas figuras apresentadas, característica desses recursos gráficos, como enfatizou Gombrich,<sup>281</sup> e que *A Lanterna* faz largo uso em suas páginas.

#### CONJUNTO 4

**Figura 34 – A luz do livre pensamento**



**Fonte:** *A Lanterna*, n. 179, SP, 22/02/1913, capa.

Legenda: Os abutres fugindo espavoridos à luz do sol que os ofusca.

<sup>281</sup> GOMBRICH, E. H. “O arsenal do cartunista” In.: *Meditações sobre um cavaleiro de pau*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 138.

**Figura 35 – União do proletariado**

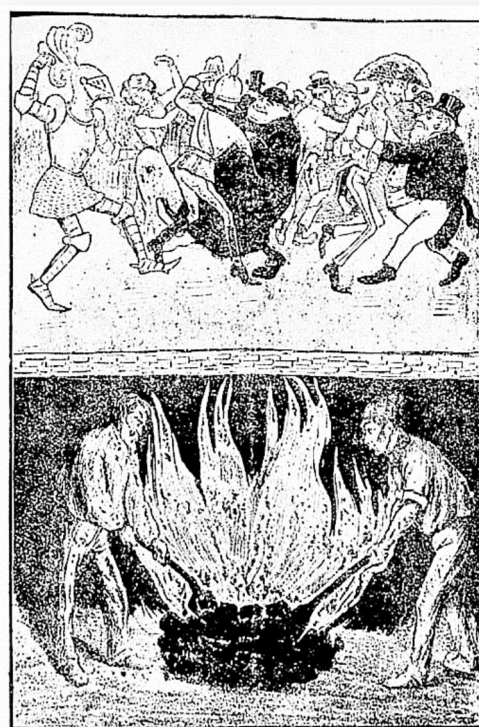


Os elementos da tirania fugindo à falange inovadora

**Fonte.** *A Lanterna*, n. 189, SP, 1º/02/1913, capa.

Legenda: Os elementos da tirania: fugindo a falange inovadora

**Figura 36 – Fogueira purificadora**



— Diverti-vos, diverti-vos! enquanto não vos atingem as chamas da fogueira purificadora que os povos oprimidos acendem...

**Fonte.** *A Lanterna*, n. 196, SP, 21/06/1913, capa.  
Legenda: - Diverti-vos, diverti-vos! Enquanto não vos atingem as chamas da fogueira purificadora que os povos oprimidos acendem...

**Figura 37 – Ideal libertário**



Todos se esforçam por manietá-lo ; mas ele desenvolve-se, prepara-se e...



... dia virá em que, partindo todos os liames, triunfará escorraçando os tiranos.

**Fonte:** *A Lanterna*, n. 227, SP, 24/01/1914, capa.

**Legenda:** Todos se esforçam por manietá-lo; mas ele desenvolve-se, prepara-se e dia virá em que, partindo todos os liames, triunfará escorraçando os tiranos.



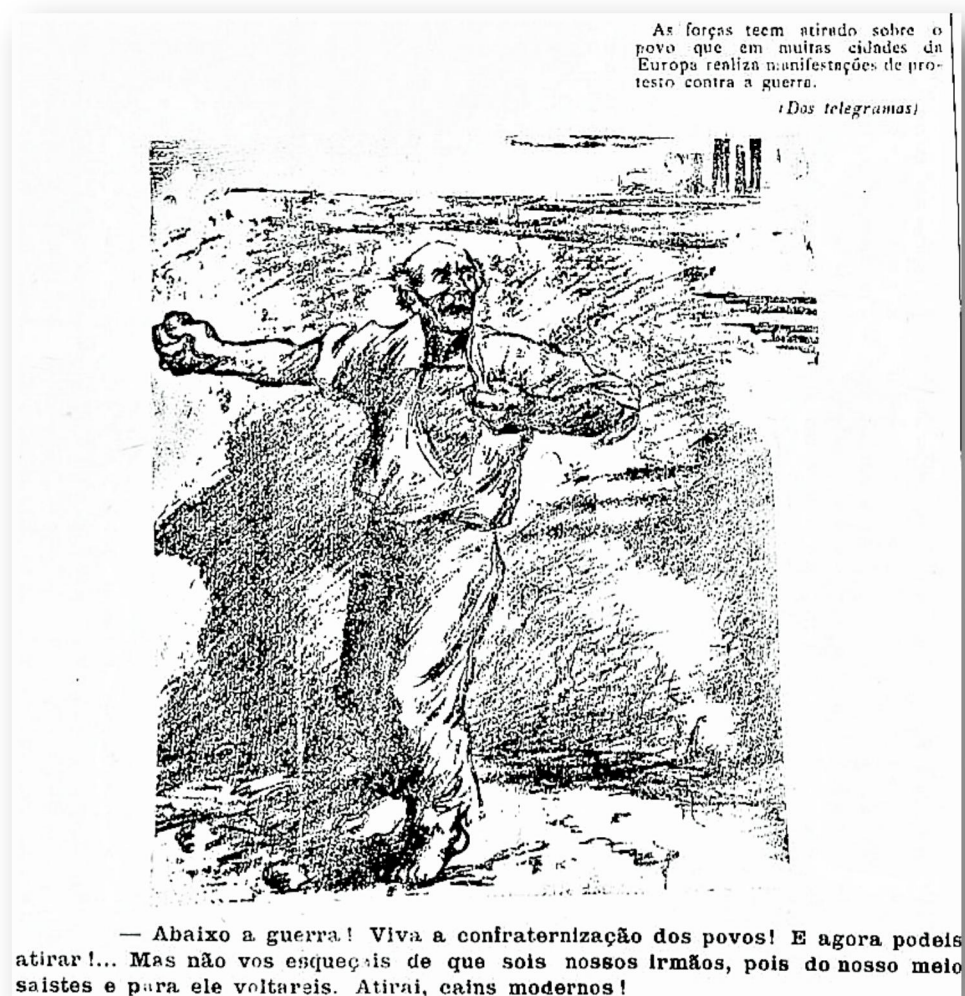
Figura 38 – A força reprimida



**Fonte.** *A Lanterna*, n. 241, SP, 01/05/1914, capa.

Legenda: Oxalá... tenha ele logo consciência da sua força!...

**Figura 39 – Cains modernos**

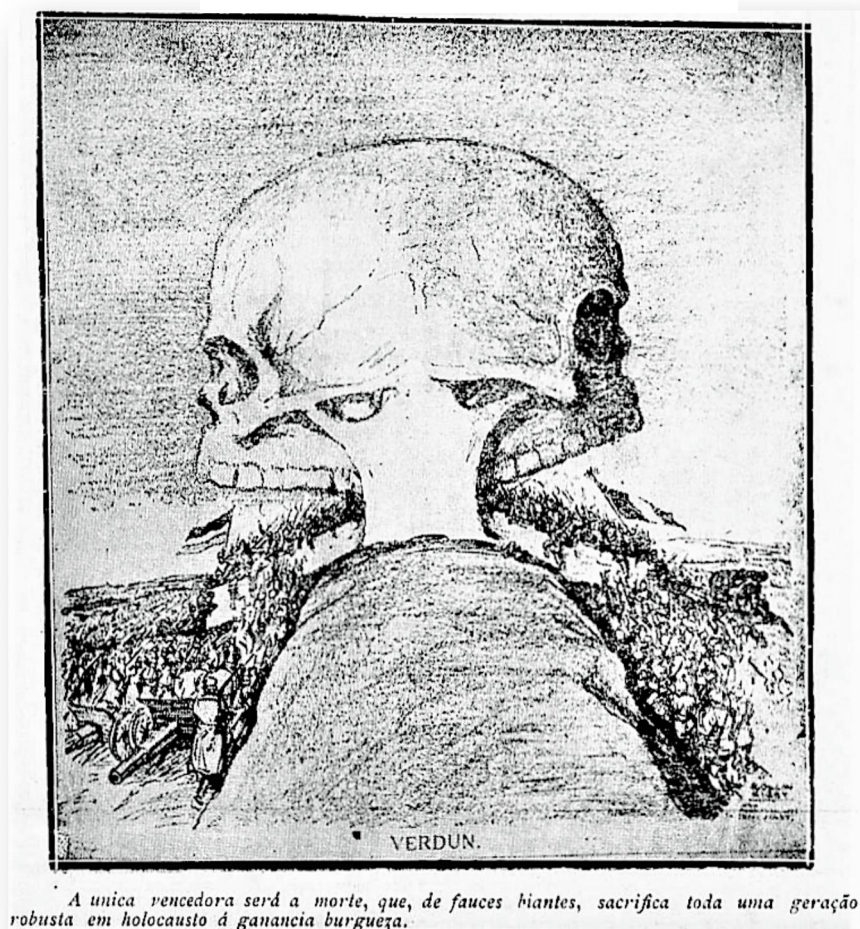


**Fonte.** *A Lanterna*, n. 254, SP, 02/08/1914, capa.

**Legenda:** - Abaixo a guerra! Viva a confraternização dos povos! E agora podeis atirar!... Mas não vos esqueçais de que sois nossos irmãos, pois do nosso meio saístes e para ele voltareis. Atirai, cains modernos!



**Figura 40 – As faces da guerra**



**Fonte.** *A Lanterna*, n. 288, SP, 15/04/1916, capa.

Legenda: A única vencedora será a morte, que, de fauces biantes, sacrifica toda uma geração robusta em holocausto à ganância burguesa.

Os editores da *Lanterna* utilizaram o jornal para mobilizar o proletariado paulistano em prol da luta pelos seus direitos, anunciando comícios, manifestações e passeatas, e aproveitou para, através dos recursos visuais, acusar o quanto a atividade da Igreja contribuía para que tal situação de exploração e pobreza se acentuasse. Nesse sentido, tornaram-se constantes imagens que buscavam conscientizar o trabalhador quanto à exploração monetária efetuada pela Igreja e sua associação com o capitalismo, como é possível ver no conjunto acima.

Ressalta-se também a bandeira do livre-pensamento e a defesa dos ideais libertários, inseridos nas Figuras 34, 35 e 37 (Anexos XXII, XXIII e XXV), representando uma mudança significativa na postura do jornal de Leuenroth. Se em outrora o periódico refutava aqueles que o acusavam de defender os ideais anarquistas, argumentando que a defesa era única e



exclusivamente do anticlericalismo e em prol dessa pauta reuniam-se colaboradores de diversas vertentes ideológicas, com o passar do tempo as referências aos libertários e suas ideias vão se tornando cada vez mais abertas e acentuadas dentro do jornal.

Já nas Figuras 39 e 40 (Anexos XXVII e XXVIII), o que se observa são críticas contundentes à Guerra e ao modo como ela matava, principalmente, os pobres trabalhadores em detrimento dos lucros e dos caprichos do clero e da burguesia. As duas figuras foram estampadas em edições dedicadas a tratar das diversas calamidades que estavam assolando o mundo por consequência da Guerra, atribuindo o conflito à soma de dois elementos que enfraqueciam a humanidade: militarismo e pátria. Na mesma edição em que a Figura 40 estava inserida foi publicado também um artigo de um correspondente, cujo nome assinado era Isauro Peixoto, alertando sobre os perigos que a devoção às armas e à pátria representava, segundo ele “Assim como os capitalistas têm por pátria o dinheiro, e por inimigos os concorrentes, vós também, operários, deveis ter por pátria a Liberdade e por inimigo comum o Capitalismo açambarcador”.<sup>282</sup> E prossegue dizendo:

“Operários do mundo inteiro, uni-vos!”. Sim! Uni-vos como uma só família, desprezando os preconceitos de raças, para opordes às leis artificiais dessa burguesia assafardanada (sic), as vossas, que são as naturais, e por isso mesmo as mais justas. Alijai para bem longe do vosso coração o amor a essa pátria. Substitui esse amor por outro, muito mais sublime, que é o amor à humanidade!<sup>283</sup>

Deste modo, *A Lanterna* se colocou em uma posição consonante ao que defendiam os anarquistas brasileiros, contrária a guerra e em constante campanha contra o serviço militar obrigatório no Brasil. As gravuras de morte, dor e sofrimento eram utilizadas para mostrar ao público que, para além da propaganda nacionalista efetuada pelas grandes nações havia uma irreparável perda humana que os conflitos deixavam por onde passavam. Ângela Martins, ao estudar as imagens sobre a Primeira Guerra Mundial publicadas na imprensa anarquista brasileira, destacou que as gravuras operaram “no sentido de denunciar as implicações brutais da guerra para os indivíduos e mesmo para as sociedades, reforçando que a condecoração militar nada valia na luta pela sobrevivência” e que a única recompensa seria dor e sofrimento.<sup>284</sup>

<sup>282</sup> PEIXOTO, Isauro. “Militarismo, Pátria e Questão Social”. *A Lanterna – folha anticlerical e de combate*, n. 288, São Paulo, 15 de abril de 1916, p. 3.

<sup>283</sup> Idem.

<sup>284</sup> MARTINS, Ângela Maria Roberti; SOUZA, Ingrid S. Ladeira de. O tema da guerra em imagens na imprensa anarquista: “lendo” algumas gravuras (1906-1917). *Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO*. Vol. 1, n. 15, 2017, p. 84.

Por fim, mesmo com todos os problemas que acometiam o jornal e que o levaram a encerrar suas atividades no final de 1916, *A Lanterna* não perdeu de vista seu alvo prioritário e nem seu caráter satírico e ácido. Uma das últimas gravuras que esteve presente em sua segunda fase, na edição de número 290, retomava justamente o humor crítico com o qual o jornal surgiu e que lhe tornou característico. A Figura 41 (Anexo XXIX), a mesma que está presente no Capítulo 1 como Figura 1, sintetiza a importância que as gravuras tiveram na transmissão de mensagens simples e sintéticas para os mais variados públicos nas páginas da folha anticlerical de maior sucesso do Brasil durante a Primeira República.

**Figura 41 – Entre dois ladrões**



**Fonte.** *A Lanterna*, n. 290, São Paulo, 22/07/1916, p. 3.

Legenda: - Qual é a vossa última vontade, irmão?

- Que vos mantenhais onde estais, um de cada lado.

- Porque, irmão?

- Porque quero morrer como Jesus: entre dois ladrões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi fazer o levantamento e análise das imagens publicadas no jornal libertário paulista *A Lanterna – folha anticlerical e de combate*, durante sua segunda fase, que vai de 1909 a 1916, a fim de entender quais eram os elementos que compunham as representações do periódico, como eles estavam inseridos em meio à estratégia de combate ao clericalismo e qual o papel que essa iconografia desempenhou na economia do jornal, situando-a frente aos demais conteúdos nele publicados.

A investigação procurou verificar a hipótese de que um dos intuitos do jornal seria denunciar (tanto nos textos quanto nas imagens, sendo a segunda nosso foco de análise) as contradições existentes entre discurso e prática religiosa, visando destituir a autoridade que os clérigos possuíam sobre as pessoas (em especial operários e imigrantes) para que, através da pedagogia emancipadora, pudessem propor um novo modelo de sociedade baseado nos valores dos grupos libertários.

O primeiro ponto que chamou a atenção em *A Lanterna* foi o espaço privilegiado que as gravuras dispunham no jornal. Eram publicadas geralmente em primeira página, quase sempre em dimensões médias ou grandes, ocupando de duas a quatro colunas da capa do periódico. O recurso gráfico utilizado nelas era a charge e a caricatura, fazendo largo uso do humor ácido e satírico, como bem manda a tradição desse tipo de desenho. Por vezes as representações traziam uma crítica mais leve, de característica pedagógica para facilitar a assimilação. Em outros momentos o conteúdo era de forte teor acusatório, contundente, para gerar revolta e tentar mobilizar a camada operária para a luta contra a exploração imposta, segundo *A Lanterna*, pelos clérigos e capitalistas, principais inimigos do trabalhador e do livre pensar.

O apelo dessas imagens era tamanho que, nas edições em que, por algum motivo, elas não eram publicadas, o jornal soltava uma nota comunicando o motivo da ausência e, em determinadas ocasiões, dando uma prévia do que estaria por vir nos números seguintes. A análise dos conteúdos dessas gravuras permitiu que se organizasse uma classificação, separando as imagens que apareciam com recorrência em dois grandes eixos temáticos articulados por duas grandes campanhas que mobilizaram os esforços do jornal durante um longo tempo.

O primeiro eixo abordava o tema da luxúria clerical e teve no Caso Idalina sua maior

representação. *A Lanterna* utilizou o sumiço da jovem, que supostamente teria sido vítima de estupro e assassinato cometido por um Padre dentro do maior orfanato de São Paulo, para difundir a ideia do perigo que os eclesiásticos representavam para a sociedade. Nas imagens e nos textos relacionados ao ocorrido com Idalina, era comum o alerta de que a “continência e a abstenção” sexual dos clérigos levavam-nos a um estado incontrolável de desejo que poderia ser extravasado a qualquer momento, um risco, portanto, a qualquer pessoa que convivesse com eles.

Nesse caso, a utilização das caricaturas foi fundamental dentro da estratégia do jornal de difundir a ideia de deturpação moral e ética dos religiosos. Para *A Lanterna*, mais efetivo do que descrever em textos as características libidinosas dos padres era desenhá-los com feições animais, traços distorcidos, provocando um apelo e uma inserção social maior, pois essas imagens também eram vendidas avulsas e poderiam ser entendidas também pelo público iletrado e imigrante.

O segundo tema que apareceu com maior recorrência durante a segunda fase da *Lanterna* foi a denúncia à exploração dos trabalhadores pelo clero e pelos capitalistas. Nesse eixo, a tônica era o apelo à união dos proletários para derrubar a estrutura social vigente, tida como causa primeira das mazelas enfrentadas por eles. A mobilização que protagonizou tal empreitada foi a Campanha Contra a Carestia da Vida, simbolizada por imagens constantes que buscavam associar a Igreja ao capitalismo e a crise econômica pela qual a sociedade paulistana passava no período, em decorrência da conjuntura internacional conflituosa que desembocaria na Primeira Guerra Mundial.

Foi nesse período que o jornal foi deixando de lado a postura de neutralidade política pregada inicialmente (que visava agregar indivíduos das mais diversas correntes em torno da bandeira do anticlericalismo) para, cada vez mais, explicitar sua adesão aos ideais libertários. Deste modo, passou a utilizar cada vez mais dos conteúdos que eram compartilhados no circuito ibero-americano de comunicação anarquista, como gravuras que mostravam os trabalhadores se levantando contra seus exploradores, influenciados pela “chama dos libertários”, pela “bandeira do livre pensamento” ou pela “tomada de consciência” do proletariado internacional.

Os problemas enfrentados por Edgard Leuenroth e pela própria *Lanterna* nesse momento (como a perseguição política e a crescente falta de recursos), ocasionaram diversos problemas para o funcionamento do jornal, como pequenas interrupções na publicação dos exemplares, que em determinados momentos, a partir de 1915, saíram quinzenalmente ou mensalmente. A sede da redação foi mudada por duas vezes em um curto período, o número

de gravuras publicadas se tornou cada vez menor até que, no dia 19 de novembro de 1916, o último exemplar do jornal foi colocado em circulação, encerrando as atividades do impresso.

Conclui-se, portanto, que *A Lanterna* participou ativamente das disputas políticas e sociais que marcaram o período da Belle Époque paulistana. Em meio à modernidade que se instalava numa velocidade voraz, acompanhada do Regime Republicano em fase de consolidação, diversos grupos buscaram fazer valer suas ideias e seus projetos da nova sociedade que se pretendia construir. No tocante aos anarquistas e aos anticlericais, não resta dúvida que tinham no jornal de Leuenroth seu porta-voz e uma de suas principais ferramentas de mobilização. Na luta que foi travada contra a Igreja, se sobressaiu a disputa pelo imaginário social, em que os dois lados se esforçaram para construir imagens degenerativas do outro de modo a angariar cada vez mais adeptos às suas causas. Logo, a forma como as gravuras transmitiam essas mensagens de maneira sintética e pedagógica, atingindo um público significativo, fez com que os desenhos tivessem um espaço indispensável dentro da estratégia de atuação do jornal anticlerical mais importante de São Paulo durante a Primeira República, *A Lanterna*, folha anticlerical e, sobretudo, de combate.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERT, P.; TERROU, F. *História da Imprensa*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1990.
- ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde de. “A República Cristã: fé, ordem e progresso”. In.: *A República no Brasil e em Portugal (1889-1910)*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.
- ALMEIDA JUNIOR, Antônio Ferreira de. “O ensino livre de Leôncio de Carvalho; o ensino superior brasileiro entre 1879 e 1895”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 18, n° 47, jul./set., 1952.
- ALVES, Manoel. *A escola católica, uma história de serviço ao povo e à nação brasileira*. Revista Diálogo Educacional, vol. 3, núm. 7, setembro-dezembro, 2002.
- ANDRADE, Carlos Eduardo Frankiw de. *Blasfemos e sonhadores: ideologia, utopia e sociabilidades nas campanhas anarquistas em “A Lanterna” (1909-1916)*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2009.
- BAHIA, Juarez. *História, jornal e técnica: História da imprensa brasileira, volume 1*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. Tese de Doutorado, Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- BARBUY, Heloisa. *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: EDUSP, 2006.
- BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Voltolino e as raízes do modernismo*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1992.
- BILHÃO, Isabel. *Imprensa e educação operária: análise da difusão do ensino racionalista em jornais anarquistas brasileiros (1900-1920)*. Educação Unisinos, vol. 20, núm. 2, maio/agosto, 2016.
- BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe. Os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920)*. Tese de Doutorado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista “La Battaglia” e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos*. Cad. AEL, n. 8/9, 1998.
- BRAGLIA, Nádia Christina. *Pauliceia de ontem: o viver urbano na Belle Époque paulistana*. Projeto História, n° 40, junho de 2010.
- BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891. Promulgada em 24 de 1891. Brasília, DF: Presidência da República, 1891.
- \_\_\_\_\_. *Decreto n° 119-A, de 7 de janeiro de 1890*. Brasília, DF: Presidência da República – Casa Civil, 1890.
- BRITO, Rose Dayanne Santos de. *No rastro de Benjamin Mota: a defesa das leis sociais e direitos políticos na primeira república (1901-1904)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas. Programa de Pós-Graduação em Direito. Florianópolis – SC, 2016.

- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.
- CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- CAMPOS, Candido Malta; GAMA, Lúcia Helena; SACCHETTA, Vladimir. (Orgs.). *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais*. São Paulo: Editora Senac, 2004.
- CARONE, Edgard. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.
- CARVALHO, Vianna de. “O anticlericalismo”. *A Lanterna – folha anticlerical e de combate*, n. 137, São Paulo, 06 de maio de 1912.
- COLBEN, Ilka Stern. “Diversificação e segmentação dos impressos” In.: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- COSTA, Alexandre. *A invisibilidade da imagem*. São Paulo: PUC-SP, Tese de Doutorado, 2011.
- CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana - 1890-1915*. São Paulo: Educ; arquivo do Estado de São Paulo: Imprensa oficial; 2000.
- \_\_\_\_\_; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. Projeto História, São Paulo, n. 35, 2007.
- CUTHOYS, Ann; LAKE, Marilyn. *Connected Worlds. History in Transnational Perspective*. Canberra: ANU E Press, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Por uma história transnacional da imprensa anarquista e anticlerical: a repercussão do caso Ferrer pelas páginas subversivas argentinas, brasileiras e espanholas (1909-1916)*. Oficina do historiador, Porto Alegre: EDIPUCRS, 27 a 29/05/2014.
- DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Orgs.). *A Revolução Impressa: A Imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- DEAECTO, Marisa Midori. *Os primórdios da imprensa paulista: José da Costa Carvalho, fundados de O Farol Paulistano (1827-1831)*. Revista de História Regional 12(2): 29-50, Inverno, 2007.
- DE PAULA, Amir El Hakim. *Os operários pedem passagem! A geografia do operário na cidade de São Paulo (1900-1917)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 2005.
- DI STEFANO, Roberto. “Anticlericalismo y secularización em la Argentina”. In: *Creencias, Política y Sociedad*, n. 124, Buenos aires, 2009.
- \_\_\_\_\_, Roberto; ZANCA, José. *Pasiones anticlericales: um recorrido ibero-americano*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: DIFEL, 1976.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil (1880-1920)*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- FREGONI, Olga Regina. *Educação e resistência anarquista em São Paulo: a sobrevivência das práticas da educação libertária na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1920-1945)*. Dissertação de mestrado, São Paulo: PUC-SP, 2007.
- GALLO, Sílvio. *Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna*. Pro-Posições, v. 24, n. 2, p. 241-251, mai/ago. 2013.
- GALLOTA, Brás Ciro. *São Paulo aprende a rir: a imprensa humorística entre 1839-1876*. Tese de Doutorado, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

- GINZBURG, C. “De A. Warburg a E. H. Gombrich. Notas sobre um problema de método”. In.: *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GOMBRICH, E. H. “O arsenal do cartunista” In.: *Meditações sobre um cavaleiro de pau*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- GONÇALVES, Marcos. *Afinidades republicanas na era do anticlericalismo: Brasil, Portugal e a “questão jesuítica” de novembro de 1910*. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 15, n. 23, 2º sem. 2014.
- GONZÁLEZ, Manuel Revuelta. “El anticlericalismo español en el siglo XIX”. In: ALBERT, Paul (Org.). *Religión y sociedad en España (siglos xix y xx)*. Madrid: Casa de Velázquez, 2002.
- GOULART, Kaio César. *Trabalhadores contra a carestia de vida: apontamentos sobre a historiografia dedicada aos estudos dos movimentos sociais de 1913 e 1917 na cidade do Rio de Janeiro*. Aedos, n. 13, vol. 5, ago./dez. 2013.
- GUALBERTO, Edney dos Santos. *Vanguarda Sindical: União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo (1919-1935)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- GUIMARÃES, Valéria. *Notícias diversas: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez*. Campinas: Mercado das letras, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Da história comparada à história global: imprensa transnacional e o exemplo do Le Messenger de São Paulo*. Revista do IHGB, Rio de Janeiro, a. 176, n. 466, p. 87-120, jan./mar. 2015.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!: memória operária, cultura e literatura no Brasil*. 3ª Ed., São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A estratégia do desterro. Situação operária e contradições da política cultural anarquista, Brasil: 1889-1922*. Dissertação de Mestrado, Campinas: UNICAMP, 1980.
- HOBBSAWM, E. J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira, Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- KHOURY, Yara Maria Aun. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária – imprensa, memória e militância anarcossindicalistas*. Tese de doutorado. São Paulo: Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1988.
- LEITH, James. “Impressos efêmeros: educação cívica através de imagens” In.: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Orgs.). *A Revolução Impressa: A Imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- LOPREATO, Christina. *O (des) encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos de Edgard Leuenroth*. Verve, 15, 2009.
- LUIZZETTO, Flávio. *Utopias anarquistas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- MARCONI, Juliana Guedes dos santos. *As luzes d’A Lanterna: iluminismo educacional e educação anarquista em edições de um jornal libertário paulistano*. São Carlos: UFSCar, 2016.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- \_\_\_\_\_; LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- MARTINS, Angela Maria Roberti; SOUZA, Ingrid S. Ladeira de. *O tema da guerra em imagens na imprensa anarquista: “lendo” algumas gravuras (1906-1917)*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO. Vol. 1, n. 15, 2017.



- MERINO, Julio De La Cueva. "Movilización política e identidade anticlerical, 1898-1910". *Ayer*, n. 27, 1997.
- MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MOTA, Benjamim. "Aos amigos e conhecidos". *A Lanterna*, n. 1, São Paulo, 17 de outubro de 1909.
- MOURA, Sérgio Lobo de; ALMEIDA, José Maria Gouvêa de. "A Igreja na Primeira República". In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira: Tomo III - o Brasil republicano (vol. 2)*. São Paulo: DIFEL, 1985.
- MUTARELLI, Isadora. *O Furão – um jornal da boemia paulistana (1910-1925)*. Dissertação de Mestrado. Franca, SP: Universidade Estadual Paulista, 2018.
- NABUCO, Joaquim, s/d, p. 36 apud SOUZA, Ricardo Luiz. *Tradição, identidade nacional e modernidade em Joaquim Nabuco*. Anos 90, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 319-346, jan/dez, 2004.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NERY, Laura. *Grotesco, caricatural, pornográfico: notas sobre a insubmissão da forma*. Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, n. 08, dez. 2016.
- NETO, Vitor. "Igreja Católica e anticlericalismo (1858-1910)". In: *A República no Brasil e em Portugal (1889-1910)*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.
- OLIVEIRA, Walter da Silva. *Narrativas à luz d'A Lanterna: anticlericalismo, anarquismo e representações*. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 2008.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- PEIXOTO, Isauro. "Militarismo, Pátria e Questão Social". *A Lanterna – folha anticlerical e de combate*, n. 288, São Paulo, 15 de abril de 1916.
- PEIXOTO, Maitê. *Identidades figuradas na cultura do trabalho: a partilha da experiência visual e a construção da identidade operária através da produção imagética vinculada à imprensa operária e sindical no Brasil (1910-1935)*. Tese de doutorado, Porto Alegre: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016.
- PENTEADO, João. "Impressões de viagem: notas de um peregrino em propaganda pelo interior do Estado". *A Lanterna*, n. 172, São Paulo, 04 de janeiro de 1913.
- PERES, Fernando Antônio. *Estratégias de aproximação: um outro olhar sobre a educação anarquista em São Paulo na Primeira República*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2004.
- PILOSU, Mario. *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1995.
- PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- POLLETO, Caroline. *Por uma história transnacional da imprensa anarquista e anticlerical: a repercussão do caso Ferrer pelas páginas subversivas argentinas, brasileiras e espanholas (1909-1916)*. Oficina do Historiador, suplemento especial, Porto Alegre, 27 a 29/05/2014, p. 128-146.
- \_\_\_\_\_. *A imaginação subversiva ao redor do mundo: imagens, poesias e contos de protesto na imprensa anarquista e anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936)*. Tese de doutorado. São Leopoldo-RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.

- RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil: 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- REMOND, René. "Anticlericalism: some reflections by Way of Introduction". In: *European Studies Review*, SAGE, Beverly Hills and New Delhi, vol. 13, 1983.
- RIBEIRO, Fernando. *A política econômica e o convênio de Taubaté na economia cafeeira (1889-1906)*. Pesquisa & Debate, SP, volume 22, número 1 (39) p. 75-93, 2011.
- QUEIROZ, Suely Robles Reis de. "Política e poder público na cidade de São Paulo". In.: PORTA, Paula (Org.). *História da cidade de São Paulo (Vol. 3)*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- ROMANI, Carlo. *Da Biblioteca Popular à Escola Moderna. Breve história da ciência e educação libertária na América do Sul*. Educação Libertária, São Paulo, v. 1, p. 87-100, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- RUDY, Antonio Cleber. *O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)*. Tese de doutorado, Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.
- SAES, Flávio. "São Paulo republicana: vida econômica" In.: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo (Vol. 3)*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros dias do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Nos tempos de Villa Kyrial*. Revista USP, São Paulo, n. 50, junho/agosto 2001.
- SANTOS, Cristian José Oliveira. *Padres, beatas e devotos; figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira*. Tese de doutorado, Brasília-DF: Universidade de Brasília, 2010.
- SCHMIDT, Afonso. *Voltolino*. Paulistana, São Paulo, mar./abr., 1949.
- SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa*. Tempo online. 2009.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Marcos. *A construção do saber histórico – Historiadores e imagens*. Revista de História. São Paulo: USP, nº 125-126, 1992
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOUZA, Ricardo Luiz de. *O anticlericalismo na cultura brasileira: da Colônia à República*. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: EDUFSC, n. 37, p. 175-199, abril de 2005.
- SOUZA, Wlaumir Doniseti de. *Anarquismo, Estado e pastoral do imigrante. Das disputas ideológicas pelo imigrante aos limites da ordem: o caso Idalina*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- THALASSA, Ângela. *Correio Paulistano: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- TOLEDO, Edilene. *Em torno do jornal O Amigo do Povo: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. CAD. AEL, N. 8/9, 1998.
- TOLEDO, Francisco Soder. *Taubaté como palco, o Vale do Paraíba como cenário*. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 4, n. 3, p. 118-137, ago/2008.
- ULLMAN, Joan Connelly. *La semana trágica*. Barcelona: Editora Ariel, 1972.

VITORINO, Artur José Renda. *Processo de trabalho, sindicalismo e mudança técnica: o caso dos trabalhadores gráficos em São Paulo e no Rio de Janeiro, 1858-1912*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

#### **FONTES**

*A Lanterna – folha anticlerical e de combate* (São Paulo, 1909-1916)

*A Plebe* (São Paulo, 1917)

*O Rebate* (São Paulo, 1898)

#### **SITES**

Arquivo Edgard Leuenroth: <https://www.ael.ifch.unicamp.br/edgard-leuenroth>

Constituição do Brasil (1891): [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao91.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm)

Casa Civil: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm)

## **ANEXOS**































S. PAULO (Brasil)

Sábado, 12 de novembro de 1910

ANNO X — NÚMERO 57

Lançamento, administração e edição  
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL 195

Endereço telegraphico: LANTERNA

Toda a correspondência deve ser dirigida a  
EDGARD LEUENROTH

# A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMÉDIA

Aparece aos sábados

PREÇOS DE ASSINATURAS

ANNUO ..... 10\$000

SEMANTE ..... 0\$800

PAGAMENTO ADIANTADO

Se quiser de qualquer parte e sem  
tarifa de frete de porte do Correio

## ESTRANGULANDO UM MYSTERIO...

### Sustentamos as nossas acusações contra o Orfanato Christovam Colombo — Onde está Idalina?

#### O celibato clerical

Tratado dos sacerdotes referidos ao Orfanato Christovam Colombo, em o n. 5 da Lanterna, tivemos como principal e único motivo principal e mais poderoso para ser os exemplares lançados alguns, em sua terra natal, que envolver o caso Idalina.

Entretanto a seção correspondente da página, que deveria ser a continuação, tem sido com que, após tantos dias decorridos, não houve mais a publicação.

Sobre as diligências feitas para a descoberta de Idalina, aqui, de novo, que as acusações lançadas contra os padres do Orfanato, expostas por todos os leitores, e não, ainda uma, pela imprensa, que se encontram em suas mãos — atestados ao poder — se repetem nos artigos seguintes, a Lanterna, que tem a intenção de continuar.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Mas, uma perseguição como a esta, não é a única que se encontra em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.



Sarah de Mattos

Deliberada e encontrada no Convento das Trêss, em Lisboa, a 23 de julho de 1891

carreiras sobrias da disciplina, mas, uma perseguição como a esta, não é a única que se encontra em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

primeiras diligências da Lanterna, para a descoberta de Idalina, aqui, de novo, que as acusações lançadas contra os padres do Orfanato, expostas por todos os leitores, e não, ainda uma, pela imprensa, que se encontram em suas mãos — atestados ao poder — se repetem nos artigos seguintes, a Lanterna, que tem a intenção de continuar.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

primeiras diligências da Lanterna, para a descoberta de Idalina, aqui, de novo, que as acusações lançadas contra os padres do Orfanato, expostas por todos os leitores, e não, ainda uma, pela imprensa, que se encontram em suas mãos — atestados ao poder — se repetem nos artigos seguintes, a Lanterna, que tem a intenção de continuar.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

primeiras diligências da Lanterna, para a descoberta de Idalina, aqui, de novo, que as acusações lançadas contra os padres do Orfanato, expostas por todos os leitores, e não, ainda uma, pela imprensa, que se encontram em suas mãos — atestados ao poder — se repetem nos artigos seguintes, a Lanterna, que tem a intenção de continuar.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

Em setembro, como já vimos, a Lanterna, que o Orfanato do clero é o único que não em meio das igrejas da terra e parais da sua disciplina, porque o padre, sendo, mais, mais se trata de um crime contra o seu respeito hierárquico.

#### O trabalho da polícia no caso Idalina



— Se não fosse a benevolência política aquelas pobres mães...



**Que trindade!**

Aproveite a papa e nosso conselho...

Para o fim a que se destinam estas esperanças que a festa obtém

## Secondo Rossoni

O nosso amigo Edmundo Romal, que estava sobre nós, na Ap. Branca, a primeira Escola Racionalista, agredida pelos locutores católicos do Asinhal de São Paulo, ao mesmo tempo, Trappist-Miriam W. Brington, Lida, com um bombardeio de ordens sociais, refreou o palanque, no Posto de São Carlos, o 6º sistema da Central, a distância de 13 dias.

Qual o seu critério de seleção?  
Nelson: É essencialmente um. De-  
ta característica a grande maioria  
procurada entre as crianças  
ou pais das famílias de pobres,  
e alguns, a contratação de alguns  
das famílias, como, discípulo  
Francisco Ferrer e de Sotom-  
Major, que não entra em  
conta e procura-se através de  
Jesus, de Barcelona, e entre  
outros, a família de Rocio.

O nome papista Adolfo  
Nascimento, oriundo de uma  
da sua família: Marchalini  
está dito ser de Tróvão-Maria  
em Tróvão de Tróvão e grande

— 22 —

[illegible]

sta e da talagusa per  
me!

[illegible]

...ella non se dà per a

e al mesmo ao lugar, porque se não consegue de ganhar pelo trabalho, e porque tem disposição a tudo secreto, e os comunistas são pessoas de a ver, preferindo que sua vida seja pública!

Ignorante e vaidoso, alheio ao mundo, não consegue ganhar uma boa grana sem violando a constituição e para servir-se, mas dá-se a culpar porque é uma classe útil à sociedade dos capitalistas. Querendo ser comunista.

[illegible]

esta capital, e vai par-  
quando a desobediência aos  
poderes, arrastando-lhes a  
para servirem de chivo  
seguidaria, deputado  
fundamentalista e ríspido que  
tem os bordões e as frases  
diferenciais:

— Mas... não há mal que  
não venha bem que não

...subleito, não há  
sempre a mesma paci-  
ência para alisar as ri-  
tas direito e da sua lre-  
Quando as perseguições  
permanecem sempre, com  
vezes, aparece atual-  
vante a BFM...

**Amigos**

Sobretudo de todos os amig-  
os, com o fim de manter  
nos de volta do Zoológico  
de São Paulo, a seguir mostra  
a política da paróquia, a  
paróquia, cujo nome deverá  
ser o mesmo como a data e o lugar  
público.

Logo de cada uma delas e mo-  
nizadas e para que possam...

O preço para as respostas vai até R\$ 31,30 por hora.

Mulheres no sono levemente sobre a questão que lhes propomos, a mais damos-nos respostas lacônicas, mas bastante claras, que atiram de moedas da hora pensamento.

### Managers do not always

**Os milagres de uma virgem e as gafanices de um canogo**

[illegible][illegible]

seguiu que  
o Estado, em benefício da A  
de estabilidade econômica, pelo  
a partir de 1938-39, que a  
a luta a nível natural, de  
— pelo a secundarizar o setor  
— boa metáfora de Apparatus  
atende aos políticos das fei  
a programar demais instituições  
Jornal do Caspary, Alvaro, as  
nos por um ano...

O segundo ato data de 1938, com  
tanta lucrativa. De uma "pe  
que se dirigiu a alguns pe  
la que se viria.  
corrente, com um simples flui  
de natureza, mas, para alimen  
de Alvaro, em, para refletir

matilha que vendidas fazem  
venda e que, portanto, estão es-  
tando dispostas a desembolsar  
1325000 no fim de cada ano.  
que mantenha essa atividade  
segundo campo, onde tem  
outro serviço e de receber  
das assignaturas.

Que vos parece? Não di-  
da de ser com a da Agri-  
no mesmo por um semestre  
para que não, as lampas, não  
e também nestas virgens para  
alguma vez em benefício da  
coisa?

"Dessa sobre a morte em  
 de Los de Apparellado,  
 o jornal, os outros, a morte  
 os seus e virados cristo  
 passando na vida dos inco  
 A crise seria ministro d  
 já não chega o balcão da  
 recorre também os m  
 cinco ou seis, prolonha  
 e mais alguma coisa...  
 Digamos empalmei  
 porque ali pegi tambem  
 surubina?...  
 Mas voltando ao jornal  
 heve: tudo o que afora

colocar um  
de uma  
a social  
victoria

\_\_\_\_\_

Os trabalhos de recuperação e conservação dos cursos

Palco: 100

to da grande pesada lousa  
monolito. Entre asperas e

|    |                                     |
|----|-------------------------------------|
| 10 | aprendizagem, construção de         |
| 11 | avaliação de habilidades dos alunos |

da poder continuar assim?

...pela volta imbecil José

...por intermédio de

que da  
da do

|                    |  |
|--------------------|--|
| Dea e antipe guard |  |
|--------------------|--|



E' necessario saper A. Co. Arno, M.  
poligra! E' anche, vuole S. Carlo.

654.









## A. LANTERNA

## POLHCTIM

AVELINO FOSCOLO

# O JUBILEU

A estrada, transida apenas por touros e cavalheiros, estava a sósia com diáspora estocada — estocada-se alicerces do vale, de um monte ao outro, Dali, da sombra dasseis juncos de lenda — e sentia-se a beleza da floresta — e a paz na paisagem de neblina, velada a mysterioso selo — a luz do sol e a luz do luar.

[illegible]

Os viajantes quebavam-se em comodidade, ao  
bem estar habitado ali, pois a travessia de es-  
tas calçadas e acuras pedregosas.

Laura filava aquele infante, para quem esta-  
va ao lado do baque, penetrando o olhar através  
do véu de lágrimas e de uma calçada  
edificante-se, tornando misteriosa grata,  
criada em melancolia, curiosa de um bem ditado,  
to, descombrida, jamais depurada, porventura

## O que se faz nos seminários e nas paróquias

Revelações do ex-sacerdote Don Francisco Bigliuzzi



Porque há quem se faça  
pai de 7

[illegible]

AO PÉ DA LETRA

[illegible]

**Loterias da Capital Federal**  
Sabbado, 18 de dezembro

**500 CONTOS** ● — Bilhete inteiro — ● ● 36\$000 ● ●

Sabbado, 18 de dezembro

Os bilhetes já se acham á venda em todas as agencias

## PEQUENOS ÉCOS 479

[illegible]

**Os nossos representantes**

[illegible]

### Para Breves numer

**MECANISMO DE CARANTINAMENTO:** *estudo sobre a sanção de saneamento de S. Paulo.*

**A ESCOLA DO COMMERCE:** *Uma série de artigos sobre esta instituição.*



... de 100 rls. por

**A VINGUETAS** — Comediam  
sobre o amor de Juba, com um  
estêlo, que se publica em São  
Paulista por Francisco Mota,  
poeta.

|                                 |            |                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------------|------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| — Porque saquei-teento leve?    | Aos amigos | Salve-se quem se salvar, em tempo, que o fim do mundo se aproxima de argos e de Lentinas, visto toda e qualquer guerra política do palatinado, e, assim, não soua desfeito assim como a dita e o lugar eubico. |
| — Foi o pijão.                  |            |                                                                                                                                                                                                                |
| — Ah! grande leve! O pijão      |            |                                                                                                                                                                                                                |
| é para se ficar, para que se vá |            |                                                                                                                                                                                                                |

1985-1986: **RESEARCHER OF THE YEAR**

Federal  
pro  
ilhote inteiro ———  
36\$000 ● ●  
ro  
das as agencias

## Cartas e recados

[illegible]

**TABLE 1**

... e, a todos os amigos e amigas que estão presentes, distribui um folheto que contém o conteúdo do artigo. É uma forma de estabelecer um diálogo com a comunidade e de fazer com que todos tenham acesso à informação.

... e, a todos os amigos e amigas que estão presentes, distribui um folheto que contém o conteúdo do artigo. É uma forma de estabelecer um diálogo com a comunidade e de fazer com que todos tenham acesso à informação.

le corps de symétrie d'un ou plusieurs localités de

[illegible]

## ANNUNCIO

**Café Bem Souz**  
 É reconhecida a versão em B  
**TRUUM** (Frage debase) Pra  
 e muito por dentro de e no p  
 lica.

## Motores

a vapor, de 8, 12 e 16 cm.  
na FUNDIÇÃO DO PA  
**F. AMARO**  
Rua Corrêa de Azei  
Telefones: 400

**Vinco Barbera e To**  
**Porco Toscano. 20**

**No CRITERIUM**  
2 — Large do. Boar







































DIRECTOR:  
EDGARD LEUENROTH  
Redação e administração:  
Largo da Sé n. 8 (Bohrajó)  
CAIXA POSTAL, 195  
Endereço telegrafico: LANTERNA  
Toda correspondência ao director

lembrança.  
Rio, 26 - 7 - 94.  
Adress.





